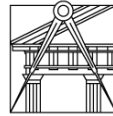




Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Artes Aplicadas



FACULDADE DE ARQUITETURA
LISBON SCHOOL OF ARCHITECTURE
UNIVERSIDADE DE LISBOA

O Contributo do Design Gráfico na Desconstrução da Masculinidade Tóxica Desconstruções de Estereótipos

Mestrado em Design Gráfico

Ana Raquel Marques Lopes, nº 20150259

Orientadores

Professor Doutor José Miguel Gago da Silva

Dissertação apresentada à Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design Gráfico, realizada sob a orientação científica Doutor José Miguel Gago da Silva, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Mai de 2022

Composição do júri

Presidente do júri

Professora Doutora Teresa de Jesus de Olazabal Cabral

Vogais

Professor Doutor José Miguel Gago da Silva

Professor Auxiliar da Escola de Artes da Universidade de Évora

Professora Doutora Sílvia Daniela Passos Soares

Professora Auxiliar na Universidade de Aveiro

Agradecimentos

Gostaria de agradecer em primeiro lugar ao meu orientador Professor Doutor José Miguel Gago da Silva por toda a disponibilidade e confiança depositadas.

Seguidamente à segunda família, o coletivo de Zambra que me acolheu em Málaga durante o meu percurso de estágio, nomeadamente os meus tutores Miguel Morales e Amelia Marrades, à minha companheira de casa e de coletivo Magui Gutiérrez Hermoso e aos restantes e não menos importantes membros do grupo Say Lindell Castillo, Leticia González Peinado y Francisco José Sánchez Santamaría.

Às sempre disponíveis e inalcançáveis trabalhadoras do Gabinete de Relações Internacionais, a Coordenadora Conceição Baptista e à querida Paula Ribeiro.

Por último e com grande carinho a todos os elementos da minha família e círculo social que se tornaram indispensáveis à realização desta dissertação.

“É impossível lograr a transformação social da humanidade se o individuo não se transforma.

É impossível que o individuo se transforme se não se preocupa com a dissolução do “eu”.”

Samael Aun Weor

Título

O Contributo do Design Gráfico na Desconstrução da Masculinidade Tóxica

Problematização

A Masculinidade Tóxica diz respeito a um tema que se apresenta cada vez mais importante na sociedade e, principalmente, na resolução da identidade de géneros. Por esta razão, torna-se relevante estudar a sua possível desconstrução e transmissão de informação através de elementos visuais gráficos.

Questões de Investigação

- De que forma os elementos visuais concebidos no âmbito do Design Gráfico potenciam uma reflexão sobre a temática da masculinidade tóxica?
- Como será possível simplificar a informação visual por forma a abranger o maior público-alvo possível?

Tópico Investigativo

A influência do Design Gráfico na transmissão de informação e desconstrução da temática da Masculinidade Tóxica.

Resumo

O presente documento destina-se a apresentar a Dissertação do estágio realizado em Málaga, Espanha, com o coletivo Zambra – Iniciativas para a Ação Social, que decorre no âmbito da obtenção do grau de Mestre em Design Gráfico na Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco. Tem por intuito evidenciar o contributo da união de duas áreas de conhecimento, o Design e o Social, pretendo explorar nesse contexto a transmissão de informação sobre a Masculinidade Tóxica, e de que forma poderá ser processada a sua desconstrução na comunicação através de elementos visuais. Por sua vez, a masculinidade tóxica é um tema que foi construído assente em fatores históricos e culturais que se afastam da biologia do ser humano e que afetam o bem-estar dos indivíduos que são alvos destes construtos. O tema engloba outras áreas de interesse, como o feminismo, a identidade de género e, conseqüentemente, o fenómeno queer, que contribuem para um melhor entendimento da matéria. O objetivo consiste na transmissão de informação através de meios visuais e criativos que, em conjunto, possibilitem uma consciencialização social sobre as raízes históricas pelas quais se rege o sexo masculino na construção da sua identidade. Para tal, as metodologias abordadas ao longo do documento assentam numa metodologia mista, intervencionista e não intervencionista, qualitativa e quantitativa, utilizando complementarmente a técnica de recolha de dados *Focus Group*. Com a última pretende-se reunir o máximo de dados, unânimes, possíveis sobre a forma como o Design pode contribuir, ou não, para a desconstrução da identidade de géneros, bem como para uma reflexão mais dedicada sobre o tema da masculinidade tóxica.

Palavras chave

Design Gráfico, Comunicação, Masculinidade Tóxica, Identidade de Género, Desconstrução.

Abstract

This document is intended to present the paper work training to be held in Malaga, Spain, with the collective Zambra - Initiatives for Social Action, which takes place in the scope of obtaining a Master's degree in Graphic Design at the Higher School of Applied Arts of the Polytechnic Institute of Castelo Branco. It is intended to highlight the contribution of the union of two areas of knowledge, Design and Social, and I intend to explore in this context the transmission of information about Toxic Masculinity, and how its deconstruction in the communication through visual elements can be processed. On the other hand, toxic masculinity is a theme that was built on historical and cultural factors that deviate from the biology of the human being and affect the well-being of individuals who are the targets of these constructs. The theme encompasses other areas of interest, such as feminism, gender identity and, consequently, the queer phenomenon, which contribute to a better understanding of the subject. The objective is to transmit information through visual and creative means that, together, make possible a social awareness about the historical roots by which the male sex is governed in the construction of its identity. To that end, the methodologies addressed throughout the document are based on a mixed methodology, interventionist and non-interventionist, qualitative and quantitative, using complementally the data collection technique Focus Group. With the latter it is intended to gather as much data, unanimous, as possible on how Design can contribute to the deconstruction of gender identity, as well as to a more dedicated reflection on the topic of toxic masculinity.

Keywords

Graphic Design, Communication, Toxic Masculinity, Gender Identity, Deconstruction.

Índice geral

1. Introdução.....	1
2. Objetivos.....	2
3. Motivação.....	3
3.1. Diagrama das áreas de estudo.....	4
4. Organograma.....	5
5. Instituição.....	6
5.1. Zambra - Iniciativas para a Ação Social.....	6
5.2. Renta Básica das Iguais (RBI's).....	8
5.2.1. Uma viagem até à Centralidade da Vida.....	9
5.2.2. RBI'S versus Outros Subsídios.....	11
5.2.3 Dimensão Estratégica.....	12
5.2.4. Dimensão Pedagógica.....	13
5.3. Ocupações.....	14
5.3.1. Plataforma de Afetados pela Hipoteca.....	14
6. Enquadramento Teórico.....	16
6.1. Design Social.....	16
6.1.1. Pedagogia Centrada no Design Educacional.....	17
6.2. Design Thinking.....	17
6.2.1. A Multidisciplinaridade e o Design.....	18
6.2.2. Multiprofissionalidade em Design.....	18
6.3. Géneros e Desconstruções.....	19
6.4. Feminismo na atualidade.....	21
6.4.1. Feminismo Liberal.....	21
6.4.2. Feminismo Socialista.....	22
6.4.3. Feminismo Radical.....	23
6.4.4. Feminismo Cultural.....	23
6.4.5. Contributo do Feminismo para a Discussão das Masculinidades.....	24
6.5. Masculinidade Tóxica.....	24
6.5.1. História: Homens e Cultura.....	24
6.5.2. A Violência e os Homens.....	26
6.5.3. Enquadramento Estatístico em Portugal e em Espanha.....	28
7. Desenho da Investigação.....	30
7.1. Metodologias.....	30

7.1.1. Focus Group	30
7.1.2. Metodologia qualitativa e quantitativa	30
7.1.3. Metodologias Intervencionistas	31
7.1.4. Inquérito por questionário	32
7.1.5. Metodologia Mista	32
8. Introdução à fase Projetual	36
8.1. Projeto I: Espectro	36
8.1.1. Aponta o Ponto.....	37
8.1.2. Eu, tu e os valores morais	49
8.1.3. Cara ou Coroa	59
8.1.4. Os três Homens	65
8.1.5. Tu e eu	75
8.1.6. Campanha de Sensibilidade	80
8.1.7. Considerações Finais Do Projeto	90
8.2 Projeto II: Campanha “La Casa Karakol” Ocupação em Espanha.....	91
8.2.1. História Karakol.....	92
8.2.2. Campanha Karakol.....	93
8.2.3. Considerações Finais do Projeto: La Casa Karakol.....	97
8.3. Projetos Adjacentes.....	98
8.3.1. Huerta Dignidad	102
9. Experiência de Estágio.....	104
9.1. 8 de Março.....	105
9.2. Mudança de Realidade: Covid-19	109
10. Conclusões Gerais	112
11. Bibliografia	117
12. Anexos	119
13. Apêndices	123

Índice de figuras

Figura 1 Diagrama de Estudo	4
Figura 2 Metáfora visual do “iceberg” – Retirado do Livro “Renta Básica de las Iguales y feminismos”	13
Figura 3 Frente dos Cartões	49
Figura 4 Verso dos cartões	49
Figura 5 Verso dos Cartões - Cara ou Coroa	60
Figura 6 Frente dos Cartões - Cara ou Coroa.....	60
Figura 7 Cartaz 3	65
Figura 8 Cartaz 2	65
Figura 9 Cartaz 1	65
Figura 10 Logótipo verde, roxo e vermelho.....	94
Figura 11 Verso do Panfleto - Karakol.....	94
Figura 12 Frente do panfleto - Karakol	95
Figura 13 Cartaz Karakol Feminista	95
Figura 14 Cartaz Adiamento do Protesto	96
Figura 15 Cartaz de protesto	96
Figura 16 Cartaz contra a Violência	99
Figura 17 Cartaz Cineforum.....	99
Figura 18 T-shirt Desobedecer para ser Pessoa	100
Figura 19 T-shirt União.....	101
Figura 20 Cartaz Rimas & Ramas.....	102
Figura 21 Pancarta Renta Básica	106
Figura 22 Foto de Zambra na Marcha	106
Figura 23 Marcha 8M.....	107
Figura 24 Janela "Tudo vai ficar bem"	110
Figura 25 Bandeira Espanhola.....	111
Figura 26 Pessoas na fila para o Banco Alimentar	111

Lista de tabelas

Tabela 1	Processo Metodológico.....	34
Tabela 2	Características atribuídas aos géneros - Atividade 1.....	45

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AMZC - Asociación de Mujeres en Zona de

Conflicto APAV – Associação Portuguesa de

Apoio à Vítima ASPA - Asociación Andaluza Por

la Solidaridad y la Paz CGT - Confederação

Geral do Trabalho

DGS – Direção Geral de Saúde

I.E.S Sierra Bermeja – Instituto Escolar Secundario Sierra

Bermeja ILP – Iniciativa Legislativa Popular

IMV – Ingresso Mínimo Vital

LGBT – Lésbicas, Gays Bissexuais e Transsexuais

LGBTIQA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Trangéneros, Queer, Intersexo, Assexual

OCH - Observatório de Imprensa de Crimes de Homicídio em Portugal e de Portugueses no Estrangeiro

RBI's – Renta Básica de las Iguales

PAH – Plataforma de Afetados por la Hipoteca

Glossário

Baladre -Coordenação de grupos da Península Ibérica e do Norte da África, bem como grupos e pessoas do cone sul-americano, com sensibilidades diversas, mas com uma vontade comum: denunciar a desigualdade, o empobrecimento e a exclusão em qualquer de suas formas.

Corrala - A corrala é um tipo de casa característica da velha arquitetura de Madrid, concebida como uma casa de corredor com uma estrutura geral de madeira, cujas varandas dão para um pátio interior.

Heteronormatividade - é um termo usado para descrever situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas.

Jitsi Meet - Multiplataforma gratuita de voz, videoconferência e mensagens instantâneas para a plataforma web, Windows, Linux, macOS, iOS e Android.

Stop Desahucios – Movimento gerida pela Plataforma de Afetados pela Hipoteca (PAH) contra o despejo habitacional.

CAPÍTULO I

1. Introdução

A presente dissertação enquadra-se na realização do estágio pré-profissional, através da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco, no coletivo Zambra – Iniciativas para a Ação Social, com o intuito de promover e estudar a tentativa de uma consciencialização social sobre a temática da masculinidade tóxica e da identidade de géneros através da utilização do Design Gráfico como ferramenta de auxílio.

A temática será assente num problema de cariz social, a masculinidade tóxica, que cruza diversas vertentes, entre as quais, a igualdade de género, o feminismo e o abismo que separa os interesses proclamados entre os homens e as mulheres.

O Design Gráfico constitui-se como a área da transmissão da informação através de elementos visuais, representando, desta forma, um instrumento de comunicação viável num mundo que está acostumado a reconhecer símbolos e elementos gráficos.

O estudo não pretende gerar uma resolução única e efetiva do problema, mas sim, compreender de que forma determinados elementos visuais combinados (representativos da figura feminina e masculina), conseguem gerar uma reflexão a cerca dos temas abordados.

2. Objetivos

O principal objetivo desta investigação consiste na procura de originar uma consciencialização social sobre a temática, tentando perceber quais as reflexões geradas através da observação de elementos visuais criados pela mestranda. No entanto, interliga-se com outros objetivos, mais específicos, que ajudam na sua construção:

- Gerar conhecimento de forma mais fiável e acessível a todos os indivíduos independentemente de questões raciais, de género, educação e faixa etária sobre os conceitos afetos à masculinidade tóxica, feminismo e igualdade de género.
- Identificar contributos do/e para o Design – mais especificamente estudar a eficácia dos elementos visuais perante a temática e compreender que repercussões apresenta na área social e na área do design.
- Envolver teorias e metodologias existentes e confrontá-las com a sua eficácia numa dimensão real da questão.
- Tentar responder a problemas reais existentes e contribuir para a resolução dos mesmos através da utilização de elementos visuais representativos do homem e da mulher que se entrecruzem com construtos sociais.
- Potenciar a realização de uma exposição, segundo a qual consiga reunir as partes interessadas, para que seja mais fácil idealizar de que forma os elementos visuais estão a ser interpretados e da sua eficácia, permitindo que as diferentes reflexões possam ser expostas e defendidas.
- Interpretar de que forma elementos visuais resultantes do Design podem contribuir para uma consciencialização social da temática, mas principalmente de que forma a sociedade está mais ou menos preparada para esta intervenção, através da realização de um *focus group*.
- Retirar conclusões da exposição desses elementos visuais.

3. Motivação

A motivação do presente documento resulta de um acumular de situações de interesse comum, ou seja, tanto científico como pessoal. No que diz respeito à área científica, a masculinidade tóxica é uma temática que se torna cada vez mais presente e debatida na sociedade e, em particular, em países desenvolvidos. Desde sempre que estamos habituados a atribuir determinadas cores às mulheres e outras tantas aos homens, as mulheres vestem saias e os homens calças, quem manda em casa é o homem, porque ele é que é viril. Tal como estes estereótipos, existem outros tantos, nos quais, por costume, estamos habituados a ouvir, o homem é o sexo dominante face à mulher. Kimmel (1994), ajuda-nos até a encontrar alguns que se ajustam à masculinidade hegemónica, em que o homem tem que ser: branco, alto, viril, jovem, casado, urbano, formado, com um emprego promissor, visivelmente atraente (peso e altura), heterossexual, um homem com poder e que domine. O autor diz-nos ainda, que as definições que desenvolvemos e perpetuamos no tempo ajudam a construir esta ideia de virilidade, em que o homem tem poder sobre outros homens e que os homens têm sobre as mulheres (Kimmel, 1994:50-51). Ora, tal como estamos habituados a ouvir as feministas falar dos estereótipos aos quais estão associadas, não podemos dizer da mesma forma que estamos habituados aos dos homens. No entanto eles existem e causam constrangimentos para ambos os sexos, feminino e masculino, tal e qual como acontece no reverso da moeda, ou seja, com as mulheres.

Respetivamente à motivação pessoal, a mesma surge através do projeto final de licenciatura em Serviço Social, no qual a temática da mestranda era a igualdade de género. Posto isto, a curiosidade sobre o tema foi crescendo e a necessidade de o interligar a sub-temáticas para melhor o compreender também. Assim, após a leitura de alguns elementos textuais sobre a temática foi possível descobrir temáticas adjacentes e de extrema importância como a masculinidade tóxica. Outro fator que ajudou a focalizar esta área diz respeito à visualização do filme *"The Red Pill"* (o que corresponde à designação de "A pílula vermelha", se desejarmos traduzir para português) de Cassie Jay (2016), onde é notória a necessidade também sentida pelos homens de se fazerem ouvir, sendo que até é referida uma analogia da igualdade de género com a vectorização matemática em que os segmentos nulos se representam por $AB=BA$, o que na igualdade de género significa que se as mulheres têm direitos a reclamar, os homens certamente, também terão. O filme, de origem documental, apresenta também estatísticas, entre as quais algumas sobre a violência doméstica na qual compara valores entre os homens e as mulheres, sendo que os homens apresentam uma taxa de 43% que representa quase metade da população que se encontra nesta situação. Nos Estados Unidos, espaço em que decorre o filme, não existem instituições que respondam à violência doméstica aquando exercida num homem e, quando os mesmos fazem queixa à polícia, são ridicularizados por serem homens e sofrerem de violência doméstica.

Posto isto, este ponto por si só, parece ser um fator mais que suficiente para demonstrar que a masculinidade tóxica é real e necessita de ser estudada, ouvida, compreendida e falada.

3.1. Diagrama das áreas de estudo

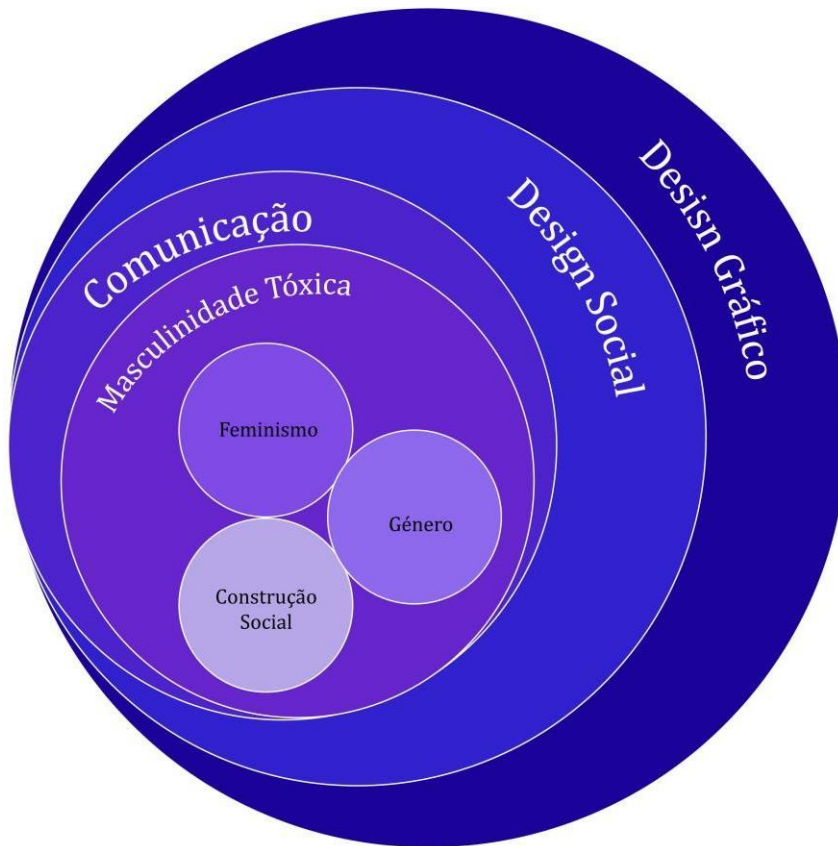
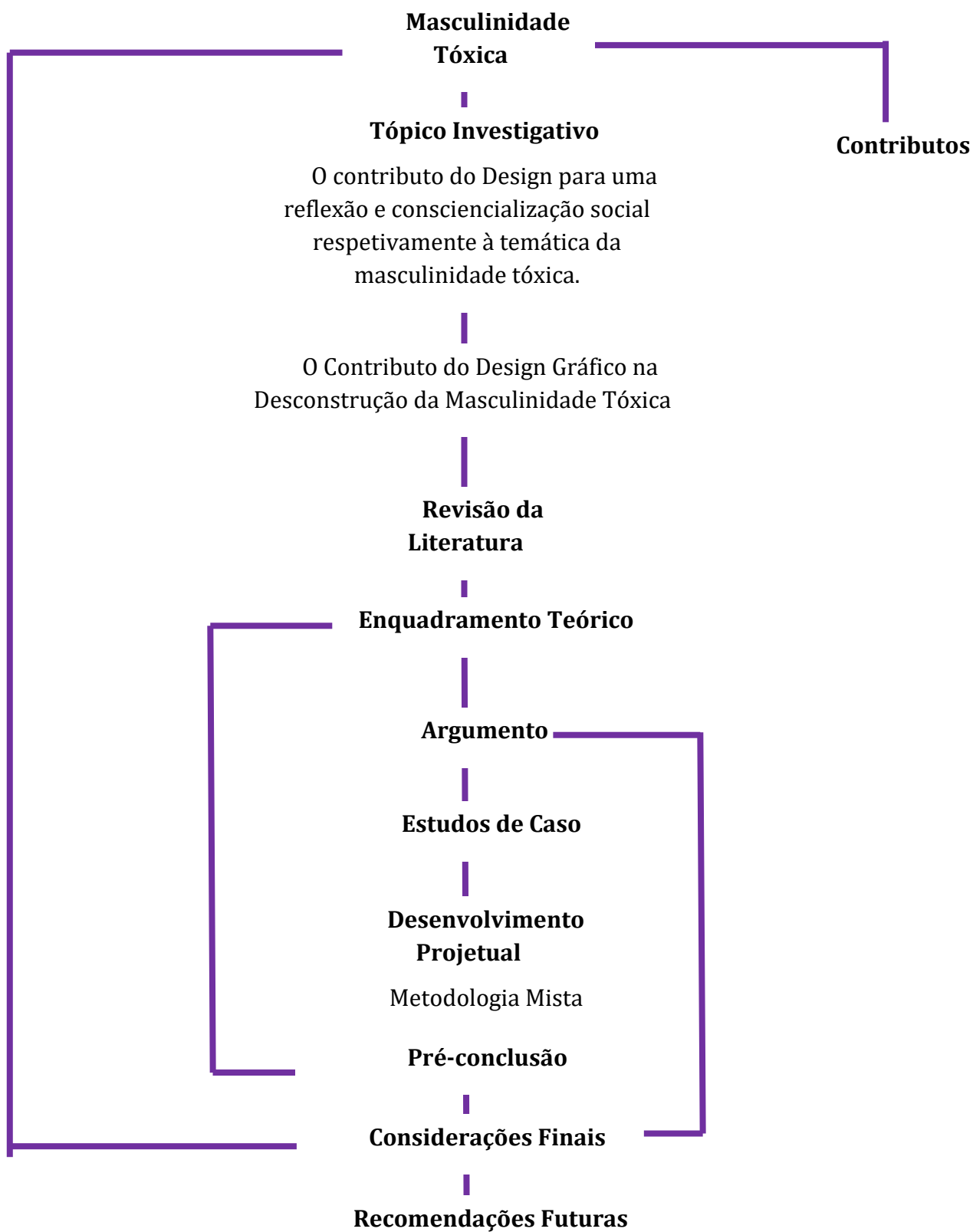


Figura 1 Diagrama de Estudo

4. Organograma



5. Instituição

5.1. Zambra - Iniciativas para a Ação Social

Enquanto coletivo, são um grupo que realiza iniciativas e projetos sociais e comunitários com o objetivo de transformar a realidade que os rodeia, a partir do trabalho social crítico. São um grupo autogerido que se organiza de forma horizontal e em assembleia. A visão do mundo deste coletivo é anticapitalista, anti patriarcal e antimilitarista. Têm desenvolvido ferramentas e ações há mais de 25 anos com base no apoio mútuo e no relacionamento com outros grupos e coletivos. Pertencendo a uma coordenação de coletivos, que se chama Baladre, e que funciona a nível estatal.

Partindo de uma visão assente em valores anticapitalistas, anticoloniais e anti patriarcais, de momento desenvolvem três iniciativas:

- a) O distribuidor de livros, copa menstrual, t-shirts: este distribuidor permite realização de muitas reuniões, conferências e eventos. Apresenta-se como um meio para partilhar aprendizados, tecer laços e obter alguns recursos económicos.
- b) Formações: é um espaço onde partilham parte das reflexões, experiências, visões, em diferentes espaços formais (institutos, universidades ...) e informais.
- c) EnConTrasTe (Em Palma-Palmilla traz a Justiça Social e Acompanha-nos): é um ponto de informação, trabalhando a partir do bairro / distrito, que procura desenvolver tópicos relativos à justiça social e reivindicação de direitos sociais.

No seguimento do desenvolvimento do seu trabalho, o coletivo também trabalha em espaços/linhas/campanhas, como:

- Huerta Dignidad (Horta da Dignidade): é um espaço comunitário no bairro, onde se realizam diversas atividades sociais.
- Bairro: procuram relacionar-se no bairro com as pessoas.
- Universidade: representa outro espaço de relacionamento importante para o coletivo.
- Defesa do território: para parar o capitalismo predatório.
- Stop Represión / Juntera Anti-represiva: é um espaço onde o grupo se coordena com os outros para encontrar estratégias conjuntas contra a repressão que sofrem nos movimentos sociais e na sociedade em geral.
- Parar Despejos / Habitação: trabalham pelo direito à moradia. Visualizando o drama dos despejos, denunciando o abuso do banco, procurando alternativas de moradia, entre outras ações.
- Aluguer Básico dos Iguais: consideram a distribuição de riqueza como uma ferramenta essencial para procurar saídas do capitalismo patriarcal colonial.

- Onda Gorfa / Cineforums: procuram espaços onde possam expressar-se e onde possam partilhar reflexões e visões.

Como já foi referido anteriormente, Zambra define-se como um coletivo que se organiza de forma horizontal, o que significa que é auto-gerido pelas pessoas que formam parte do grupo, ainda que seja uma associação a nível estatal. São sete as pessoas que compõem Zambra e, ainda que hajam cargos atribuídos todos contribuem para o processo evolutivo grupal, tendo sido atribuídos, desta forma, dois tutores oficiais à educanda, ainda que todos assumissem esse mesmo papel de variadas formas.

Intitula-se como um grupo de índole feminista ainda que albergue todo o tipo de assuntos sociais, como por exemplo a saúde mental, a questão ambiental (em variadas das suas vertentes), o desalojamento, a pobreza, injustiça social, etc. Movidos pela luta à repressão social e pelo repensar na forma como o sistema está construído, Zambra é a representação legal de um grupo que se chama *Baladre*, composto essencialmente por 6 ou 7 grupos (entre os quais coletivos, organizações, associações), que se unem para debater temas de interesse comum, sempre com base na precariedade, empobrecimento e exclusão.

A nível de organização interna, o grupo tem duas reuniões bimensais duas vezes ao ano, realizadas de 6 em 6 meses, nas quais na primeira se define o plano de curso e na segunda se avalia o trabalho desenvolvido e se propõe ideias para o curso seguinte. Este ano o grupo decidiu adotar uma postura mais passiva e aproveitar para repensar nos próximos passos a dar, o que acabou por gerar muito tempo de reflexão principalmente sobre a saúde mental, precariedade, desalojamento, defesa de espaços naturais entre outros temas de repressão social que acabaram por ter ainda mais ênfase com a pandemia do Covid-19. Deste modo, houve espaço para uma reunião semanal, que normalmente era realizada num espaço concedido pela ASPA - *Asociación Andaluza Por la Solidaridad y la Paz*, na qual se iam debatendo e delineando os acontecimentos e envolvimentos do grupo, bem como, o percurso da estagiária. Ainda com a decisão de desacelerar comparativamente a outros anos, as atividades práticas que consistiram em manifestações, atividades e transmissão de informação estiveram presentes ao longo de todo o ano, tal como o envolvimento de dinâmicas artísticas e a presença assídua na horta comunitária apelidada de "*Huerta Dignidad*", um espaço onde se compartilham conhecimentos, recreativo e sem fins lucrativos, no qual não se visa a produtividade em massa, mas o respeito pela mãe natureza através da utilização de recursos naturais.

Tal como a "*Huerta Dignidad*", Zambra também segue a mesma linha a nível económico, portanto consiste num grupo sem fins lucrativos, no entanto padece de uma distribuidora que vende livros. A Distribuidora Zambra é um projeto de autogestão através da distribuição, edição e comercialização de materiais

alternativos, que já existe há vinte anos e que tem como objetivo a partilha de reflexões e a análise da realidade social na qual nos inserimos, englobando várias editoras e vendendo não só livros, como revistas, t-shirts, entre outros. Os temas retratados (Rendimento Básico, feminismos, exclusão social, pobreza, etc.) não se distribuem comercialmente nas lojas ou, se distribuírem, têm um preço superior. O intuito é gerar reflexão e questionamento sobre o funcionamento de um sistema gerador de desigualdades e desconfortos, com especial incidência nas camadas mais pobres da população. Além da distribuição e comercialização desses artigos, editam os seus próprios materiais com a ajuda de *Baladre* - Coordenação de Lutas contra a Precariedade, o Empobrecimento e a Exclusão Social, que já referi acima. Com esta dinâmica conseguem angariar dinheiro para suportar as suas próprias atividades ou causas maiores. No entanto nenhum membro do grupo é assalariado pela associação.

Apesar de todas as parcerias e espectros nos quais gosta de atuar, no ano letivo de 2019/2020 o coletivo passou por um processo de recolha e replaneamento grupal e de enfoque e, por esse mesmo motivo, as áreas em que se centralizou acabaram por ser reduzidas, ainda que se tenha tentado trabalhar vários pontos, no entanto sem alcance. Os temas aos quais se deram centralidade acrescida e que acabaram por ser trabalhados mais a fundo foi o tema elegido pela estagiária – Masculinidades Tóxicas, as Ocupações, a Renta Básica das Iguais (RBI's), a Horta Dignidade e o Bairro. Todos irão ser abordados ao longo desta Dissertação, mas explicarei a temática das masculinidades mais à frente, tal como da Horta e do Bairro, por agora aprofundarei a RBI's e as Ocupações sendo que são as temáticas que já eram abordadas pelo grupo com maior dimensão e que necessitam de um pouco de aprofundamento teórico.

5.2. Renta Básica das Iguais (RBI's)

A “Renta Básica de las Iguales”, que traduzido para português significa Subsídio Básico das Iguais, comumente abreviada para RBI'S, tem como centralidade o debate de temas relacionados ao emprego, princípios de desigualdade e ecologia através de uma visão feminista e anti patriarcal.

Esta ferramenta anti repressiva surge como debate central pela primeira vez em 2001, num Seminário realizado em Valência, designado “*Mujer y Renta Básica*” - Mulher e Subsídio Básico, traduzido para português – orientado por Sira del Río, Javier Aguado y Guadi Blanco, José Iglésias e a companheira Karnele de Berri-Otxoak, e que acabou por resultar na desmistificação de temas relacionados à invisibilidade dos trabalhos de cuidados, - ou seja, trabalhos realizados por mulheres cuidadoras e que não são remunerados por serem considerados obrigações morais – da feminização da pobreza e da importância de ter um Subsídio Básico como ferramenta para fazer frente aos sistemas opressores e dominantes (Fidalgo, M., Merino, A.A., Lizcano, R. Z., & Herrero, Y., 2014, p.7).

5.2.1. Uma viagem até à Centralidade da Vida

Tal como foi referido anteriormente, existem trabalhos de cuidados e sociocomunitários, realizados maioritariamente por mulheres que não podem deixar de ser exercidos, mas que necessitam de ser repensados e reestruturados de forma a aliviar e retribuir o esforço subjacente (Fidalgo, M., Merino, A.A., Lizcano, R. Z., & Herrero, Y., 2014, p.10).

Herrero (2014, p.11) alerta-nos para o colapso antropológico que pode resultar da estrutura capitalista e heteropatriarcal que ameaçam o equilíbrio ecológico da vida humana, – e de outras espécies, diz a autora - uma vez que complica os processos de interdependência que servem de pilar para as relações humanas e que não reconhece limites a nível da economia global, acabando por destruir o que nos permite continuar a existir neste planeta.

O Subsídio Básico pretende abraçar a onda ecológica, atuando na aceleração atual da mudança climática, na escassez dos materiais e energias fósseis baratas, na pegada ecológica desmedida, no aprofundamento das desigualdades sociais, na desresponsabilização do estado e da sociedade em relação aos cuidados a pessoas que se encontrem em situações vulneráveis, no aumento da repressão, tentando combater os fascismos adjacentes. Para tal, é necessário que esta ferramenta contenha na sua proposta base, elementos que se encontrem alavancados nas próprias condições antropológicas que sustentam as sociedades, como veremos de seguida, tendo como ponto de partida a eco dependência, a interdependência e os limites de ambas (Herrero, Y., 2014, pp.12-13).

- **Eco dependentes num planeta com limites:** Somos ecologicamente dependentes porque necessitamos da natureza para nos mantermos vivos. Sabemos que alguns recursos padecem de escassez e, mesmo os que se renovam não correspondem ao padrão de exigência capitalista, pois respeitam unicamente os ciclos naturais. Ao abusar destes recursos podemos experienciar condições que desafiam a nossa existência, refletindo as visões hegemónicas da economia e da política, que colocam maiorias sociais em situação de vulnerabilidade, alimentando as noções ilusórias de progresso, bem-estar (qualidade de vida) e progresso (Herrero, Y., 2014, p.13).
- **Interdependentes num mundo que esconde a importância material das relações:** Para além de eco dependentes também dependemos um dos outros, tanto de forma geral, como particular, na infância, terceira idade, quando adoecemos, quando padecemos de disfuncionalidades, etc. Nas sociedades patriarcais quem assume trabalhos de cuidado ao próximo são as mulheres, seguindo a lógica patriarcal da instituição familiar, não existindo um reconhecimento economicamente digno do mesmo. Estes trabalhos são essenciais para a «sobrevivência da

sociedade» e deveriam ser repartidos pelo homem e pela mulher de igual forma. Contrariando a economia convencional, a visão eco feminista acredita no apoio mútuo como condição básica para a sobrevivência (Herrero, Y., 2014, p.14).

- **A produção capitalista está desvinculada das necessidades:** Atualmente a crença de que o capital é o motor de crescimento económico está muito enraizada, ignorando por completo os fatores de produção essenciais: a terra e o trabalho – o que, traduzido por miúdos, significa que a economia convencional defende a produção em excesso como «satisfação das necessidades humanas», quando na realidade apenas potencializa o consumismo e, conseqüentemente, a economia. Para reconverter esta economia para uma visão eco feminista, a autora propõe reflexões assentes nas seguintes perguntas: “Quais as necessidades que todos precisamos que sejam satisfeitas?; Quais são as produções necessárias para que essas necessidades possam ser satisfeitas?; Quais são os trabalho socialmente necessários para alcançar estas produções? Como reorganizar e repartir esses trabalhos?” (Herrero, Y., 2014, pp.15- 16).
- **Uma noção de trabalho empobrecida e imprecisa:** Com o surgimento do proletariado, a produção na esfera mercantil era paga com um salário, gerando a sensação de que quem gerava a riqueza não era a pessoa que trabalhava, mas sim a que empregava. A nova noção de trabalho conduziu à visão de que o corpo tinha que se exceder em troca da recompensa e, como tal, o trabalho doméstico não entrava na lista, apesar de essencial para a reprodução da produção capitalista (Herrero, Y., 2014, p.17; Carrasco, 2009; Mora, 2013; Federic, 2010; Mellor, 2000).
- **Independência ou dependência dos mercados?** Como só as pessoas que eram consideradas contribuintes tinham direitos sociais e económicos, todas as outras estavam excluídas, passando a governar a lógica da ganância que que decide sobre o urbanismo e tudo o que tenha a ver com o bem-estar da população. O Salário Básico pretende propor a desvinculação da satisfação das necessidades pessoais do emprego, ressuscitando e aplicando a moralidade (Herrero, Y., 2014, pp.18-19).
- **A inevitável diminuição da esfera material económica:** O Subsídio Básico propões que seja planificada de forma justa e democrática uma repartição de bens que permita criar condições de bem-estar e de riqueza igualitária, para que quem tenha o poder económico ou militar não continue a enriquecer com a pobreza alheia. Assim o Subsídio Básico desvincularia a subsistência da produção mercantil super limitada, tendo em atenção que ao reduzir a disponibilidade de energia fóssil será necessário, a longo prazo, reforçar o trabalho humano para produzir o necessário (Herrero, Y., 2014, pp.19-20).

- **Não se pode viver sem trabalhar:** Quando se fala do Subsídio Básico confunde-se muito facilmente o não ser necessário um emprego com o não trabalhar, a proposta é viver sem emprego, mas trabalhar. Desta forma, todos os trabalhos de cuidado ao próximo e à sociedade de forma geral que não podem deixar de ser feitos, estariam a ser remunerados, acompanhados de políticas de reorganização que também atuem na repartição das tarefas de forma igualitária por ambos os sexos (Herrero, Y., 2014, p.20).
- **Um reparto radical da riqueza:** O subsídio básico propõe uma repartição radical da riqueza, a par com medidas que façam frente à acumulação, ao consumismo e à propriedade privada, priorizando novos objetivos que permitam a expansão dos benefícios e do consumismo como «motores de mudança». Para que isto possa ser factível é importante desmistificar e tentar deitar por terra a questão do poder e trabalhar segundo uma política criativa que permita contornar os problemas da atualidade (Herrero, Y., 2014, p.21).

5.2.2. RBI'S versus Outros Subsídios

O Subsídio Básico apoia Desigualdades Sociais, causas Eco Feministas (ou seja, a ecologia e as mulheres) e pretende uma reorganização estrutural do modelo económico e de trabalho como o conhecemos hoje em dia. Mas qual é realmente o ponto de diferenciação deste subsídio em relação a todos os outros?

Resumidamente a RBI'S procura libertar os corpos do sistema repressor, para que cada indivíduo tenha a possibilidade de disfrutar da vida mais do que viver para alimentar a economia, definindo-se como “o direito atribuído a cada pessoa, simplesmente por ter nascido, de receber uma quantia periódica que cubra as suas necessidades materiais.” (Fidalgo, 2014, p.40). Assim, como ponto de diferenciação, Iglesias, Saéz, García y Zafra (2012) elaboram as seguintes características que sustentam a RBI'S (Fidalgo, 2014, p.41, op.cit. Iglesias, Saéz, García y Zafra, 2012):

- **Individual:** a própria pessoa é a titular do direito e não a família.
- **Universal:** não é contributiva e todas as pessoas têm direito sem nenhum tipo de exclusão.
- **Incondicional:** não precisa de discriminações/justificativas para ser atribuída e não tem como objetivo reinserir a pessoa no mercado laboral.
- **Quantia/Equidade:** a quantia será igual para toda gente, independentemente da sua idade, género, condição física, psíquica ou intelectual, renda, situação laboral ou e quotização, precedência ou qualquer problema administrativo no Estado Espanhol, etc.

- **Fundo Social, Alocação e Participação:** 80% da quantia que corresponde a cada pessoa, 80% é atribuído diretamente e 20% irá para o Fundo da RBI'S (FRB), caso seja necessário financiar bens e serviços públicos como a vivenda, educação, sanidade, transporte, etc.) que serão geridos pela comunidade.
- **Reformulação:** pretende-se que com este subsídio todos os outros deixem de ser necessários, inclusive, prevenindo as pessoas de pedir empréstimos ao banco.
- **Desde a Base Social:** como a transformação social deve ser feita desde a base, é importante salientar a participação e articulação com pessoas e movimentos sociais, numa relação de igualdade.

5.2.3 Dimensão Estratégica

A problemática assenta nas necessidades, nos desejos e em atender à forma e às consequências sociais e ambientais, centralizando e construindo espaços políticos que permitam a transformação social. Um dos pontos principais recai em visibilizar o empobrecimento, a exclusão social, as doenças e a dor em que ainda vivem muitas pessoas, tanto a nível psicológico como físico. A RBI'S acredita ser uma ferramenta que contribui para a cooperação, o apoio mútuo e para o reconhecimento do papel central que deveriam ter as necessidades humanas (Fidalgo, M., 2014, pp.44-45).

5.2.4. Dimensão Pedagógica

Fidalgo (2014, p.47) diz-nos que a economia feminista demonstra o que as estruturas patriarcais influenciam nas relações de género, por meio de fatores como a classe social, etnia, identidade ou orientação do desejo, etc. Para ser mais fácil de compreender, criaram a metáfora do “iceberg” para explicar o sistema que se sustem graças ao continente que está submergido e invisível, o dos cuidados que permitem a viabilidade da produção e do funcionamento do mercado, como podemos observar na imagem que se segue.

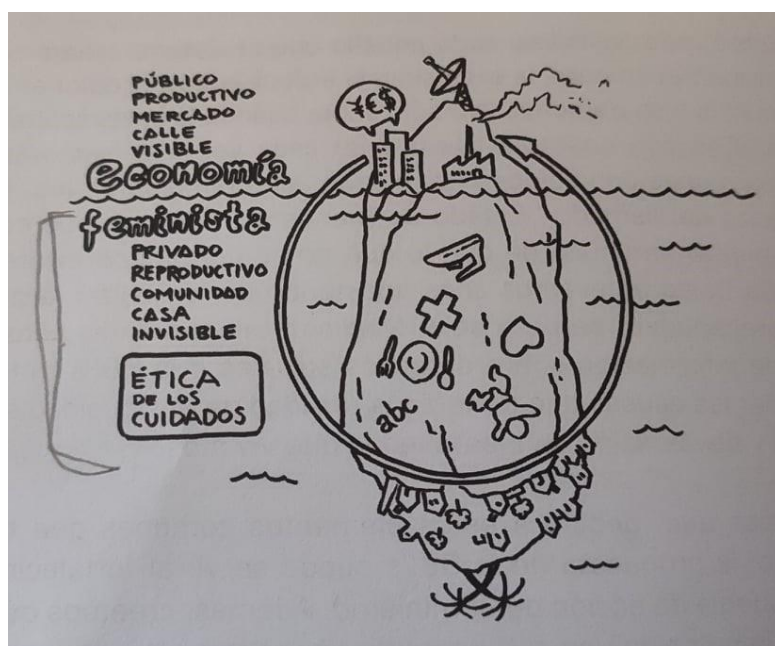


Figura 2 Metáfora visual do “iceberg” – Retirado do Livro “Renta Básica de las Iguales y feminismos”

Ao exceder a satisfação das necessidades, coloca-se em risco a subsistência biológica e, conseqüentemente, o nosso “equipamento” emocional e relacional, o que afeta a qualidade de vida, autonomia, afetividade, comunicação, relações ou a nossa participação na esfera social. Com esta metáfora gráfica, pretende-se salientar o benefício que o sistema capitalista retira das mulheres que assumiram a responsabilidade dos cuidados, dispendo mão de obra para alimentar as necessidades do mercado laboral (Fidalgo, M., 2014, pp. 46-50).

Atualmente, e segundo o último encontro da Coordenação de Baladre que decorreu nos dias 3, 4 e 5 de julho de 2020, perto de Cáceres, foi possível redefinir o projeto e limar algumas arestas sendo que o Governo aprovou a avaliação da RBI's devido ao estado em que o país se encontrou depois da primeira vaga pandémica atacar o país.

5.3. Ocupações

Em Espanha as ocupações representam um movimento de força recorrente e pode dizer-se que, em Málaga, as visões e discussões sobre o tema são diversas. Existe a opinião do Estado, dos movimentos anti repressivos e da classe social que vive dentro das condições consideradas “normais” pela população espanhola.

A ocupação acontece quando uma pessoa não tem condições económicas para acolher todas as suas necessidades básicas, o que inclui, evidentemente, a habitação. Não podendo comprar ou alugar uma casa e, não tendo outra opção – amigos, familiares que acolham, muitas pessoas ocupam casas que não são suas sem o consentimento dos proprietários para não viver ao abrigo de uma ponte ou de uma caixa de cartão.

5.3.1. Plataforma de Afetados pela Hipoteca

Espalhada por Espanha, em mais de 226 pontos em todo o Estado existe a Plataforma de Afetados por la Hipoteca (PAH), que segundo a mesma se designa, desde 2009, por uma organização apartidária com assembleia, cidadania e organização democrática que exige o respeito pela independência, implantando uma iniciativa para a cidadania para conquistar o direito à habitação, não mantendo nenhuma vinculação nem apoiando nenhum partido.

Hoje podemos encarar a PAH como um movimento onde tanto as pessoas diretamente afetadas como as solidárias se juntam e se organizam em prol da denuncia e transformação social, atuando no âmbito político, mediático, judicial, comunicacional, acompanhamento, etc. – promovendo a reivindicação sob as violações dos direitos fundamentais que estas pessoas sofrem e apresentando soluções que apoiem o direito à moradia e o tornem efetivo.

A política pública e os grandes monopólios económicos transformaram a habitação num negócio, o que não permite que a mesma seja um direito garantido por lei. Por outro lado, as instituições financeiras (como é o caso dos bancos) em articulação com o poder político garantem uma legislação que as superprotege e lhes permite o alcance de lucros multimilionários com a concessão de empréstimos hipotecários. A PAH move-se dentro deste registo no sentido de denunciar a elite política e financeira como os principais responsáveis pela crise que hoje condena milhões de pessoas ao desemprego e à precariedade, enquanto nos são cortados os direitos básicos como a saúde ou a educação, permitindo que os ricos continuem a ter e os pobres não.

Embora a habitação seja um problema de todos o termo "afetados" diz respeito às pessoas que não conseguem pagar a hipoteca e o processo de execução hipotecária, bem como a grave violação do direito à moradia que implique despejo por não poder pagar a sua casa, seja em regime de hipoteca ou de aluguel. Segundo o site da PAH, 65% dos despejos que ocorrem - 60 mil só em 2018 - são por falta de pagamento de aluguel, uma vez que os preços têm aumentado absurdamente nos últimos anos, principalmente em zonas de turismo.

Para dar resposta às pessoas afetadas pelo golpe hipotecário, a PAH elaborou medidas de emergência mínimas: a paralisação dos despejos (até que se encontrem soluções definitivas), o pagamento retroativo para as pessoas que não puderam pagar a sua residência habitual e a criação de um parque social público de aluguel acompanhado pelas casas apreendidas nas mãos de bancos que, com dinheiro de todos os cidadãos, comprou milhares de casas apreendidas por instituições financeiras para vendê-las a fundos especulativos. Para atingir essas medidas mínimas, lançaram-se várias campanhas como as que se seguem:

- Moções para Juntas de Freguesia
- Parar com os despejos habitacionais
- Ações de negociação e pressão em entidades financeiras
- Hipoteca ILP (Iniciativa Legislativa Popular)
- Trabalho Social
- Lei de Habitação PAH

Resumindo e concluindo, a Plataforma de Afetados pela Hipoteca entra em auxílio de todo aqueles que:

- a) hipotecaram a casa para o resto da vida para poder ter acesso a uma habitação devido à situação de desemprego em que se encontram, à queda da renda e/ou aumentos abusivos nos pagamentos mensais e não têm como continuar a pagar.
- b) foram enganados por toda a classe política, que durante anos negou a bolha imobiliária em Espanha.
- c) foram endividados até mais não pelos valores de aluguer exigidos.
- d) foram cobrados com comissões escandalosas pelos bancos, obrigados a aderir a seguros ou foram enganados por cláusulas abusivas.
- e) se viram obrigados a escolher entre pagar a casa ou comer.
- f) vão ser despejados pelo Banco e ainda assim são cobrados pela dívida pendente.
- g) se vêm obrigados a aumentar a dívida com o Banco para conseguir sair da situação em que se encontram e ainda são maltratados.
- h) consideram que não conseguem pagar o aluguer devido a um aumento abusivo no contrato.
- i) têm dúvidas no seu contrato de arrendamento.
- j) têm uma ordem de despejo (sendo que, ser forçado a mudar de apartamento devido a uma renovação abusiva do contrato também considerado despejo).
- k) perderam a casa e ao serem confrontados com a ineficiência institucional e os maus-tratos por parte da mesma se viram obrigados a ocupar outra casa.

- l) sofrem uma ou mais das situações acima citadas ou outras que não foram incluídas, mas que tenham a ver com o tema.

6. Enquadramento Teórico

Na elaboração de uma Dissertação de estágio de dimensão alargada, como para qualquer trabalho de cariz científico, é fulcral a revisão de literatura, a partir da qual possa ser explicado e justificado o surgimento de algumas teorias, ideias e conceções de opinião. Segundo Santos (2006), a revisão de literatura é importante em diversas vertentes, uma vez que é neste ponto que situamos o nosso trabalho respetivamente às áreas de pesquisa sobre a qual se insere a temática, podendo contextualizá-la. O mesmo diz-nos que é tão importante para quem escreve como para quem lê, porque o primeiro necessita de uma base de fundamentação do trabalho que está a elaborar e, o segundo, porque lhe é proporcionada uma âncora sobre a qual poderá identificar a linha teórica em que o trabalho se insere, podendo também recorrer aos autores referidos.

Segundo Quivy (2008, p.89), após a leitura de alguma informação respetiva à nossa temática, deve-se observar a mesma como um todo e subtrair a informação mais relevante, por forma a retirar as ideias fundamentais, que serão fundamentais para definir algumas guias auxiliares de investigação – visando sempre relacionar a problemática com o tópico investigativo. Desta forma, no próximo capítulo, será abordado o relacionamento entre o Design e a masculinidade tóxica, bem como as metodologias utilizadas durante o estágio.

6.1. Design Social

A Importância do Design na Transformação Social

Tal como já foi referido anteriormente o Design é uma ferramenta de comunicação que pode ser utilizada com versatilidade. No que diz respeito ao Design aplicado à transformação social, Souleles (2017, p.3) diz-nos que existem vários termos que podem ser aplicados como: design de interesse público, design social, design de impacto social, design socialmente responsivo, design de transformação, design humanitário, design disruptivo, design crítico, design de ativismo, design participativo ou co-design - esta área do Design vai para além dos objetivos única e exclusivamente consumistas e foca-se na obtenção de dados, através de pesquisa e visando a entrega de resultados referentes a coletivos, projetos e problemas sociais.

Papanek (1972) popularizou o design de ativismo, com o intuito de travar o consumismo excessivo e de considerar questões sociais, ambientais e políticas (Souleles, 2017, p.3 op.cit. Deniz & Aryana, 2015).

Rodgers (2015, p.3) aborda o design disruptivo como atividades que procuram alternativas estratégicas que se prolonguem no tempo sem que sejam contestadas, na qual a participação do usuário está diretamente relacionada à avaliação do resultado final consoante o impacto positivo que a solução oferece – como por

exemplo em áreas de empreendedorismo e negócios, paisagem arquitetónica e prestação de serviços.

Quanto ao design crítico, tem o papel de cultivar e disseminar a consciência crítica entre o profissional e o cliente, no qual praticamente não se procura a participação do usuário e enquadra-se dentro da vertente de transformação social uma vez que procura a emancipação social através da valorização da simbologia, da cultura e do discurso (Souleles, 2017, p.4).

Segundo Sanders & Stappers (2008, p.9), o design participativo opõe-se a práticas baseadas na hierarquia e no controle, dizendo-nos que não só os especialistas podem ser co-designers, no qual os usuários são considerados parceiros ativos e equitativos, enfatizando a importância do trabalho multidisciplinar.

6.1.1. Pedagogia Centrada no Design Educacional

Existem alguns autores que criticam a aprendizagem através de tutoriais ou de mimética (a mimética é o ato de focar na prática do mestre ao invés de deixar o aluno desenvolver os seus próprios métodos criativos), uma vez que potencia o pensamento analítico e não gera liberdade para desenvolver os conhecimentos tácitos. Por outro lado, a crítica é uma abordagem que envolve a apresentação individual de projetos de alunos a um grupo de colegas na presença do professor, sendo que o objetivo principal consiste em fornecer feedback informal, funcionando como uma forma de avaliar formativamente. No entanto, este método providencia uma aprendizagem linear e sistemática que não permite alargar os horizontes, sendo que o ênfase do design recai na preocupação da expressão pessoal – o que representa uma antítese às noções de empatia e capacidade de desenvolver uma compreensão profunda do usuário. No fundo estas técnicas centralizam-se no professor o que gera incapacidade ao aluno de promover as suas próprias competências para a prática do design centrado no ser humano (Souleles, 2017, pp.7-8).

Se o método centralizado no mestre/professor para não ser efetivo, por outro lado, a multidisciplinariedade pode ser uma fonte de expansão para o desenvolvimento das capacidades do aluno, iremos aprofundar mais este tema no próximo ponto.

6.2. Design Thinking

Para Souleles (2017, p.5), as estratégias mais comuns de pesquisa para a mudança social são o *design thinking*, etnografia e pesquisa-ação. O *design thinking*, por sua vez, recorre a uma abordagem abdução para a resolução do problema e uma abordagem focada na solução através de um processo iterativo. Um modelo interessante e conhecido do *design thinking* é designado por “*Design*

Thinking for Educators”, uma abordagem que contém cinco etapas de forma consecutiva ou não consecutiva, as quais:

- a) A descoberta: na qual se pretende compreender o desafio, onde se prepara a pesquisa e se começa o processo de inspiração;
 - b) Interpretação: nesta etapa pesquisam-se significados, oportunidades e enquadramento;
 - c) Ideação: onde se geram e redefinem as ideias;
 - d) Experimentação: Fazer protótipos e obter feedback;
 - e) Evolução: seguir em frente e/ou tentar algo novo.
- (Souleles, 2017, p.5, op.cit. Fierst, Diefenthaler & Diefenthaler, 2011).

O envolvimento com o *design thinking* permite a interação com diferentes áreas de conhecimento, o que gera oportunidades tecnológicas, respondendo às necessidades do usuário, sendo que o motor base se centraliza na empatia do usuário, ou seja, na capacidade de colocar na posição de outra pessoa e através dessa mesma posição, potencializar um entendimento mútuo (Souleles, 2017, p.5).

6.2.1. A Multidisciplinaridade e o Design

Para que o Design possa ter voz, a pesquisa adjacente deve ser elaborada com uma base multidisciplinar. Isto acontece por toda a experiência que o Design necessita de atender para satisfazer as necessidades do seu usuário e, para isso, são levadas em conta todas as microexperiências como o simples facto de ir às compras, ir às aulas, fazer o jantar, etc. Ao observar a execução destas atividades, percebe-se que o ser humano é levado num fluxo contínuo de experiências que não valorizam as fronteiras disciplinares. Por outras palavras, quando um indivíduo vai às compras, esse simples ato pode reunir diversas áreas de conhecimento como a fisiologia, a psicologia, a economia, a política, o design, a cultura, estética, etc., mas que não estão presentes no estado consciente do consumidor. Sendo que na área do Design queremos transformar a experiência do usuário numa experiência única, temos que perceber quais os campos que precisam ser preenchidos, o que nos obriga, enquanto designers a ter a responsabilidade de compreender o fenómeno humano na sua potência máxima, por forma a que o trabalho realizado a partir daí seja o mais eficiente possível e para que isso possa acontecer não podemos ignorar o saber multidisciplinar, ou caso contrário, estaríamos a ignorar a oportunidade de conhecer o consumidor/usuário e de preencher as suas necessidades (Findeli, et. al., 2008, pp.76-77).

6.2.2. Multiprofissionalidade em Design

A multiprofissionalidade no design segue a mesma lógica que o texto anterior, apesar das profissões e projetos se distinguirem pelos produtos, o fluxo de inter-relação contínua a acontecer sem interrupção experimental, é dizer, o indivíduo que vai às compras passa de escala em escala sem que a mesma seja interrompida (Findeli, et. al., 2008, p.78):

- Escala do produto – saco de compras, carrinho de compras, etc.
- Escala do espaço interior – apartamento, autocarro, loja, etc.
- Escala arquitetónica – casa, prédios, centro comercial, etc.
- Escala urbana – rua, vizinhança, supermercados, estacionamentos, etc.
- Escala virtual – lojas online, e-book, etc.
- Escala simbólica – sinalização, publicidade, tabelas de preços, cartazes, etc.

Se não existisse a multiprofissionalidade a experiência teria falhas no seu decorrer, daí a sua extrema importância (Findeli, et. al., 2008, p.78).

6.3. Géneros e Desconstruções

O conceito de género consiste numa construção social do feminino e do masculino (Januário, 2016, p.24 op. Cit. Safiotti, 2007), que pode ser entendido como a relação entre o saber e o poder e, por outro lado, como um produto social que é adquirido, no qual o poder não se encontra equitativamente distribuído. Segundo Januário (2016, p.25), o poder consiste numa prática social que se desenrola através da história e da cultura e, como tal, varia de sociedade para sociedade e de época para época. A questão do poder associa-se à sexualidade numa via semelhante, assente em construtos sociais, implementados pelo contexto social e pela política em que se encontra inserido e, por este mesmo motivo, o saber que julgamos possuir não é despretensioso.

Complementando com a visão de Bacete (2017, p.26), o aprofundamento da relação entre a biologia e a cultura, à qual se pode atribuir o nome epigenética, ajuda-nos a compreender melhor o tema, uma vez que a mesma se refere “ao conjunto de reações químicas e respetivos processos que modificam a atividade do ADN”. O autor explica que apesar das marcas epigenéticas não serem genes, são capazes de influir na genética do organismo, uma vez que resultam do impacto do ambiente em que a pessoa se vai desenvolvendo. O que significa que a leitura dos nossos genes está condicionada pelas nossas experiências e aprendizagens. Citando Bacete (2017, p.26), “Assim, o que entendemos por ser homem e mulher, masculino e feminino, são construções culturais que incidem na nossa potência biológica, de uma forma tendenciosa, determinada pelas nossas circunstâncias e momentos históricos.”.

Assim, existe uma gestão da construção da sexualidade, que é filtrada pelas instituições sociais (família, estado, escola e ciência), para que a mesma seja falada em determinadas circunstâncias e para um público-alvo específico. (Januário, 2016, pp.25-27 op.cit. Foucault, 2001). O género e o sexo foram relacionados, primeiramente, pelas feministas dos anos 70, mas com o passar do tempo, vários autores pretenderam individualizar os conceitos para uma desconstrução do argumento patriarcal. Refletindo nas palavras de Simone de Beauvoir (1980), “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, transparece a ideia de que ser mulher

carece de muito mais do que a mera fisionomia e, portanto, a pela à correspondência de um processo de «apropriação e reinterpretação que advém de possibilidade culturais» (Januário, 2016, p.29 op.cit. Butler, 1986). Segundo a DGS (Direção Geral da Saúde) (2008, p.24), as diferenças entre os homens e as mulheres variam consoante perspetivas genéticas, hormonais, reprodutivas e físicas (respetivamente ao sexo) e influências culturais, sociais e históricas (respetivamente ao género), como tal “Esta conceção, no fundo, não faz mais do que encontrar novas formas de expressão linguística para reforçar a ideia de dualismo comportamental e psicológico intrínseco aos sexos, o que ameaça o desejo de desconstrução da verticalidade que separa as mulheres dos homens e, logo, as potencialidades do conceito de género” (DGS 2008, p.24, op.cit., West & Zimmerman, 1987, p.36). Januário (2016, p.29) interpreta as palavras de Judith Butler (1990), que explica que o sexo é tido como natural e que o género é socialmente construído, o que beneficiava as teorias feministas, na medida em que se associa a mulher ao “sexo frágil”, ao sexo que se submete – o que remete à ideia de que, tal como o sexo, o género também é histórico e cultural.

Através da teoria queer (que provem do inglês e adquire o significado de algo que é estranho), atribuída à comunidade e fenómeno LGBT, questionam-se as ideias que sustentam a identidade de género que se apresentam como imutáveis e que estão enraizadas na natureza, corpo ou numa heterossexualidade normativa e obrigatória (Januário, 2016, p.31, op.cit. Butler, 2008).

Posto isto, entende-se que as questões de género não são tão lineares quanto pretendem ser apresentadas e que não afetam um sexo único, o feminino como é comumente pensado, mas que abrangem o ser humano e a sua natureza na totalidade e, conseqüentemente, incorporam noções de identidade e identidade de género, respetivamente. Citando Januário (2016, p.35), “O conceito de identidade pode ser considerado como um conjunto de características próprias e exclusivas de cada ser humano, imbricado nas suas atividades enquanto indivíduo, na sua história de vida, no mundo que o rodeia, incluindo características da sua personalidade e outras questões inerentes ao indivíduo”, desta forma, o indivíduo consegue diferenciar-se dos demais, bem como, assemelhar-se. No entanto, é desde a infância que o indivíduo é habituado a construtos assentes em valores culturalmente enraizados, quanto ao que é ser um ser masculino ou feminino (Januário, 2016, p.35, op.cit. Butler, 2008). Posto isto, comprova-se que o indivíduo não tem livre-arbítrio na sua própria construção identitária o que reprime, não só o indivíduo, como a compreensão social sobre questões que podem ser consideradas fora do normal: como a conceção de que um homem também pode realizar tarefas domésticas, sofrer de violência doméstica, entre outros paradigmas que não lhe estão associados devido ao seu sexo e à mesma relação com a cultura e a história em que se encontra inserido.

6.4. Feminismo na atualidade

O feminismo diz respeito a um conjunto de movimentos que abraçam uma variada gama de esferas como a política, sociologia, filosofia, entre outras, e que tem como principal finalidade a igualdade entre géneros, termo sucintamente definido por Oliveira (1969, p.424) como um “movimento social cuja finalidade é a equiparação dos sexos relativamente ao exercício dos direitos cívicos e políticos”. De uma forma mais extensa, Alves e Pitanguy (1981, p.9) dizem-nos que o feminismo pode ser definido como a necessidade de reavaliar e recriar a identidade do sexo, por forma a que nem o homem nem a mulher sejam obrigados a encaixar-se em modelos hierarquizados, e no qual as características geralmente atribuídas ao ser humano possam ser globalizadas ao invés de estarem categorizadas em femininas e masculinas. Citando as autoras:

“Que a afetividade, a emoção e a ternura possam aflorar sem constrangimentos nos homens e serem vivenciadas, nas mulheres, como atributos não desvalorizados. Que as diferenças entre sexos não se traduzam em relações de poder que permeiam a vida de homens e mulheres em todas as suas dimensões: no trabalho, na participação política, na esfera familiar, etc.” (Alves & Pitanguy, 1981, pp.9-10).

Fazendo uma retrospectiva daquilo que abrange o feminismo, é nos possível fazer uma viagem no tempo até à atualidade e perceber quais foram e quais são as correntes que o compõem. As primeiras três que se fizeram ouvir com predominância dizem respeito ao feminismo liberal, o feminismo radical e o feminismo socialista. Estas correntes representavam um grupo de mulheres específico, as mulheres brancas ocidentais, e não as mulheres na sua totalidade (Santos et al, 2017, p.58). Nos dias de hoje, é um movimento muito mais amplo que incorpora todas as mulheres, independentemente das suas origens, géneros e/ou identidade. Para um melhor entendimento destas vertentes, iremos aprofundá-las individualmente, incluindo as suas origens, teorias, objetivos, a suas conquistas e visões.

6.4.1. Feminismo Liberal

O feminismo liberal diz respeito à primeira onda e surgiu no século XVIII, com base nas teorias políticas da época. O mundo liberalista proporcionou na sua origem uma liberdade e igualdade atribuída aos homens (Blackwell, 2016, p.669). Quando começou a ser trabalhado pelas feministas, serviu como instrumento para sustentar a luta pelos direitos das mulheres, centrando-se no direito natural do ser humano de ser livre e, igualando a mulher ao homem, por forma a que a sociedade permitisse a ambos adquirir uma conduta de autonomia e de realização pessoal (Januário, 2016, p.61, op.cit Calás e Smircich, 1999, p.279).

Esta tentativa das mulheres de entrar nas esferas políticas, legais e sociais, fez com que as mesmas começassem a expôr as tradições religiosas conservadoras bem como a autoridade hereditária. O descontentamento com a posição que as mulheres estavam a ocupar na sociedade, deu origem à necessidade de propor leis que as protegessem da discriminação sexual, bem como evidenciar e lutar contra as que normalizavam o poder dos homens, a violência contra as mulheres ou papéis de género restritivos (BlackWell, 2016, p.270). Começa-se a questionar o porquê da mulher submissa ao homem, o porquê da mulher associada à casa e aos filhos, ao porquê de a mulher ser associada ao sexo “fraco”.

Na tentativa de procurar respostas a estas perguntas dá-se início a uma das discussões centrais do feminismo liberal concentrada nas definições de “privado” e “público”, no qual o primeiro está associado à distinção entre Estado e a sociedade, enquanto a segunda tem a ver com a distinção entre vida doméstica e não doméstica. A diferença entre os dois termos está na ideologia, uma vez que se apresenta a sociedade sob um prisma tradicional masculino nos quais os roles de homem e mulher estão construídos pela mesma visão e, portanto, são problemas de cariz político, assentes em questões de educação diferenciada (Jacinto, 2016, p.62-63).

Desta forma podemos entender o feminismo liberal como a vertente que deu início aos primeiros passos da reclamação de direitos das mulheres, colocando em evidência as diferenças de género e os respetivos preconceitos que afetavam diversas áreas na vida das mulheres, tanto a nível individual como de comunidade.

6.4.2. Feminismo Socialista

A segunda onda surge com feminismo socialista, tal como o feminismo radical, que se apoiam nas teorias de Marx e Engels, teorizando o género e evidenciando os problemas existentes entre a vida material e a vida simbólica e respetivas gafes entre a produção e a reprodução social, a divisão social e sexual do trabalho e entre sistema de género e de classe social (Januário, 2016, p.64):

“A família individual moderna está baseada na escravidão doméstica, transparente ou dissimulada, da mulher [...] é o homem que, na maioria dos casos, tem de ser o suporte, o sustento da família, pelo menos nas classes possuidoras, e isso lhe dá uma posição de dominador que não precisa de nenhum privilégio legal específico. Na família, o homem é o burguês e a mulher representa o proletariado” (Januário, 2016, p.64 op.cit, Engels, 2009:80)

Segundo Marcelino (2020, pp.34-35), o contributo das feministas dá-se ao olharem para as teorias de Marx através da perspectiva do género, e não unicamente pelo prisma capitalista e universal da formação do proletariado assalariado, ou seja, o trabalho realizado pelas mulheres, - nas cozinhas, nos quartos, nas casas, com os filhos, com os pais e parentes - como sendo necessário para a reprodução da vida, era visto como obrigação da mulher e, por esse motivo,

isento de remuneração, no entanto sem ele não existiria desenvolvimento capitalista.

O feminismo socialista vem desta forma introduzir o conceito de «modo de produção doméstica», fazendo com que o trabalho doméstico seja reconhecido na economia e aligeirando a subordinação e opressão das mulheres neste setor (Januário, 2016, p.65, op.cit, Maquiera et al.,2001).

6.4.3. Feminismo Radical

Surgiu nas décadas de 60 e 70 com o intuito de mandar abaixo o sistema patriarcal. De forma sucinta, o feminismo radical relaciona três conceitos-chave: o patriarcado, o poder e a opressão, uma vez que o patriarcado representa um sistema hierarquizado de homens que exercessem um poder dominante sobre as mulheres (Vukoičić, 2013, pp.35-37).

Para além do foco em aprofundar toda a temática do patriarcado e esmiuçar as diferenças sociais que dele advém entre os sexos feminino e masculino e sua consequente subordinação do sexo feminino, as feministas priorizaram as lutas ativas e reivindicações assentes em políticas práticas em todo o mundo, como a defesa da legalização do divórcio e da aceitação dos filhos ilegítimos; luta pelas creches para filhos das mulheres de classe trabalhadora; o direito das mulheres terem controle sobre o próprio corpo; reivindicação da criminalização da violência contra as mulheres; defesa da politização da esfera pública e da construção de instituições de acolhimento para as mulheres que apresentavam condições de risco. À parte, as mulheres começaram a reunir-se em grupos de autoconsciência e autoconhecimento da sua posição na sua sociedade.

O feminismo radical veio tentar erradicar alguns aspetos proporcionados pelo patriarcado, mais especificamente no que diz respeito à liberdade pessoal e familiar da mulher; à utilização da sexualidade feminina para produzir uma imagem subordinada; à violência exercida contra a mulher; à mudança de paradigmas no género, o que possibilitou a criação de uma rede de apoio entre mulheres mais consistente (Vukoičić, 2013, p.35). Desta forma, esta vertente destacou-se pelo cariz inovador nas teorias e conquistas, sendo que tentou renovar as perceções sociais relativamente aos conceitos atribuídos às mulheres, visando a origem de novas identidades políticas (Januário, 2016, p.70).

6.4.4. Feminismo Cultural

O feminismo cultural compreende a quarta onda do feminismo, surgindo como uma variante do feminismo radical. Para além de visar o fim da sociedade patriarcal, o seu principal objetivo prende-se com o reconhecimento do mundo feminino que até então tem sido subestimado, o que inclui lutar contra a ficção do que é a figura da mulher sustentada pela fantasia masculina, sem que ocorra um reverso da moeda, proclamando apenas igualdade (Álvares, p.6).

Tendo em conta a preocupação com a reconstrução da identidade sociocultural das mulheres, as feministas acreditavam que o problema não residia apenas na estruturação social, mas que também a linguagem e o discurso apresentavam um peso fulcral, pois mais do que um instrumento que possibilita a transmissão de ideias, o género na linguagem representa o pensamento social e cultural (Jacinto, 2016, p.71, op.cit, Nogueira, 1996, p.170).

No entanto estas teorias foram negadas uma vez que se acreditava que o movimento pretendia introduzir uma supremacia da cultura feminina sob a masculina (Jacinto, 2016, p.71).

6.4.5. Contributo do Feminismo para a Discussão das Masculinidades

O feminismo é um movimento que, nos dias de hoje, adquire inúmeras facetas e retrata desigualdades muito variadas. Continuando a lutar por políticas de inclusão social, defende também as mulheres que pertencem a minorias étnicas, luta pelos direitos LGBTQIA+ e, tendo em conta tudo o que foi exposto anteriormente, ajudou a trazer ao de cima questões relacionadas com o comportamento dos homens. Surgem algumas dúvidas quanto ao impacto do patriarcado e do ambiente sociocultural no qual os homens também se desenvolveram e que efeitos foram produzidos no desenvolvimento da sua identidade de género. Desta forma, o seguinte tema retratará estas questões em profundidade, para um melhor entendimento da matéria.

6.5. Masculinidade Tóxica

6.5.1. História: Homens e Cultura

Para entender a construção da identidade masculina no mundo ocidental, é necessário observar o processo histórico e considerá-lo no debate, tendo em conta que é um ponto inúmeras vezes acima referido. Regista-se que nos primórdios dos tempos, o homem e a mulher mantinham uma relação harmoniosa, no qual nenhum dos sexos dispunha de um papel com mais destaque que o outro:

“Na aurora da humanidade não podemos falar na existência de desigualdades entre o homem e a mulher. Naquele tempo, não existiam povos, nem Estados separados; os seres humanos viviam em pequenos grupos (hordas) e, depois em famílias e tribos. [...] os seres humanos tinham que se manter agregados, solidários entre si, para sobreviver e se defender dos animais ferozes e das intempéries. Quem se marginalizava perecia. Logo, não havia uma superioridade cultural entre homens e mulheres” (Jacinto, 2016, p.80, op.cit. Alambert, 2004, p.27).

Apoiada nos textos de Heleieth Saffioti (2007) e de Johnson (1997), Jacinto (2016, p.80) explica resumidamente que a origem da «dominação-exploração» dos homens sob as mulheres pode ter tido a sua origem quando se começou a utilizar o arado na agricultura, uma vez que o mesmo exigia a tração animal e a força do homem; tal como na pecuária. O avanço na agricultura fez com que os ganhos económicos aumentassem, e quanto mais filhos uma família tivesse, maior seria a

produtividade, pois aumentaria extensão de terra cultivada e haveria mais homens para usar o arado e para colher e cultivar.

Um marco que também contribuiu para o empoderamento masculino foi a descoberta de que os mesmos carregavam a semente da reprodução, passando a ser reconhecidos como os portadores da «fonte da vida»: “Neste sentido, Johnson (1997) e Saffioti (2007) atribuíram à produção de excedente económico e à descoberta do papel do homem no processo reprodutivo a responsabilidade por esta mudança de uma sociedade igualitária para uma sociedade hierarquizada em termos de género.” (Jacinto, 2016, p.81).

Na sequência da estrutura social, os modelos institucionais que a compõem – família, Igreja, o Estado e a Escola – representam o motor que deu continuidade à diferenciação de géneros, uma vez que moldam e são moldados pela sociedade, colocando o homem como centralidade de um todo: “O sagrado está diretamente relacionado com o homem; em contraponto, o pecado é associado ao elemento feminino, tal como na parábola de Adão e Eva.” (Jacinto, 2016, p.82).

Posto isto, entende-se que a evolução da sociedade se apoiou em características socialmente atribuídas ao homem e à mulher, colocando o sexo feminino como o sexo frágil e facilitando a adoção de uma postura de dominação e de poder do homem em relação à mulher.

Segundo Scavone (2011, p.270 op.cit. Molinier e Welzer-Lang, 2009), “A adoção de uma abordagem de género não descritiva, a partir dos anos 1980, aplicada às questões da masculinidade e da virilidade, possibilitou que muitos estudos dessem visibilidade às implicações e aos efeitos subjacentes da dominação masculina, tornando-os mais evidentes. Portanto, foi possível considerar “masculinidade, feminilidade, virilidade, mulheridade” como “expressões coletivas e individuais da dominação masculina”.

Da mesma forma, mas dedicado à saúde sexual dos homens, Sexualidade Masculina, género e saúde traz à tona elementos imprescindíveis para o entendimento da lógica dessa dominação, que afeta não só as mulheres, mas também os homens. O corpo masculino prende-se a símbolos e práticas sexuais dominantes, como o estereótipo padrão associado à figura masculina: «heterossexual, viril, união estável de aparência monogâmica, desejo sexual mais forte em homens que mulheres» (Scavone, 2011, p.271 op.cit. Foucault, 1994, pp.91-145). Almeida (1996) diz-nos que “não utilizo noções como “papel” sexual ou “papel” de género: não têm valor explicativo, pois comportam, implicitamente, uma falsa dicotomia entre corpo e indivíduo, sexo e género. A compactação entre “macho”, “homens” e “masculinidade” – um dos resultados do uso daquela noção – não deve ser tomada como certa, mas sim analisada.”, e que, por esse mesmo motivo, a masculinidade e feminilidade não são sobreponíveis, mas que consistem

em metáforas de poder e de capacidade de ação – através das quais resultam as várias masculinidades e de transformações das relações de gênero, mesmo que estas sejam ignoradas pela antropologia, quanto aos contextos e critérios segundo os quais os homens são diferenciados uns dos outros (Almeida, 1996 op.cit. Cornwall & Lindisfarne, 1994).

Na procura de compreender a reprodução do modelo central de masculinidade, Almeida (1996) diz-nos que esta consiste na masculinidade hegemónica e que as restantes masculinidades que possam advir são subordinadas a esta, como se fosse um «efeito perverso» da mesma. O autor explica ainda que esta masculinidade pode traduzir-se num modelo cultural ideal, uma vez que exerce sobre todos os homens e as mulheres um efeito controlador, citando Almeida (1996) “Implica um discurso sobre a dominação e a ascendência social, atribuindo aos homens (categoria social construída a partir de uma metonímia do dimorfismo sexual) este privilégio potencial.”. Não é só a mulher que é implicada nestes construtos sociais, mas também o homem, uma vez que este tem de evoluir na sociedade enquanto aquilo que é suposto representar e nem todos os homens se identificam com o estereótipo criado pela sociedade.

6.5.2. A Violência e os Homens

Ainda que existam teorias que tentem explicar a violência exercida pelos homens como uma característica diretamente relacionada à biologia dos seres humanos do sexo masculino, Bacete (2017, pp.243-244, op.cit. Lorente) explica que a mesma é apreendida, reproduzida e sustentada na aceitação social e que, desta forma, todos enquanto sociedade somos responsáveis por deixar que atitudes tóxicas continuem a caber no nosso dia a dia. Indo um pouco mais a fundo, “o estudo de «*The Man Box*» revelou que 50% dos jovens dos Estados Unidos, Reino Unido e México consideram que devem atuar de forma «dura» para fazer frente a qualquer situação, mesmo que sintam medo”, sendo que este pensamento é transmitido maioritariamente pela família e pelos grupos sociais nos quais se encontram inseridos (Bacete, 2017, p.245).

Segundo o autor, estas atitudes são alimentadas pelas experiências contraditórias de poder vivenciadas pelos homens. Os sentimentos de debilidade, frustração, solidão e medo (ou seja, com algo que lhes provoque dor), entram diretamente em confronto com os mecanismos que os fazem sentir poder e privilégios. Por palavras um pouco mais claras, não sabem lidar com a rejeição seja ela do cariz que seja. Defende ainda que trabalhar estes aspetos com homens e jovens implicaria sempre trabalhar também a justiça social, caso contrário o efeito produzido seria enaltecer o privilégio dos homens (Bacete, 2017, pp.244).

O impacto da violência dos homens recai muito mais além do que única e exclusivamente nas mulheres, crianças ou nos próprios homens e apresenta-se como um elemento de preocupação global, Segundo Bacete (2017, p.256, op.cit. Moore, 2016) os homens são «maus para o planeta!»: “Nenhuma mulher construiu

uma chaminé contaminante nem inventou a bomba atômica ou de hidrogénio. Nenhuma rapariga, nem nenhuma mulher entraram em nenhuma escola e dispararam contra toda gente.”.

Segundo a análise de Kaufman (1999, pp.1-4), denominada “Os 7 P’s da Violência dos Homens”, que como o próprio nome indica, se sustenta em sete premissas que melhoram o entendimento da natureza e da mecânica das naturezas machistas, as quais serão explicadas nos próximos parágrafos.

1. **Poder Patriarcal:** a violência dos homens contra as mulheres está diretamente relacionada com a violência que os homens exercem contra eles mesmos, nutridos pelo ambiente de violência que as organizações e o patriarcado provocam. A violência é vista como a forma mais eficaz de negociação, de obtenção de privilégios e poder, resultante de classes sociais, cor de pele, idade, religião, orientação sexual ou habilidades físicas. Tudo isto promoveu a naturalização da violência nas relações humanas.
2. **Senso de Direito ao Privilégio:** a violência pode não estar diretamente associada ao poder, mas à crença subconsciente de que têm direito ao privilégio apenas por serem homens.
3. **Permissão:** os homens estão protegidos por leis, costumes sociais e ensinamentos religiosos quanto à prática da violência. Atos violentos são ainda glorificados em desportos, cinema, literatura e nas estruturas militares.
4. **O Paradoxo do Poder dos Homens:** a sociedade de poder construída pelos homens apresenta características de isolamento, medo e dor, o que representa um paradoxo uma vez que nos afastamos da natureza do ser humano, da nutrição, do amor e caminhamos para a construção de homens com problemas incapacitantes que eles mesmos não são capazes de resolver.
5. **A Armadura Psíquica da Masculinidade:** sendo que a educação dos homens assenta em bases de distanciamento emocional, pautada pela ausência e repleta de fantasia, de forma inconsciente, o homem aprende a rejeitar as qualidades associadas à mãe e à feminilidade – cuidado e nutrição, criando barreiras rígidas ao nível do ego e, conseqüentemente pouco capacidade empática. O que promove uma fraca capacidade de leitura dos acontecimentos que surgem no seu entorno e potencia a violência.
6. **Masculinidade como uma Panela de Pressão Psíquica:** não só os sentimentos de afetividade são ensinados a ser bloqueados, como os sentimentos associados à dor e ao medo, como forma de sobrevivência, deixando predominar a emoção da raiva. Não acontece com todos os homens, uma vez que cada um vivencia relações distintas com os sentimentos, mas ainda assim, sempre que um homem sente que não se enquadra dentro do padrão de poder criado pela sociedade surgem sentimentos de impotência e conseqüentemente, atitudes e comportamentos

derivados de raiva que produzem violência, como forma inconsciente de provar a si mesmos e aos outros o seu valor.

7. **Experiências Passadas:** a maioria dos homens provêm de ambientes familiares e sociais onde a violência é exercida contra as mulheres, o que facilita que padrões de violência continuem a ser desenvolvidos ao longo da sua vida de forma normalizada.

6.5.3. Enquadramento Estatístico em Portugal e em Espanha

Na tentativa de expor alguns dos comportamentos tóxicos realizados principalmente pelo sexo masculino, a discente reuniu alguns dados estatísticos que ajudam a enquadrar a situação em Portugal e Espanha. Segundo alguns dados recolhidos por Bacete (2017, pp.239-242), podemos observar alguns fatores que nos dão que pensar quanto à posição do homem e da mulher na nossa sociedade. No livro “*Nuevos Hombres Buenos*”, este autor expõe que segundos dados recolhidos de um estudo realizado pelas Nações Unidas, a percentagem de mulheres no mundo inteiro que já sofreu de violência física ou sexual por parte do seu companheiro afetivo corresponde a 35%, ainda que na maioria dos estudos indiquem 70%.

Outros estudos, mais concretamente o Estudo Mundial de Homicídios de 2013 realizado também pelas Nações Unidas, contra a Droga e o Delito, revela que na Europa 3.300 mulheres foram assassinadas, na América 6.900, na África 13.400, na Ásia 19.700 e 200 na Oceânia, o que nesse ano deu um total de 43.000 mulheres que sofreram de violências machistas nesse ano (Bacete, 2017, p.240).

Como se estes dados não fossem graves o suficiente, o autor aponta para algo ainda mais alarmante, citando:

“Calcula-se que uns 120 milhões de meninas de todo o mundo (uma em cada dez), sofreram de coito forçado ou outro tipo de relações sexuais forçadas em algum momento das duas vidas. [...] os agressores mais habituais não são desconhecidos, mas sim homens próximos à família, incluindo o próprio pai, padrastos, tios, companheiros ou namorados; 700 milhões de mulheres atualmente vivas casaram quando eram crianças, e 200 milhões de crianças e mulheres sofreram de ablação ou mutilação genital.” (Bacete, 2017, p.240).

Através dos censos de 2018 que constam no site estatístico PORDATA¹, podemos verificar uma diferença considerável entre sexos, uma vez que os dados apontam para um número de 1.391 mulheres que sofreram de violências sexuais, enquanto os homens apresentam um número de 233, em Espanha, por sua vez o número de mulheres é de 9.388 e de homens é de 1.486.

¹ Dados PORDATA disponíveis a 10/12/2020 em:
<https://www.pordata.pt/Europa/V%C3%ADtimas+de+agress%C3%A3o+sexual+total+e+por+sexo-3293>

Já em relação à violência doméstica, a APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, revela-nos que entre 2013 e 2018 a maioria dos autores de violência doméstica são homens (68,85%) comparativamente às mulheres (30%).

Quanto à violência sexual, no que diz respeito aos adultos, entre 2013 e 2018 registou-se uma taxa de vítimas do sexo feminino de 96,2% e a relação vítima – autor do crime corresponde 51% a familiares ou relações e Ex relações afetivas (APAV, 2019, p.3); e em relação às crianças, entre 2016 e 2019 consta uma taxa de 79,9% de vítimas do sexo feminino, dos quais 52,2% dos crimes são cometidos por pessoas do seio intrafamiliar e 40,8% extrafamiliar (APAV, 2020, p.3).

Existem outros dados adjacentes aos agressores que devem estar claros, para além grande maioria dos agressores ser do sexo masculino (94%), em 2018, os números mais elevados de agressão são de homens que estão empregados (476) ou têm outras atividades que geram rendimento económico (591), sendo que 845 apresentam antecedentes criminais (APAV, 2019, pp.7-8)

No Relatório da APAV 2019 – Vítimas de Homicídio, podemos encontrar a caracterização das vítimas de homicídio por sexo em Portugal, 46,6% do sexo feminino e 53,4% do sexo masculino, segundo os dados do Observatório de Imprensa de Crimes de Homicídio em Portugal e de Portugueses no Estrangeiro (OCH). A violência doméstica ocupa uma taxa de 44% em virtude de homicídio na forma tentada, em que 87,5% são mulheres e de 48% de causas de homicídio na forma consumada, em que mais uma vez a maioria são as mulheres com uma taxa de 66,67% (APAV, 2019, PP. 14-22).

Em Espanha o número de mulheres assassinadas por namorados ou ex namorados chega é de 60 anualmente. Em 2016 foram realizadas 391 denúncias diárias de violência machista, que se resumiram em 142.000 no fim do ano e, tendo em conta que apenas 20% das mulheres decidem apresentar denúncia, o número de homens que ocupam a posição de agressores podia facilmente chegar aos 700.000 e, no entanto, apenas 4% destes são condenados (Bacete, 2017, p.241).

Já constatámos que existe uma discrepância face à violência contra a mulher proporcionada pelos homens, bem como já abordámos acima que a tentativa de definir géneros surge de um contexto socio cultural padronizado que se tem vindo a prolongar no tempo. Surgem então questões que não querem calar. O que aconteceu aos homens? Quais foram os motores que sustentaram estes comportamentos e porque continuam a acontecer na atualidade? Quais são as fragilidades masculinas que não estão a ser vistas? O que pode e o que deveria acontecer no futuro?

Iremos abordar estas perguntas mais à frente na fase de projeto, para já, segue-se a metodologia.

7. Desenho da Investigação

7.1. Metodologias

Sendo que a investigação visa a obtenção do grau de Mestre, necessita de uma estrutura consistente. Desta forma, propõe-se a organização da mesma em três fases: a exploratória, generativa e avaliativa.

Na primeira, será possível conhecer perspectivas que ajudem a fundamentar e a definir alguns conceitos de diferentes áreas, segundo a perspectiva de alguns autores e, por esse motivo, a metodologias aplicadas dizem respeito à metodologia qualitativa e à metodologia quantitativa. Na segunda, será possível começar a gerar conhecimento e, portanto, também serão utilizadas as metodologias qualitativa e quantitativa e ainda a metodologia de investigação não intervencionista. Por último, na fase avaliativa, perspectiva-se a capacidade de resposta de resolução quanto à sua eficácia e respetiva eficiência, tal como uma comparação entre a prática e a teoria, daí que as metodologias irão consistir, respetivamente, no questionário, num possível focus group e na metodologia intervencionista. Assim, nos tópicos seguintes, serão abordadas as metodologias referidas acima, por forma a aprofundar o conhecimento sobre as mesmas.

7.1.1. Focus Group

O Focus Group consiste numa técnica que visa a recolha de dados e pode ser utilizada em diversos momentos do processo de investigação. Esta técnica pressupõe a interação de um grupo com um tópico atribuído pelo investigador e comporta três componentes essenciais (Keating & Veloso, 2014:177):

- Representa um método de investigação dirigido à recolha de dados,
- Focaliza a interação entre a discussão do grupo e a fonte dos dados,
- Reconhece o papel ativo do investigador na dinamização da discussão do grupo para efeitos de recolha dos dados.

Desta forma, representa uma estrutura que irá permitir recolher dados sobre a interpretação dos elementos visuais utilizados para personificar a temática da masculinidade tóxica.

7.1.2. Metodologia qualitativa e quantitativa

A metodologia consiste numa via condutora que visa a resolução de um problema. Segundo Miranda (2009), a metodologia pode ser uma das chaves para proporcionar a solução de um problema de forma fiável, usufruindo de recolhas planeadas, sistemáticas e da sua respetiva interpretação de dados – estando ainda associada, na sua perspectiva, com o progresso científico. Citando Miranda (2009), as metodologias encontram-se “relacionadas com a investigação e, num sentido mais vasto, com o processo científico, encontram-se sempre questões epistemológicas ligadas a três aspetos”, os quais:

1. Natureza do Objeto da Investigação (o quê): a proposta aqui

apresentada pretende investigar as raízes da masculinidade tóxica, entender conceitos associados e compreender de que forma a arte do design gráfico poderá contribuir para o desenvolvimento da sociedade e respetivo progresso científico.

2. Processo do conhecimento científico (o como): as teorias irão servir como fundamento e base de conhecimento, bem como de inspiração, para a elaboração de elementos gráficos alusivos à fisionomia do homem e da mulher. Os mesmos serão expostos a um máximo de 30 indivíduos, aos quais serão posteriormente atribuídos questionários sobre o observado, seguindo-se o debate de ideias e reflexões individuais através de uma metodologia designada de *focus group*. Os dados recolhidos nos dois métodos irão contribuir para as conclusões do tópico investigativo.
3. Objetivo inerente a uma investigação, ou seja, a finalidade da atividade científica (porquê?): o principal objetivo reside em compreender de que forma o design gráfico pode contribuir para um progresso científico, se apela a uma consciencialização, a um enriquecimento e evolução individual e social e se poderá ser viável enquanto instrumento de Intervenção.

7.1.3. Metodologias Intervencionistas

Segundo Cassandre, Querol e Bulgacov (2012:3), a palavra «intervenção» pressupõe a ação de intervir, mediar ou interceder. Como os mesmos autores explicam, os princípios das pesquisas intervencionistas prendem-se na intenção de valorizar uma produção de conhecimento que beneficie o surgimento de novos atores no processo de pesquisa, tendo os mesmos que ser, simultaneamente, corresponsáveis na condução e construção do conhecimento coletivo. Esta metodologia considera relacionar a aprendizagem organizacional com a aprendizagem de forma isolada, de forma ampla e dialética, com base nas ações coletivas e incluindo, tanto os sujeitos diretamente relacionados à organização, como o investigador.

Citando Cassandre, Querol e Bulgacov (2012:5), “(...) essa ação coletiva não é o estabelecimento de regras e leis, nem mesmo a implementação de planos ou regulamentações adaptadas ou copiadas de outros espaços coletivos, haja vista que a racionalização de um determinado conflito – elemento essencial na análise no processo – ocorrerá com base nos próprios meios disponíveis e entendimentos particulares daqueles participantes de uma atividade coletiva, auxiliado pelo intermediador/pesquisador.”, ou seja, a produção de conhecimento deve consistir em algo que seja inovador e que seja conduzido com os meios criados pelo próprio investigador. Desta forma compreende-se que a

intervenção não pode ser assumida como um meio de produzir conhecimento para a ação, mas sim como um processo constitutivo da ação e, pelo mesmo motivo, a separação entre a ação do pesquisador e o campo é inexistente.

Assim, para que a investigação intervencionista possa ocorrer na ação coletiva, existem os seguintes pressupostos:

- O reconhecimento da própria natureza da ação coletiva,
- O objetivo geral deve ser o de restaurar a inteligibilidade e a capacidade coletiva em face das crises e disfunções,
- Apresentar como premissa a recuperação da capacidade de agir dos atores e a sua legitimidade.

Deste modo, a investigação intervencionista consistem num modelo exigente de produção de conhecimento, tanto teórico como prático, que necessita de um período consistente para o seu desenvolvimento (Cassandre, Querol e Bulgacov, 2017:5).

7.1.4. Inquérito por questionário

O propósito do inquérito por questionário serve para uma recolha consistente de uma série de dados homogêneos com fins estatísticos. São elaborados segundo uma estrutura composta por diversas questões padronizadas, realizado a uma amostra de indivíduos, representativos da população em observação. O questionário deve possuir uma linguagem clara e perceptível, não deve conter demasiadas perguntas, é preferível quando é objetivo e as suas perguntas não devem influenciar as respostas. Desta forma, consiste numa ferramenta metodológica que permite, não só uma recolha abrangente da informação relevante, estruturada, qualificada e generalizável desde que a amostra seja consistente (Manual de Técnicas II: Métodos e Técnicas).

7.1.5. Metodologia Mista

A metodologia mista é utilizada em estudos que utilizam estratégias metodológicas mistas para, ou testar hipóteses de pesquisa, ou para responder às questões de investigação, podendo incorporar a metodologia intervencionista e a metodologia não-intervencionista.

Segundo Cassandre, Querol e Bulgacov (2012:3), a palavra «intervenção» pressupõe a ação de intervir, mediar ou interceder. Como os mesmos autores explicam, os princípios das pesquisas intervencionistas prendem-se na intenção de valorizar uma produção de conhecimento que beneficie o surgimento de novos atores no processo de pesquisa, tendo os mesmos que ser, simultaneamente, co-responsáveis na condução e construção do conhecimento coletivo. Esta metodologia considera relacionar a aprendizagem organizacional com a aprendizagem de forma isolada, de forma ampla e dialética, com base nas ações

coletivas e incluindo, tanto os sujeitos diretamente relacionados à organização, como o investigador.

Citando Cassandre, Querol e Bulgacov (2012:5), “(...) essa ação coletiva não é o estabelecimento de regras e leis, nem mesmo a implementação de planos ou regulamentações adaptadas ou copiadas de outros espaços coletivos, haja vista que a racionalização de um determinado conflito – elemento essencial na análise no processo – ocorrerá com base nos próprios meios disponíveis e entendimentos particulares daqueles participantes de uma atividade coletiva, auxiliado pelo intermediador/pesquisador.”, ou seja, a produção de conhecimento deve consistir em algo que seja inovador e que seja conduzido com os meios criados pelo próprio investigador. Desta forma compreende-se que a intervenção não pode ser assumida como um meio de produzir conhecimento para a ação, mas sim como um processo constitutivo da ação e, pelo mesmo motivo, a separação entre a ação do pesquisador e o campo é inexistente.

Assim, para que a investigação intervencionista possa ocorrer na ação coletiva, existem os seguintes pressupostos:

- O reconhecimento da própria natureza da ação coletiva,
- O objetivo geral deve ser o de restaurar a inteligibilidade e a capacidade coletiva em face das crises e disfunções,
- Apresentar como premissa a recuperação da capacidade de agir dos atores e a sua legitimidade.

Deste modo, a investigação intervencionista consiste num modelo exigente de produção de conhecimento, tanto teórico como prático, que necessita de um período consistente para o seu desenvolvimento (Cassandre, Querol e Bulgacov, 2017:5). Enquanto a investigação não-intervencionista consiste na observação direta, na seleção dos estudos de caso, no momento de pesquisa e no recurso à opinião de peritos com trabalho outrora desenvolvido sobre a temática (Lacerda, 2009:10).

Observe-se a tabela da página seguinte para melhor compreensão dos momentos metodológicos.

Tabela 1 Processo Metodológico

		Fase Exploratória	Fase Generativa	Fase Avaliativa
Objetivos Gerais	<ul style="list-style-type: none"> perceber como se pode originar uma consciencialização social sobre a temática, tentando perceber quais as reflexões geradas através da observação de elementos visuais criados pela mestranda. 	<ul style="list-style-type: none"> Metodologia qualitativa e quantitativa. 	<ul style="list-style-type: none"> Metodologia qualitativa Metodologia de Investigação não intervencionista. 	
Objetivos específicos	<ul style="list-style-type: none"> gerar conhecimento acessível a todos os indivíduos; identificar contributos do/para o <u>Design</u>; Perspetivar uma possível solução ao problema real apresentado; criação de elementos gráficos; exposição dos elementos gráficos; analisar a informação recolhida e comparar com a teoria, por forma a poder extrair a viabilidade e eficácia do projeto. 	<ul style="list-style-type: none"> Nesta fase será possível começar a definir alguns conceitos relacionados com a masculinidade tóxica, igualdade de género e feminismo, tal como de Design, Design Social e Design Emocional, através de metodologias qualitativas e quantitativas. 	<ul style="list-style-type: none"> Metodologia qualitativa e quantitativa. Metodologia intervencionista e não intervencionista. Metodologia de Design Centrado no utilizador. Metodologia de Investigação Ativa. 	<ul style="list-style-type: none"> Entrevista semiestruturada Questionário Focus Group

CAPÍTULO II

8. Introdução à fase Projetual

Na sequência da contextualização teórica anteriormente desenvolvida, este capítulo diz respeito à parte prática do Estágio, no qual serão abordados todos os projetos desenvolvidos com e para a instituição.

Desde já podem-se definir dois projetos que assumiram maior destaque. O primeiro está diretamente relacionado com a temática principal deste trabalho, a Masculinidade Tóxica, e foi desenvolvido com um grupo de jovens do segundo ano do curso de Integração Social do I.E.S. *Sierra Bermeja*, no qual foram realizadas uma série de atividades que abordaram o tema já referido utilizando o Design Gráfico como ferramenta de apoio visual e interativo. No entanto, apesar do tema central ser a Masculinidade Tóxica, outros temas foram abordados a pedido do professor do Instituto responsável pelo curso. O segundo diz respeito a uma campanha em defesa do movimento de ocupação de casas, muito comum em Espanha e que foi intitulado “*La Casa Karakol*”, o que em português seria “A Casa Caracol”.

Os restantes projetos realizados foram de cariz pontual, direcionados a questões meramente informativas, ou de publicidade, quer em redes sociais, quer de forma materializada, como cartazes e t-shirts.

8.1. Projeto I: Espectro

Através da Rede entre Zambra e o Instituto de Educação Secundária *Sierra Bermeja* foi possível desenvolver um projeto com periodicidade de dois meses, com a turma de segundo ano de Integração Social no qual se explorou a temática da Masculinidade Tóxica, quer de forma teórica, quer com o auxílio de suporte gráfico. As presentes atividades foram inspiradas no Manual de Formação “É de Género?” – Igualdade de Género, Diversidade e Cidadania Global. Este manual resulta do projeto “É de Género?” e surge em 2015 com o objetivo de formar e sensibilizar jovens para a igualdade de género, diversidade e cidadania global. Diferencia-se de outros projetos uma vez que opera através de perguntas em vez de respostas. Este sistema, permite gerar um confronto direto, através de questionamentos da forma como nos comportamos no quotidiano e a que tipo de reflexões esses comportamentos nos podem levar (Manual de Formação “É de Género?”, 2015:7).

Este projeto, na sua base total foi realizado segundo uma metodologia mista uma vez que, como já foi explicado anteriormente, a recolha dos dados foi realizada em várias sessões e que foi suportada por bases teóricas e com o apoio e revisão dos profissionais de Zambra antes da sua aplicação. Para o efeito, foram realizadas seis atividades ao longo de dois meses, janeiro e fevereiro de 2020, as quais:

- 1) Aponta o Ponto
- 2) Eu, Tu e os Valores Morais
- 3) Cara ou Coroa
- 4) Os três Homens
- 5) Tu e eu
- 6) Campanha de Sensibilidade

8.1.1. Aponta o Ponto

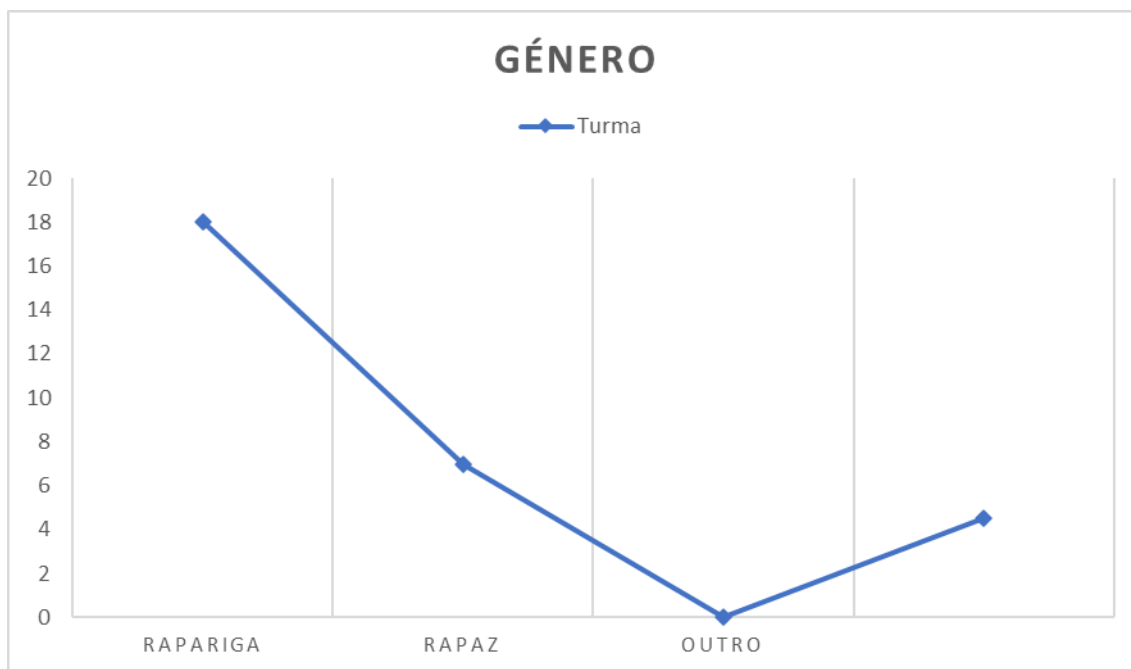
A primeira atividade foi realizada dia 09 de Janeiro de 2020 com o apoio das metodologias Inquérito por Questionário e Focus Group , na qual primeiramente se apresentou Zambra, seguindo-se com um questionário de avaliação inicial sobre os conhecimentos dos alunos em relação à temática das masculinidades tóxicas e terminando com a realização de um jogo de proximidade em que os alunos se dispuseram em roda enquanto a dinamizadora, que neste caso foi a estagiária, lançava um novelo de lã a um aluno de forma aleatória. Cada vez que um aluno apanhava o novelo, a dinamizadora atribuía o género (feminino ou masculino) e o aluno respondia com a primeira característica desse género que lhe viesse à cabeça, com o intuito de explorar qual os conceitos e características que estão associados aos géneros de forma inconsciente.

O inquérito foi realizado através da plataforma New Typeform, e encontra-se disponível para acessar no link: <https://lopes163726.typeform.com/to/DRBXHk>. Quanto ao rascunho está disponível em Apêndice I. Seguem as análise e gráficos resultantes nas páginas seguintes.

Dados quantitativos e qualitativos do questionário

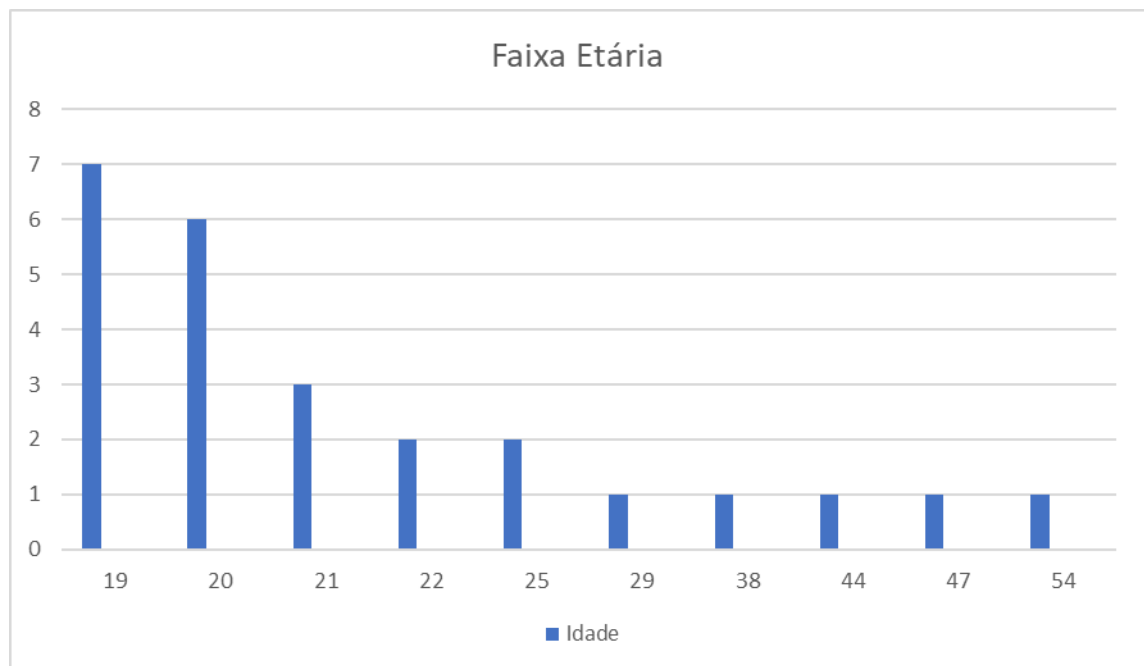
Elementos de Identificação

Género



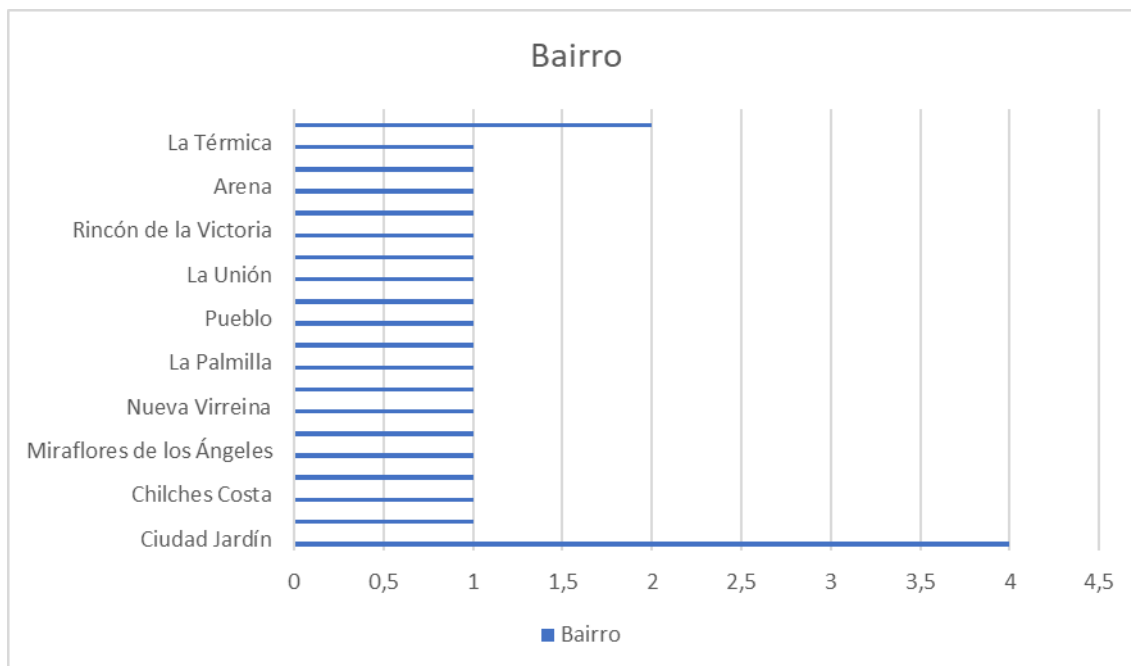
Como podemos observar pelo gráfico a turma tem 18 raparigas e 7 rapazes.

Faixa Etária



A maioria dos alunos está entre os 19 e os 25 anos, no entanto existe uma camada fora desta faixa etária significativa.

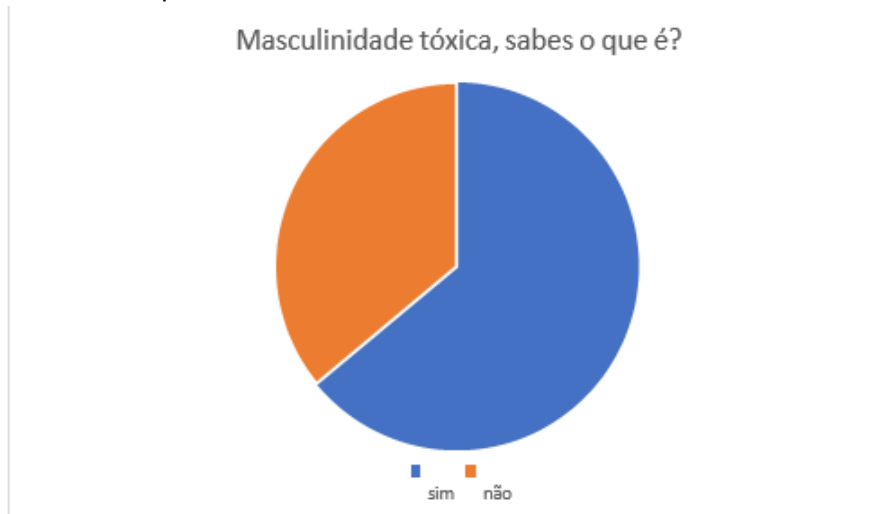
Bairro



Alguns dos alunos são de Bairros que se localizam perto do Instituto. Este elemento de identificação surgiu para tentar perceber se os alunos estariam no instituto por questões de localidade cercana, mas como podemos observar pelo gráfico existe grande variedade e nem todos são bairros cerca do Instituto.

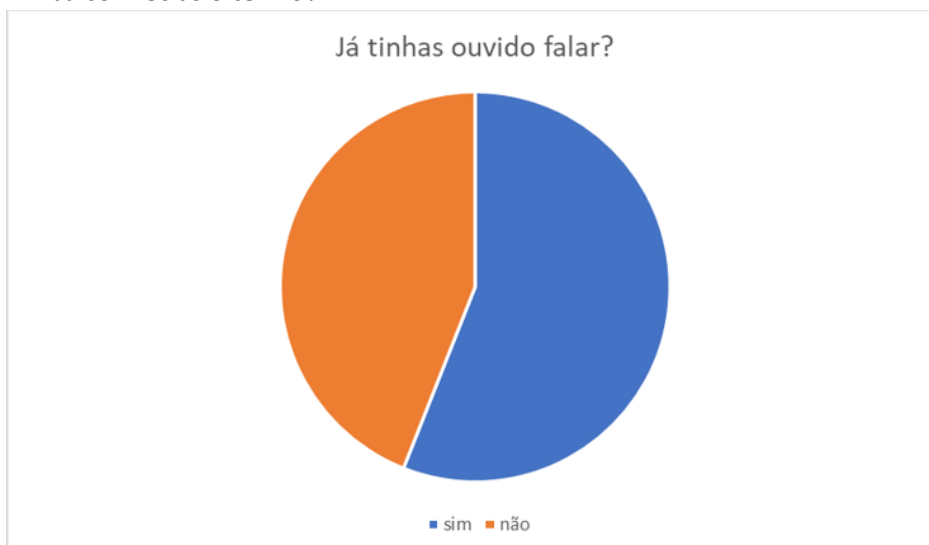
Masculinidade Tóxica

1. Sabes o que é a Masculinidade Tóxica?



A maioria da turma, 16 alunos, respondeu que sabia do que se trata o tema, ainda assim um número considerável de alunos não sabe.

2. Já conhecias o termo?



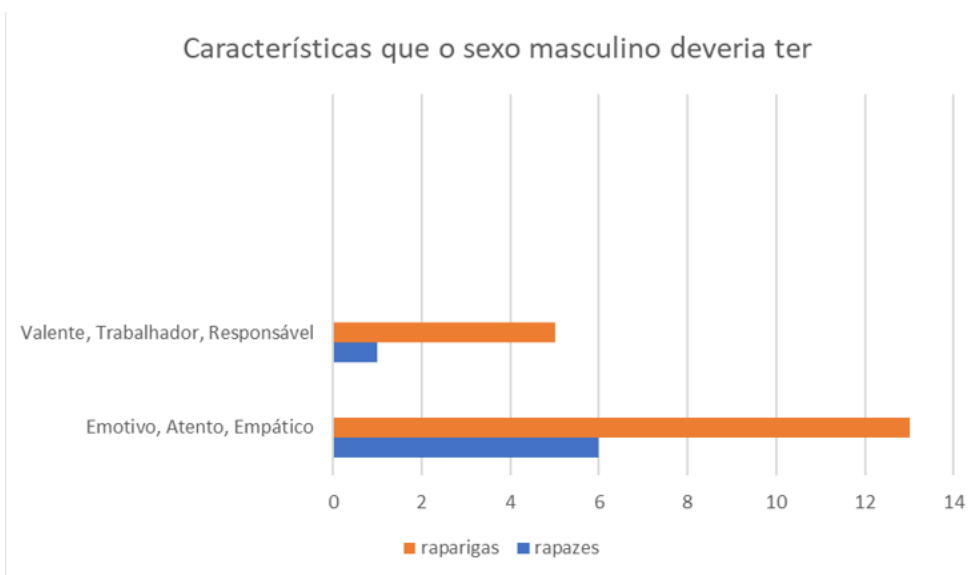
De acordo com o gráfico e os dados recolhidos, 14 alunos já tinham ouvido o termo e 9 não. Este dado não tem sentido sendo que no gráfico anterior 16 pessoas afirmam saber o que significa o termo masculinidade tóxica.

3. Que frase poderia explicar o término?



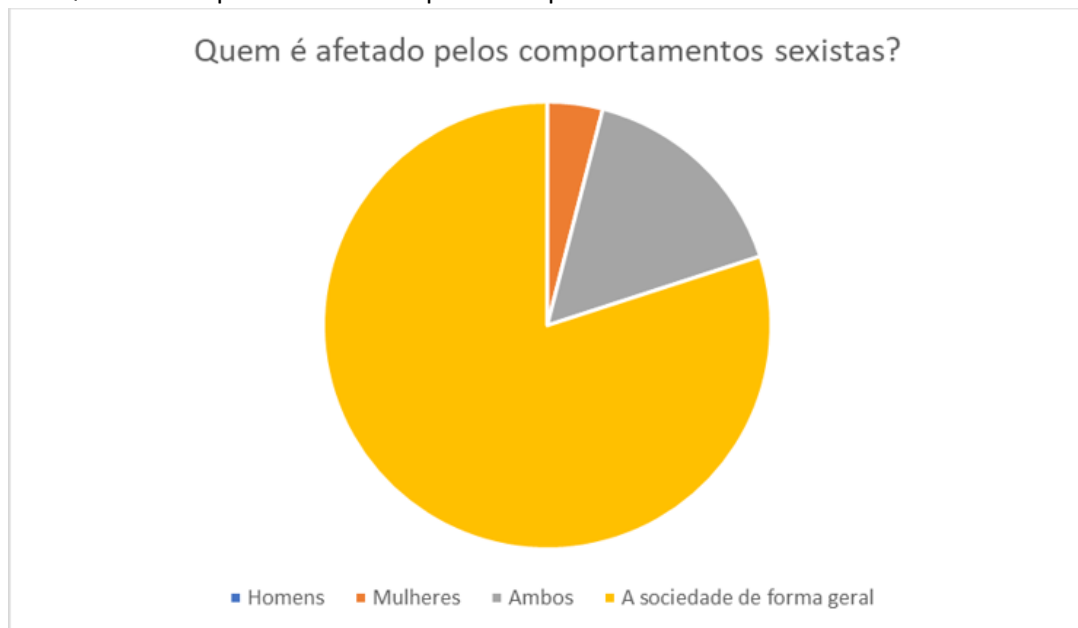
A maioria acertou na resposta correta, 17 alunos.

4. Selecciona 3 características que um homem deve ter.



Tanto a maioria dos rapazes como a maioria das raparigas preferem características de compreensão no homem

5. Quem são as pessoas afetadas pelos comportamentos sexistas?



Ainda que não compreendam exatamente o significado do termo masculinidade tóxica, existe uma noção de que os comportamentos sexistas não beneficiam ninguém. O que é comprovado pelos 20 alunos que responderam que toda a sociedade é afetada de forma geral.

No início da sessão ocorreu a apresentação do coletivo e, consecutivamente, da estagiária, seguindo-se a introdução de um breve questionário de enquadramento temático, com a finalidade de apurar as noções (ou a falta das mesmas) relativamente ao tema da Masculinidade Tóxica.

Após a realização individual do questionário, que foi feito online, a estagiária iniciou uma discussão sobre o significado do término, à qual a maioria dos estudantes já parecia estar familiarizado e, desta forma, conseguiram intervenções mais pertinentes do que a estagiária esperava, como podemos observar nos dados acima.

Seguida da discussão, realizou-se uma atividade, na qual os estudantes se sentaram em roda e um deles foi eleito aleatoriamente para escrever no quadro, enquanto a estagiária se encontrava no meio da roda, para dinamizar a atividade. A mesma consistia em escrever no quadro “as mulheres são...”, “os homens são.” e a partir destas citações atribuir características sempre que a estagiária atirasse um novelo de lã a um estudante aleatório. O objetivo prendeu-se em que todos os estudantes, a estagiária e o professor dissessem um adjetivo feminino e um adjetivo masculino, para que se pudessem comparar resultados.

Inicialmente, o estudante escolhido para escrever no quadro foi um rapaz e o mesmo começou por escrever “os homens são...” em vez de “as mulheres são...”. Posto isto, iniciou-se a atividade e posteriormente a todas as respostas, a turma chegou à conclusão de que os rapazes tinham adjetivos mais pejorativos do que as raparigas (Tabela 1.), o que pode ter resultado de a turma ter muito mais raparigas do que rapazes. No entanto, todos concordaram que os adjetivos são comuns a todas as pessoas e que não estão diretamente conectados ao género e que todos esses mesmos adjetivos servem para pessoas, independentemente do seu género ou aspeto físico.

Seguidamente, as emoções foram o tema central, no qual um conjunto de conteúdos vieram ao de cima, como por exemplo a permissão que a sociedade nos transmite em relação à forma como sentimos e demonstramos esse sentimento segundo o nosso género, a forma como isso pode gerar violência física e psicológica e também como isso nos impede de progredir enquanto sociedade. Neste âmbito, também foi abordada a comparação entre uma manipulação feita por um homem e por uma mulher, sendo que a do homem passa pela força e pelo bajulamento e a da mulher é mais subtil e efetiva. No entanto, evidenciaram que estes constructos estão assentes em características de um homem Heteronormativo. Observemos a seguinte tabela com as características atribuídas às mulheres e aos homens:

Tabela 2 Características atribuídas aos géneros - Atividade 1

	Características	
	Negativas	Positivas
Mulher	<ul style="list-style-type: none"> • Orgulhosas • Sensíveis • Reservadas • Sérias • Invejosas • Frágeis 	<ul style="list-style-type: none"> • Fortes • Bonitas • Valentes • Simpáticas • Inteligentes • Trabalhadoras • Sexy's • Lutadoras • Carinhosas • Empáticas • Familiares • Protetoras • Sociáveis • Resistentes • Simples • Divertidas • Flexíveis • Práticas
Homem	<ul style="list-style-type: none"> • Sensíveis • Egocêntricos • Egoístas • Arrogantes • Aborrecidos • Frios • Impulsivos • Manipuladores • Autoritários • Invejosos • Machistas • Frágeis 	<ul style="list-style-type: none"> • Fortes • Amáveis • Carinhosos • Valentes • Simpáticos • Engraçados • Talentosos • Empáticos • Admiráveis • Inteligentes • Criativos • Trabalhadores • Protetores

Reflexão

Quando turma chegou à conclusão de que os rapazes tinham adjetivos mais pejorativos do que as raparigas, reflexionou-se que isso poderia ter resultado do facto de a turma ter muito mais raparigas do que rapazes, o que ao parecer da estagiária pode querer revelar uma certa intolerância ao sexo oposto quando se abordam temas como o feminismo e a masculinidade tóxica. Se assim for, a forma como estes assuntos são abordados e trabalhados em sociedade, tanto a nível educacional como a nível pessoal e social necessitam de uma revisão, pois podemos estar a criar mais barreiras em cima das que já existem, o que seria contraproducente.

Os jovens do Instituto Sierra Bermeja demonstraram-se minimamente familiarizados com as questões de género, reconhecendo que existem certas características que são atribuídas aos homens apenas em conformidade com o seu género e que estão baseadas em questões histórico-culturais que vão permanecendo no tempo e, inclusivo, fazem parte do pensamento das mulheres, ou seja, estão cientes de que não é um tema que concerne apenas aos homens e que não os afeta nem implica apenas a eles. Disto, foi dito que, as mulheres se apresentam muito mais empoderadas hoje em dia, mas que continuam a procurar os mesmos modelos de homens: fortes, trabalhadores, hétero-normativos. Foram capazes de reconhecer essa toxicidade no seu dia a dia e deram exemplos comuns, como as campanhas publicitárias que fazem distinções de cores por género, da imposição da mulher em trabalhos domésticos e do pensamento hétero-masculino que predomina a sociedade.

Quando falámos de sentimentos, as mulheres demonstraram-se mais abertas a falar do tópico, dizendo que lhes custa mais ver um homem chorar, do que a uma mulher por ser menos frequente, mas que os sentimentos são sentidos de igual forma por toda a gente. Aqui os rapazes sentiram necessidade de demonstrar o seu ponto de vista dizendo que o ponto não é tanto como o sentem, mas como o demonstram e que, por esse mesmo motivo, se têm sentimentos negativos costumam exprimi-los em privado. Assim, a estagiária pediu que dois amigos e duas amigas se abraçassem, esperando que ocorresse a típica reação de raparigas mais carinhosas e de rapazes mais afastados, o que curiosamente não aconteceu. Os rapazes deram um abraço mais intenso, com os braços e o tronco muito próximos e as ancas ligeiramente afastadas, e as raparigas aparentaram mais distância entre as ancas. Mais curioso ainda, foi quando foram confrontados, todos responderam que o abraço das raparigas foi mais intenso, contrariamente ao que foi observado pela estagiária.

Todos concordaram que os sentimentos são os mesmos e que os vivemos de diferentes formas por sermos diferentes pessoas e não por termos ou acolhermos diferentes géneros, mas que a forma como os exprimimos está diretamente

relacionada à sociedade e à educação que temos. No entanto, evidenciaram que a sociedade está em transformação e que nos últimos anos os movimentos feministas têm proporcionado um despertar na consciência social. Este trabalho tem que ser continuado e, segundo uma visão mais apurada e madura por parte da turma tem que começar primeiro por nós mesmos.

Conclusões

- Os homens têm mais adjetivos com uma carga pejorativa do que as mulheres.
- Todos temos os mesmos sentimentos, mas acabamos por nos expressar de forma diferente de acordo com a sociedade e a educação em que estamos inseridos.
- O termo machista não é encarado de igual forma pelo homem e pela mulher.
- A sociedade tem-se transformado, mas mesmo assim muitas raparigas e rapazes sentem-se presos a construções antigas.
- Continua a existir a necessidade de reeducar toda a sociedade, mas principalmente reeducar-nos a nós mesmos enquanto indivíduos primeiramente.
- Existem termos como por exemplo o termo “sensível” que tem uma conotação negativa e que deveria ser encarado como algo natural, demonstrando que estes alunos não estão à vontade com certo tipo de sentimentos nem em como lidar com eles.



Eu, Tu
e os
Valores Morais

8.1.2. Eu, tu e os valores morais

A atividade decorreu dia 14 de janeiro de 2020. A estagiária elaborou o design de mini cartões com perguntas sobre a forma como nos comportamos enquanto indivíduos, quais são os nossos valores e como isso pode influenciar nas desconstruções ou construções de géneros. A atividade consistia em colocar uma vez mais os alunos em roda, para trabalhar a proximidade, e no centro, o baralho dos cartões. O primeiro participante foi eleito aleatoriamente pela dinamizadora e o mesmo dirigiu-se ao centro, retirou o primeiro cartão (fig.3 e fig.4) e dirigiu a questão ao aluno com o qual sentia menos intimidade e este teria que responder com o máximo de sinceridade possível, mesmo que não quisesse expor detalhes. Assim, o aluno que respondia era o próximo a dirigir-se ao centro e a questionar outro aluno e assim sucessivamente até terminar os cartões. No fim, realizou-se uma reflexão dos valores que cada um tem incutido, e a forma como os utilizamos nas nossas relações pessoais e profissionais a ficha original está disponível em Apêndice II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII e XIV. Esta atividade teve por base a metodologia de Focus Group, uma vez que teve a dinamização constante da estagiária e o envolvimento direto dos alunos com partilha de dados e reflexão adjacente sobre os temas debatidos.



Figura 4 Verso dos cartões



Figura 3 Frente dos Cartões

Segue-se o objetivo principal, as regras, perguntas e reflexões apresentadas nesta atividade. Apesar das perguntas dos cartões terem sido respondidas de forma aleatória, cada aluno que esteve presente nesta sessão – que foram 18, respondeu de forma individual. Para que a recolha de dados não seja massiva e difícil de interpretar e, como o objetivo não é focalizar nos alunos individualmente, mas sim de forma grupal, tendo em conta que o principal consiste em perceber quais foram as reflexões geradas com a atividade, a análise de dados que se segue propõe a apresentação e reflexão sobre as respostas gerais.

Objetivo: Conhecer-me melhor a mim mesmo e a quem me rodeia, tentando identificar a pessoa e o profissional que me quero tornar, com base numa sinceridade absoluta.

Regras

1. Os seguintes valores devem estar presentes durante todo o jogo: Sinceridade, Espírito de Partilha Ativo, Vontade de evolução pessoal e social.
2. Todos os participantes vão sentar-se no chão em roda.
3. No centro da roda vai estar um baralho de cartões.
4. A pessoa que começa o jogo é escolhida pelo dinamizador de forma aleatória.
5. O participante que começar o jogo, vai escolher um outro participante com o qual não tenha muita afinidade. Dirige-se ao centro e questiona a pessoa escolhida, de acordo com o que está escrito no cartão que tirou.
6. O participante que responder é o próximo a tirar um cartão. Não se podem fazer perguntas às mesmas pessoas, a não ser que já todos tenham respondido a uma pergunta.
7. Cada um tem uma folha com os números das questões que vão sair no decorrer do jogo e, todos, de forma individual terão que responder às mesmas.
8. Todos podem dar a sua opinião de forma pertinente e respeitando a vez do outro.

Perguntas dos Cartões

1. Eu gosto de mim?

Respostas: A maioria dos alunos respondeu que de forma geral sim, ou por que estão de bem com o seu físico/psicológico ou porque estão a conseguir alcançar os seus objetivos de vida até ao momento. Os que responderam que não, justificaram com a sua figura física e/ou problemas pessoais.

2. Quais são os meus defeitos e as minhas virtudes?

Respostas: Nesta questão foram referidas inúmeras características, irei citar as respostas dividindo-as em dois grupos, os defeitos e as virtudes.

- **Defeitos:** perfeccionista, tímida/o, introvertida/o, transparente, teimosa/o, sentimental, chata/o, impulsiva/o, impaciente, antipático/a, nervosa/o, insegura/o, desconfiada/o, individualista, exigente.

- **Virtudes:** empatia, escuta ativa, amável, sincera/o, divertido/a, trabalhador/a, independente, forte, inteligente, social, prestável, sentido de oportunidade, paciente, tranquilo/a, responsável.
- 3. Consigo falar dos meus medos com frequência? (Se não, porque não?) Respostas:** A maioria (10 alunos), respondeu que não, justificando que se sentem inseguros, não confiam nos outros ou não sabem expressar o que se está a passar. Os restantes 8 alunos responderam que sim, mas principalmente com pessoas em quem confiam.
 - 4. Estou habituada/o a falar das minhas inseguranças e dúvidas com os meus pais ou amigos? Respostas:** A esta pergunta 14 alunos responderam que sim, dos quais 6 especificaram que só com amigos e 4 com parentes, uma vez que se sentem confortáveis e gostam de receber conselhos sobre as situações que estão a passar; os restantes 4 alunos não se sentem confortáveis para falar das suas inseguranças e dúvidas com as pessoas que os rodeiam.
 - 5. Consigo ser eu mesmo com toda gente ou sinto necessidade de ter um filtro consoante as pessoas com quem lido no dia-a-dia? Se tenho um filtro, porque o tenho? Respostas:** A maioria dos alunos respondeu que não (12), justificando que primeiro precisam de ganhar confiança e os restantes 6 responderam que sim, independentemente da pessoa conseguem ser eles próprios.
 - 6. Qual é a minha opinião sobre a sociedade atual? Como a vejo e como me sinto nela? Respostas:** De forma geral, os alunos sentem que a sociedade avança lentamente e que existem paradigmas, principalmente levados a cabo pelas camadas mais jovens que já não deveriam ter uma razão de ser, sendo que a sociedade continua a ter preconceitos respetivamente a diversos coletivos, grupos (minorias ou não) e temas, sendo que, de forma geral deveríamos ser mais unidos e prestar mais apoio uns aos outros, apostando numa

potencialização dos valores morais, pessoais e grupais e tentando ultrapassar o individualismo.

7. Em que sociedade gostaria de viver?

Respostas: Nesta questão os desejos foram muitos. As respostas mais frequentes aclamam por uma sociedade igualitária, sem violência, onde exista liberdade física, psicológica e emocional, respeitosa, sem preconceitos nem diferenças, tolerante, justa, inclusiva e pacífica.

8. Como eu penso que deve ser um ser humano? (Características, valores morais)

Respostas: As respostas mais frequentes foram: o ser humano deve ser compreensivo, generoso, empático, respeitoso, educado, livre, otimista,

9. O que é ser mulher?

Respostas: De forma geral, os alunos deram respostas típicas, a mulher deve adotar uma postura familiar, ser obediente/submissa, frágil, dependente, sentimental, bonita, que não possa aceder ao mundo laboral, respeitosa,

10. O que é ser homem?

Respostas: A maioria das características referidas foram que o homem deve ter valentia, ser protetor, dominante, forte, lutador, não deve mostrar os seus sentimentos, provedor, prepotente, masculino e sério.

11. Eu já errei? Quando errei permiti-me aceitar que tenho falhas?

Respostas: As respostas foram unânimes todos responderam que já erraram e que quando erram permitem-se assumir e reflexionar sobre os erros que cometeram, reconhecendo-se a si próprios e aceitando que não são perfeitos.

12. Como lido eu com a frustração? Como deveria lidar?

Respostas: De forma geral os alunos consideram que lidam mal com as frustrações, acabando por chorar, dormir ou beber.

13. Como influencia as pessoas que me rodeiam os comportamentos que

tenho comigo mesmo?

Respostas: Em concordância os alunos responderam que se têm comportamento negativos afetam as pessoas que os rodeiam de uma forma pejorativa e que se se têm comportamentos positivos auxiliam de forma positiva.

14. Tenho facilidade em pedir desculpa?

Respostas: 12 alunos responderam que têm facilidade em pedir desculpa e 6 reconhecem que lhes custa.

15. Tenho facilidade em compreender as necessidades do próximo?

Respostas: 10 alunos responderam que não têm facilidade em compreender as necessidades do próximo e oito responderam que sim.

16. Eu já julguei alguém? – Se sim, porque julguei? Baseado em quê?

Respostas: sim, pela aparência e/ou pelo seu comportamento.

17. O que são valores morais?

Respostas: As respostas foram variadas, ora pode ser o pensamento que te torna de uma ou outra forma, ora aquilo que tu acreditas ser correto ou não, também podem ser valores inatos ou os princípios que te incutem quando criança.

18. Eu tenho valores? Necessito deles para me integrar na sociedade?

Respostas: Sim tenho valores morais e também necessito dos mesmos para me poder integrar na sociedade.

19. Como construí os meus valores morais? Quem contribuiu para os mesmos?

Respostas: Família, amigos, sociedade e com a própria vida.

20. Quais são os meus valores morais?

Respostas: Não houve respostas a esta pergunta.

21. Sou fiel aos meus valores?

Respostas: Sim, sempre.

22. Sou fiel segundo a educação que recebi ou porque realmente acredito e sinto/identifico-me com os meus valores?

Respostas: Identifico-me com os meus valores, sou fiel a mim próprio/a, ainda que também tenha valores que foram transmitidos na educação que recebi.

23. Tenho valores que precisam de ser alterados? (Quais? E por quais substituíá?)

Respostas: A resposta mais frequente é “já alterei muitos dos valores que recebi na infância, mas sei que ainda há longo caminho a percorrer, preciso de alterar mais”.

24. Como me iriam influenciar estes novos valores a nível pessoal? E a nível profissional?

Respostas: Iriam ajudar-me a ser um melhor ser humano e a melhorar a sociedade.

25. Que valores estão inerentes à minha profissão?

Respostas: Respeito, compreensão, solidariedade, paciência, assertividade, compromisso, empatia, honestidade e tolerância.

26. Qual é o meu principal objetivo de me tornar Integrador Social?

Respostas: Ajudar na transformação social.

Perguntas Finais:

- O que achas que aprendeste nesta dinâmica sobre ti e sobre os outros?
Respostas: De forma geral os alunos responderam que se aperceberam que não têm consciência das suas fraquezas, valores e que o autoconhecimento deve ser levado como base para que se possam entender melhor a si mesmos e aos outros.
- Como podes ser mais honesta/o contigo mesma/o a partir de hoje?
Respostas: A maioria dos alunos respondeu que sente necessidade de se compreender, estarem mais atentos às suas necessidades e serem mais pró-ativos na hora de encarar e solucionar problemas.
- Quais são as tuas facetas que acrescentam algo às outras pessoas?
Respostas: As respostas mais frequentes rondaram características como a alegria, a empatia, a constância, a paciência, a compreensão, o respeito, a sinceridade, a amabilidade e gerar sensação de segurança.
- O que necessitas que os outros te acrescentem?
Respostas: De forma geral as respostas dadas foram carinho, segurança, alegria, apoio, motivação, serenidade e amor.

Reflexão

Tendo em conta as respostas à terceira pergunta podemos ver, fora os contextos de género, como o peso do pensamento social pode influir na forma como nos apresentamos ao mundo e em como decidimos ou não expressar aquilo que sentimos, claramente nem toda a gente se sente confortável em fazê-lo, como mesmo os que fazem, não o fazem com qualquer pessoa. Aqui encontra-se presente um exemplo do efeito da repressão social que nos aprisiona dentro das nossas próprias caixas e, simultaneamente, um espelho da falta de fluidez que temos enquanto sociedade de falar dos nossos sentimentos ou problemas pessoais. Mais para a frente, frisando a quarta e quinta pergunta, pode-se retirar que é realmente difícil confiar no próximo num primeiro momento o que não nos permite sermos nós próprios a 100% a tempo inteiro. Tudo isto, trocado por miúdos no leva a repensar na sexta, sétima e oitava questão, onde o reina o individualismo e a forma como as camadas mais jovens se sentem cada vez mais perdidas e aclamam por um mundo mais igualitário, no qual as pessoas se respeitem independentemente das suas diferenças.

Ao avançar para a nona e décima pergunta, entendemos porque alguns temas não podem avançar na sociedade, à pergunta “o que é ser mulher?” ninguém respondeu nada mais que o protótipo de mulher no qual já ninguém acredita e que tem vindo a mudar ao longo dos tempo, o mesmo aconteceu quando foi pedido que atribuíssem adjetivos que representassem o homem, nos quais não se reconhece a possibilidade dos mesmos terem sentimentos e poderem demonstrá-los e repercutindo a normalização dos atos de violência. Ora, se nem as novas gerações conseguem observar a realidade, como podem as antigas? O que demonstra que a forma como a sociedade ainda observa a mulher e o homem está assente em paradigmas antigos, não havendo a capacidade de avaliar com os parâmetros da realidade atual, continuando a perpetuar no tempo a ideia da existência de um género dominante e de um género frágil.

Na resposta onze e doze existe uma contradição, na primeira afirmam que aceitam e permitem reconhecer as suas falhas e na segunda demonstram como lidam com as suas frustrações; dormindo e bebendo, ou seja, colocando os problemas para debaixo do tapete. A necessidade de refletirmos sobre as nossas falhas e frustrações é o que nos permite tornarmos-nos na nossa melhor versão, tanto para nós próprios como para o mundo, se essa aprendizagem não tem espaço acabamos por nos tornar seres perdidos e sem rumo, descrentes no que nos rodeia, as respostas a esta pergunta servem como pilar em relação às primeiras questões que foram colocadas, demonstrando que não podemos esperar dos outros aquilo que nem somos para nós próprios. Já na treze demonstram que entendem que a forma como se comportam tem um efeito nas pessoas que os rodeiam, ainda que não tenham essa consciência real.

As respostas às perguntas catorze, quinze e dezasseis revelam que apesar de existir, maioritariamente, uma facilidade em pedir desculpa, a empatia de se colocar no lugar do outro nem sempre existe, o individualismo faz parte da realidade destes jovens uma vez que a maior parte não presta atenção às necessidades do próximo, tanto quanto a capacidade de julgar que os próprios em questões anteriores referiram ser algo que não deveria existir na sociedade.

Na pergunta dezassete, mergulhamos no aprofundamento dos valores morais. Lembro-me de estar com eles no Focus Group e a primeira pergunta ser “como assim, valores morais?” e acho que esta ignorância sobre o término se reflete nas respostas que foram lançadas. Sendo que os valores morais, conhecidos pela sociedade, representam a possibilidade de coexistir numa sociedade com uma conduta que eleva o respeito e o bem-estar entre os cidadãos, citando Nunes & Branco (2007, p.415):

“...a existência de preceitos obrigatórios no código moral de diferentes comunidades não deve ser entendida como a existência de valores morais universais e abstratos desvinculados da realidade. Tais valores são compartilhados pelas diferentes culturas em função de sua importância para o convívio constitutivo dos seres humanos nos contextos sociais. “

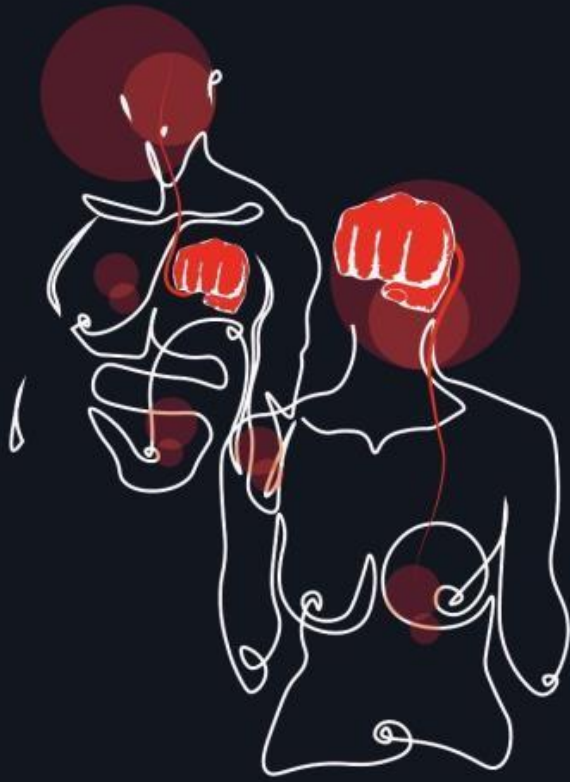
Posto isto, as respostas espelham a necessidade de reeducar a sociedade, não só no sentido de dentro para fora, mas também de fora para dentro, sendo que as noções básicas do desenvolvimento da personalidade parecem não estar presentes – ainda que na pergunta seguinte todos os alunos tenham respondido que têm valores morais e que necessitam dos mesmos para viver em sociedade, mesmo não sabendo o que é que isso significa. No entanto, compreendem e parecem concordar que o seio familiar e social nos ajuda a construir os nossos valores e princípios morais, segundo as respostas à pergunta dezanove.

Devido às respostas às perguntas vinte e vinte e um, pode denotar-se a necessidade de pertença e de um autorreconhecimento dentro do politicamente correto, pois apesar de ninguém saber referir quais são os seus valores morais, todos responderam que são fiéis aos mesmos.

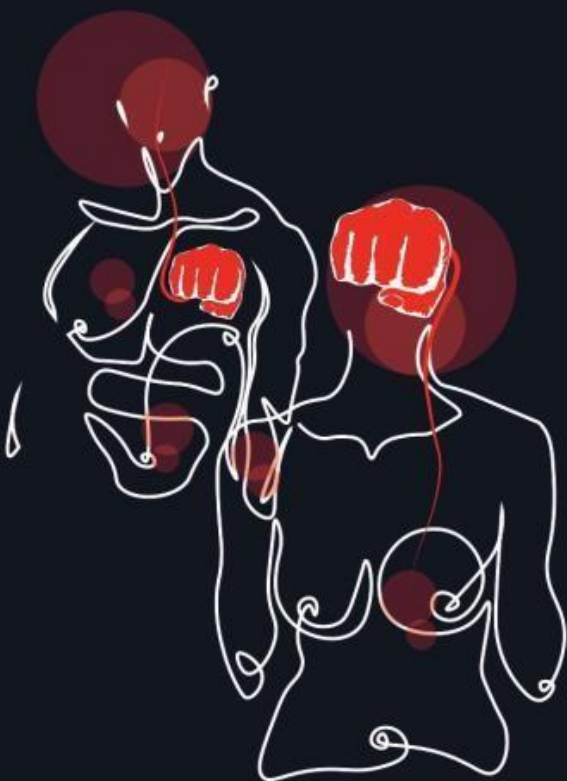
Apesar das respostas geradas da pergunta vinte e dois à vinte e cinco e destes alunos quererem contribuir para a transformação social mesmo não tendo noção nenhuma do que são os valores morais nem de como os integram ou deveriam integrar nas suas vidas, a questão parece mudar de figura quando se falam de valores associados à profissão.

Concluindo, existe uma carência emocional com uma taxa demasiado elevada, as respostas que os alunos foram gerando neste *Focus Group* ajudam a perceber que a forma como nos negligenciamos acaba por ter repercussões na sociedade, pois emitimos aquilo em que acreditamos. Olhar para dentro é a chave para olhar para fora, de outra forma como podemos ser verdadeiramente empáticos com o mundo se não somos connosco primeiro? Como podemos enfrentar os problemas

sociais, se nem os nossos sabemos enfrentar? Como podemos intervir e guiar enquanto profissionais se nem sequer sabemos quais são os valores pelos quais nos regemos? Vivemos numa sociedade que, na sua maioria ainda é adolescente, ainda que a sua idade diga o contrário.



Cara ou Coroa



8.1.3. Cara ou Coroa

A atividade decorreu dia 16 de janeiro e teve por base uma metodologia não intervencionista, uma vez que decorreu principalmente através da observação dos intervenientes e de *Focus Group*. Consistiu em colocar seis elementos da turma em duas filas (A e B), cada uma com três pessoas, frente a frente, de modo a formar facilmente pares (A e B) entre os membros que se encontrem frente-a-frente. Explicou-se ao resto da turma que o seu papel era de observadores e, como tal, deveriam estar atentos a todos as representações para no final poder fazer uma apreciação e identificar quais os tipos de violência doméstica tinham sido abordados. Para isso, a estagiária elaborou cartões com cenários reais (disponíveis em Apêndice XV, XVI, XVII e XVIII) e fig.5 e fig.6, cada um adjacente a um tipo de violência e, através dos mesmos, os alunos tinham que interpretar o papel de agressor, quem estivesse na fila em frente fazia de vítima e no final trocavam de fila para que os agressores fossem vítimas também e vice-versa. Foram interpretados seis tipos de violência: física, psicológica, emocional, sexual, verbal e económica. A atividade serviu não só para que os futuros profissionais de Integração Social pudessem por alguns momentos vestir a pele dos seus futuros utentes, bem como para observar que tipos de comportamentos verbais e não verbais podem gerar agressão de forma desnecessária, mas principalmente, para extrair uma apreciação sobre a mudança de comportamento geracional.

A escolha do título foi inspirada na marca psicológica que, tal como nas moedas, fica para toda a vida e, caso não fique, leva tempo até começar a desaparecer. Outra referência é o jogo "cara ou coroa", uma vez que muitas vezes o estado de saúde física e psicológica já não estão nas mãos da vítima, mas sim do agressor. A vítima perde o controle da sua própria vida, deixando a mesma entregue ao destino, acabando por se encontrar no jogo "cara ou coroa". As cores e a fonte escolhidas para esta atividade em concreto também diferiram da linha visual das outras atividades, pelo cariz sensível, marcante e subtil que este tema pode assumir.



Figura 5 Verso dos Cartões - Cara ou Coroa

Situação: Juan y María son una pareja de amantes que viven juntos. Por la tarde, una hora y media antes de que Juan regrese a casa, su mejor amigo toca el timbre y María le dice que puede entrar y esperar a su novio en la sala de estar. En esto, el novio llega a casa y cuando el amigo se va, Juan comienza a golpear a su novia y le acusa de haber intimado con el amigo.

Situação: Diego y Leticia son una pareja. Todos los días antes de trabajar Leticia por lo General usa maquillaje. Una mañana Diego se despierta de mal humor y comienza a insultar a Leticia diciendo cosas como: todas las mañanas me despierto y te veo convertirte en un payaso. Ni siquiera sabes cómo combinar los colores de las sombras de ojos, con el cor del pintalabios, etc.

Situação: Pablo y Andressa son una pareja. Una noche, Andressa usa una lencería nueva. Pablo ve a Andressa cambiarse de ropa y se emociona mucho y se acerca a ella, comienza a besar su cuello y muestra intenciones de tener relaciones sexuales. Andressa se da cuenta de las intenciones de su novio y le dice que no tiene ganas, porque tuvo un día muy agotador. Pablo es inclísvivo y obliga a Andressa a tener relaciones.

Situação: Olivia y Lorenzo recientemente comenzaron a salir. A Lorenzo le encanta salir por la noche y cada vez que sale tarda una hora en arreglarse. A Olivia no le gusta estar sola en casa y comienza a criticar la apariencia física de Lorenzo, acompañándola con insultos.

Situação: Paloma y Jaime son una pareja. Una noche, Jaime le está enviando mensajes de texto a su hermano que perdió a su novia. Paloma se pone muy celosa y coje el movil de Jaime, diciendo que no quiere que él le envíe mensajes de texto a nadie más que a ella. Al parecer Jaime es un niño muy sentimental y emocional y que no puede controlar sus sentimientos cuando ve a una chica guapa.

Situação: Nayara y Eduardo son una pareja. Han estado viviendo juntos durante 5 años. El dinero que reciben al final del mes coincide. Pero Nayara gasta más dinero en artículos para el hogar y Eduardo, como es un fanático de Playstation, gasta la mayor parte de su dinero en juegos. A Nayara no le gusta la situación, no solo amenaza a Eduardo, sino que le dice que a partir de ahora tendrá que mostrarle todas las facturas relacionadas con sus gastos, así como darle la mitad del dinero que recibe mensualmente.

Figura 6 Frente dos Cartões - Cara ou Coroa

Implementação passo-a-passo

Organizar os membros do grupo em duas filas (A e B), com igual número de pessoas, e colocá-las em paralelo, de modo a formar facilmente pares (A e B) entre os membros que se encontrem frente-a-frente. Explicar à pessoa que ficará como observadora que deverá estar atenta a todos os comportamentos para no final poder fazer uma apreciação. Caso não tenha sido nomeado/a um/a observador/a, (nº de participantes par) esse papel será desempenhado por quem estiver responsável pela dinamização do jogo.

Os membros da fila A deverão imaginar uma situação de conflito no namoro. Para facilitar, podem ser dados alguns exemplos: não querer que o/a namorado/a saia com pessoas amigas, controlar o uso do telemóvel do/a namorado/a, etc. Cada membro da fila A deve representar essa situação para o seu par da fila B, podendo mesmo manifestar agressividade verbal ou gestual, desde que não magoe fisicamente o seu par.

Exemplos de agressão²:

- **Violência Física** - É aquela em que o homem ou a mulher sofre de maus-tratos físicos, como murros, queimaduras, mordeduras, agressão com armas/ objetos, pontapés, cuspir, etc. **Situação:** O Juan e a María são um casal de namorados que moram juntos. À tarde, uma hora e meia antes do Juan voltar a casa, o melhor amigo dele toca à campainha e a Maria diz-lhe que pode esperar pelo namorado na sala. Nisto o namorado chega a casa e quando o amigo se vai embora, o Juan começa a bater na namorada e dá a entender que ela se envolveu com o amigo. Acusa maria de se ter envolvido com o amigo.
- **Violência Psicológica** - Este tipo de violência afeta a autoestima da vítima, provocando vergonha através de insultos, chantagens e ameaças. **Situação:** O Diego e a Letícia são um casal. Todos os dias antes de trabalhar a Letícia costuma maquilhar-se. Numa manhã o Diego acorda de mau humor e começa a insultar a Letícia dizendo coisas como: todas as manhãs acordo e vejo-te transformar numa palhaça. Nem sabes combinar as cores das sombras para os olhos, com as cores do batom, etc.
- **Violência Sexual** - Neste tipo de violência, a vítima é obrigada a praticar atos sexuais contra a sua vontade, chamar de prostituta, toques não desejados, forçar a ter relações sexuais com outras pessoas, exigir relações sexuais quando a vítima está cansada, doente ou depois de lhe ter batido,

² Segundo as tipologias de violência estipuladas pela APAV:
APAV,2020, disponível em: <https://apav.pt/vd/index.php/features2>

entre outras. **Situação:** O Pablo e a Andressa são um casal. Numa noite a Andressa veste uma lingerie nova. O Pablo vê a Andressa trocar de roupa fica muito excitado e vai ter com ela, começa a beijar-lhe o pescoço e demonstra intenções de ter relações sexuais. Andressa apercebe-se das intenções do namorado e diz-lhe que não lhe apetece, pois teve um dia muito exaustivo. Pablo é incisivo e força Andressa a ter relações.

- **Violência Verbal** - É normalmente utilizada para incomodar outras pessoas, como insultos, chamar nomes, fazer comentários cruéis, berrar, etc. **Situação:** A Olívia e o Lorenzo começaram a namorar há pouco tempo. O Lorenzo adora sair à noite e sempre que sai demora uma hora a arranjar-se. A Olívia não gosta de ficar sozinha em casa e começa a crítica ao aspeto físico do Lorenzo, acompanhando com insultos.
- **Violência Emocional** - É normalmente utilizada através da crítica de sentimentos, deitar abaixo devido a defeitos físicos, interromper quando está a falar, controlar e proibir o uso do telemóvel/ telefone, não terem atenção as opiniões da parceira (o), etc. **Situação:** A Paloma e o Tiago são um casal. Numa noite o Tiago está a trocar mensagens com o seu irmão que perdeu a namorada. Paloma fica muito ciumenta e tira o telemóvel ao Tiago, dizendo que não quer que ele mande mensagens a mais ninguém sem ser a ela. Pois parece-lhe que o Tiago é um rapaz muito sentimental e emotivo e que não sabe gerir os seus sentimentos quando vê uma rapariga bonita.
- **Violência Económica** - Utilizada através de tirar dinheiro ao parceiro(a), obrigar a vítima a pedir dinheiro ao agressor e prestar-lhe contas, controlar despesas, entre outras. **Situação:** A Nayara e o Eduardo são um casal. Já vivem juntos há 5 anos. O dinheiro que recebem ao final do mês é equiparado. Mas a Nayara gasta mais dinheiro em utensílios para a casa e o Eduardo, como é fanático pela Playstation, gasta grande parte do seu dinheiro em jogos. Nayara não gosta da situação, não só ameaça o Eduardo, como lhe diz que de agora em diante terá que mostrar-lhe todas as faturas afetas aos seus gastos, bem como entregar-lhe metade do dinheiro que recebe mensalmente.

Os membros da fila B não sabem de antemão qual é o conflito com que se irão defrontar, mas deverão tentar defender-se da melhor forma que lhes for possível. Antes de dar início às representações, sublinhar que estas devem ser breves, preferencialmente com duração inferior a um minuto, e que devem seguir a ordem da fila. Quando todos os membros da fila A tiverem representado o papel de agressor/a devem inverter-se os papéis, ou seja, os membros da fila B passarão a representar o papel de agressores/as e os da fila A o papel de vítimas. Depois de todas as representações estarem concluídas, deve-se promover a reflexão.

Tópicos para o debate final:

- Em que papel se sentiram melhor?

R: Os alunos responderam que nenhum dos dois.

- Observaram traços comuns na linguagem verbal e não-verbal dos agressores?

R: As observações dos alunos foram de que os agressores eram dominantes, com intenção de massacrar as vítimas, tom de voz forte.

- Observaram traços comuns na linguagem verbal e não-verbal das vítimas?

R: As vítimas estavam submissas, com a cabeça baixa, tom de voz baixo.

- Notaram alguma diferença quando os agressores eram homens e as mulheres eram as vítimas? E vice-versa?

R: Os alunos responderam que nestas interpretações não observaram diferença na atuação entre os homens e mulheres quando desempenhavam papéis opostos e que acima do género, a condição de agressor ou de vítima está intimamente ligado à personalidade de cada um. No entanto, acreditam que há certos tipos de violência a sexual, económica e física que podem ser mais protagonizadas por um género do que pelo outro, nomeadamente os homens. Por sua vez, os alunos advertiram que as mulheres utilizam violência emocional, verbal e psicológica, ainda que os dois últimos também possam ser protagonizados de igual forma pelo homem.

- Qual foi a representação que mais vos chamou a atenção? Porquê?

R: Os alunos responderam violência verbal, psicológica e emocional, pois pensavam que eram todas a mesma e, através do rol-play, puderam entender melhor cada uma delas.

- Como podíamos transformar esta situação, numa situação de não-agressão?

R: As respostas dividiram-se em duas. Desde dentro: a vítima tem que empoderar-se, enfrentar o agressor e procurar ajuda. Desde fora: acompanhamento.

Reflexão

Apesar das respostas apresentadas acima, durante o processo interpretativo decorreu um momento inesperado, as raparigas quando interpretaram o papel de vítimas, tornaram-se agressoras e quando interpretaram o papel de agressoras tornaram-se ainda mais agressivas, lado a lado com os rapazes que sempre que são atacados acabam por ripostar. Ainda que esta situação seja uma encenada difícil de interpretar pois os “atores” não vivem em situações semelhantes as duas ideias principais recaíam em compreender quais as noções que os mesmos têm sobre este tema e como é feita a associação segundo géneros e, principalmente, perceber como os mesmos reagiriam em caso de uma destas situações acontecer. A forma como ambos reagiram, demonstra que na atualidade a mulher não é assim tão submissa como eles responderam que seria e que, como eles próprios disseram, pode facilmente e cada vez mais ser desempenhada por qualquer um dos géneros. Ainda assim, não posso deixar de referir que me espantou a falta de atitude do género masculino face ao feminino na interpretação dos papéis, deixando uma leve dúvida: “Será que os papéis estarão a inverter?” e, se isso estiver a acontecer, teremos um novo problema.



EL HOMBRE BLANCO OCCIDENTAL

“En la cultura de Tahití, los varones no temen actuar de un modo que los occidentales consideran afeminado. Por ejemplo, durante las danzas, los hombres adultos bailan juntos en estrecho contacto corporal, y la mayoría de los varones visitan a menudo al homosexual del poblado (el *mahu*). [...] Al *mahu* se le tiene un gran respeto; vive como las mujeres, baila y canta con ellas, tiene voz afeminada y entretiene a los hombres y a los muchachos ofreciéndoles sodomía y felaciones. La mayoría de los hombres tahitianos se relaciona abiertamente con el *mahu* sin que eso les cause ningún problema, y, además, suelen asumir el papel pasivo en las relaciones con el *mahu*. [...] El idioma tahitiano no expresa gramaticalmente el género. Los pronombres no indican el sexo del sujeto ni del objeto, y el género no desempeña ningún otro papel en la gramática. Casi todos los nombres propios tradicionales se dan tanto a las mujeres como a los varones. Tradicionalmente no cazan, ni tienen ocupaciones excesivamente peligrosas o agotadoras que se consideren masculinas. [...] La economía más que competitiva es cooperativa, pues las familias se ayudan entre sí. [...] Semai en Malasia, son una etnia pacífica. [...] uno de los aspectos más interesantes de la población semai es que la división sexual de las labores no se hace en virtud de preferencias y no de obligaciones o de prohibiciones. [...] Es decir, no hay reglas rígidas. Todos y todas pueden elegir hacer aquello que se sienten mejor dotados sin recibir crítica alguna.”

- Coral Herrera,
Hombres que ya no hacen sufrir por amor, 2019.

Cartaz 1

O Homem Branco Ocidental

“Na cultura taitiana, os homens não têm medo de agir de uma forma que os ocidentais consideram afeminada. Por exemplo, durante as danças, os homens adultos dançam juntos em contato corporal próximo, e a maioria dos homens costuma visitar o homossexual da aldeia (o mahu). [...] Mahu é altamente respeitado; Ele vive como as mulheres, dança e canta com elas, tem uma voz afeminada e diverte homens e meninos oferecendo sodomia e felação. A maioria dos homens taitianos se associam abertamente com o mahu sem causar problemas e, além disso, tendem a assumir o papel passivo nas relações com o mahu. [...] A língua taitiana não expressa gênero gramaticalmente. Os pronomes não indicam o sexo do sujeito ou objeto, e o gênero não desempenha nenhum outro papel na gramática. Quase todos os nomes próprios tradicionais são dados a homens e mulheres. Eles não caçam tradicionalmente, nem têm ocupações excessivamente perigosas ou extenuantes que são consideradas masculinas. [...] A economia mais do que competitiva é cooperativa, pois as famílias se ajudam. [...] Semai na Malásia, eles são um grupo étnico pacífico. [...] Um dos aspectos mais interessantes da população Semai é que a divisão sexual do trabalho não se baseia em preferências e nem em obrigações ou proibições. [...] Ou seja, não existem regras rígidas. Todos podem escolher fazer o que acharem mais dotado, sem receber nenhuma crítica. ”

- Coral Herrera,

Hombres que ya no hacen sufrir por amor, 2019.

1. Quais são as diferenças entre as sociedades mencionadas anteriormente em comparação com a sociedade em que vivemos?

Grupo 1: “Os estereótipos encontram-se bem definidos no sistema ocidental, enquanto na sociedade tahitiana as pessoas têm liberdade para escolherem ser quem quiserem livres de críticas.”.

Grupo 2: “A liberdade de expressão, a não rotulação do gênero, a não diferenciação laboral segundo o gênero”

2. Em que tipo de sociedade vivemos?

Grupo 1: “ Sociedade patriarcal”.

Grupo 2: “Numa sociedade que reprime o que não é considerado normal”.

3. Analisando a nossa sociedade, pode se dizer que existem hierarquias entre os homens? Se sim, em que situação nos podemos basear para afirmar tal?

Grupo 1: "Sim, porque não podemos comparar um homem que é considerado o sustento familiar, com aquele que apoia e dá o seu lugar à sua namorada."

Grupo 2: "Sim, se compararmos um grupo de homens homossexuais, não tem as mesmas oportunidades, só por serem homossexuais".

4. Os homens brancos, heterossexuais e ocidentais têm privilégios em comparação com os outros? Quais?

Grupo 1: "Sim, supostamente são considerados mais fortes ou mais inteligentes que os restantes."

Grupo 2: "Sim, principalmente a nível económico".

5. Segundo Coral Herrera(2019-2018) "A situação é mais ou menos esta: um grupo pequeno de homens domina o planeta. A maior parte deles são ricos, brancos e ocidentais: são eles os que criam e destroem governos, são os que começam e acabam as guerras, são os que impõem leis e os que controlam o poder judicial, os que manipulam a opinião pública, os que param movimentos sociais potencialmente perigosos para os seus interesses através dos seus meios".

5.1. Qual é o impacto criado na sociedade devido ao poder destes homens? Como podemos reverter esta situação?

Grupo 1: "Os homens brancos heterossexuais são os que possuem o poder mundial e quem não esteja incluído nesse círculo sujeita-se a viver sobre as ordens destes. Podemos reverter a situação ajudando ao empoderamento dos homens que não estejam dentro deste grupo"

Grupo 2: "Temos um exemplo perfeito que seria o Donald Trump. A solução passaria por empoderar os restantes grupos onde se encontram os homens que não são considerados socialmente perfeitos"



EL HOMBRE VIOLENTO

“Esa construcción «heroica» de la masculinidad, y que la cultura ha reproducido y reproduce constantemente, nos muestra cómo el varón necesita en ocasiones recurrir a la violencia para alcanzar o mantenerse en el poder, para restaurar el orden por él diseñado o, simplemente, para sancionar la sumisión de quienes deben admirarlo y obedecerlo. [...] Esto no quiere decir, lógicamente, que los varones seamos guerreros por naturaleza y las mujeres, naturalmente pacíficas. Lo que trato de explicar es que esa violencia, o su posible uso, está vinculada a una determinada construcción social y cultural de lo que implica ser hombre.”

-Octavio Salazar,
“El Hombre que no deberíamos ser”, 2018

Cartaz 2

O Homem Violento

“Esta construção «heroica» da masculinidade, e que a cultura se reproduziu e reproduz constantemente, mostra-nos como os homens às vezes precisam recorrer à violência para alcançar ou manter-se no poder, para restaurar a ordem concebida por ele ou simplesmente, para sancionar a submissão daqueles que devem admirá-lo e obedecê-lo. [...] Isso não significa, logicamente, que os homens sejam guerreiros por natureza e as mulheres, naturalmente pacíficas. O que tento explicar é que essa violência, ou seu possível uso, está ligada a uma certa construção social e cultural do que significa ser homem”.

-Octavio Salazar, “El Hombre que no deberíamos ser”,
2018

1. O tipo de brinquedos que oferecemos às crianças em função do seu género poderá gerar violência? Como?

Grupo 1: “sim, podem fomentar a violência uma vez que as representações estão intimamente conectadas com símbolos de violência, como é o caso das pistolas, navalhas, carros de guerra, etc.”

Grupo 2: “Sim, pelo cariz violento que costumam apresentar os brinquedos oferecidos aos rapazes, como o exemplo das pistolas.

2. Como se explica a uma criança que violência gera violência e distância nos enquanto sociedade?

Grupo 1: “Se vês um ato violento e respondes com violências, estás a gerar mais violência”

Grupo 2: “Educando as crianças com valores, liberdade explicando o que é a violência e as consequências que a mesma pode causar.”

2.1. Que consequências achas que gera?

Grupo 1: “Opressão, desigualdade e dor”

Grupo 2: “Uma sociedade agressiva, egoísta e sem empatia”

3. Como crês que mudou o papel homem/mulher no cinema nos últimos anos?

Grupo 1: “Atualmente as mulheres são protagonistas, como por exemplo nos filmes de ação, em que deixaram de ser objetos sexuais para passar a ter um papel com relevância.”

Grupo 2: “Agora existe um empoderamento da mulher nos filmes e vê-se cada vez mais homens a demonstrar o seu lado sensível”

4. De que forma estas representações condicionam as nossas relações afetivas na vida real?

Grupo 1: “Acabamos por reproduzir os mesmos comportamentos”

Grupo 2: “Ainda que se mantenha o papel da mulher débil e do homem forte, existem cada vez mais filmes que mostram um outro lado”.



EL HOMBRE HETERO- NORMATIVO

“La homofobia representa un problema que reencarna y ejemplifica el predominio del poder masculino así como los arraigados valores heterosexistas en nuestra sociedad, representa la transgresión de la visión binaria masculino-femenino y da cuenta del lugar que ocupa y el papel que juega la homosexualidad y los homosexuales en la producción y reproducción de una masculinidad dominante que ejerce un mayor poder con relación al resto de la población. La homofobia, vista a través de los crímenes a homosexuales, da cuenta de las consecuencias del androcentrismo y de los valores altamente masculinistas. Asimismo, visibiliza las relaciones de poder, no únicamente de los hombres hacia las mujeres, sino dentro de las diversas masculinidades.”

-Salvador Cruz Sierra, 2002

Cartaz 3

O Homem Heteronormativo

“A homofobia representa um problema que reencarna e exemplifica o predomínio do poder masculino bem como os valores heterossexistas arraigados em nossa sociedade, representa a transgressão da visão binária masculino-feminino e dá conta do lugar que ocupa na produção e reprodução de uma masculinidade dominante que exerce maior poder em relação ao resto da população. A homofobia, vista através de crimes contra homossexuais, é responsável pelas consequências do Andro centrismo e dos valores altamente masculinos. Da mesma forma, torna visíveis as relações de poder, não só entre homens e mulheres, mas também dentro das diversas masculinidades.”

-Salvador Cruz Sierra, 2002

1. O que significa o termo heteronormatividade?

Grupo 1: “Que só as pessoas que gostam do sexo oposto é que são consideradas normais pela sociedade”

Grupo 2: “Que o perfil de masculinidade a ser cumprido por um homem deve ser o hétero”

2. Identifica os estigmas que a sociedade apresenta perante a homossexualidade.

Grupo 1: “parece feminino, que é fraco, que chama a atenção” / Grupo 2: “parece feminino, que é fraco, que chama a atenção”

3. Associamos a homossexualidade com comportamentos considerados "femininos"? Porquê?

Grupo 1: “sim, pelos comportamentos de alguns homens homossexuais” / Grupo 2: “sim porque se considera uma orientação binária”

4. Acreditas que dentro da comunidade homossexual exista preconceito por não se ter comportamentos heteronormativos?

Grupo 1: “Sim, mas depende do entorno em que te encontres.” / Grupo 2: “Sim, porque a sociedade ainda os recrimina.”

Reflexão

Ainda que no papel não tenham passado muito das respostas simples e curtas, sem qualquer intenção de aprofundamento, o debate posterior foi mais aceso. Foi debatida a forma como homens levam outros homens a adotar certo tipo de comportamento em prol da sua virilidade, quando na realidade, por vezes é um esquema, para que os homens ricos continuem ricos e os que não se encontram dentro dos padrões continuem de fora. A exclusão e a diferenciação só potenciam duas coisas: o poder económico dos que podem e o aumento da pobreza dos que ficam à margem. A violência “normalizada” entre os homens bem como todo o tipo de atividades que estejam relacionadas ao término ajudam a provocar exatamente a mesma coisa, uma vez que quando o homem não tem nada mais que impulsividade e não consegue parar dois segundos para pensar é muito mais fácil de ser controlado por aqueles que utilizam a inteligência como arma de fogo. Relativamente à heteronormatividade, mais do que a aparência exterior ou os comportamentos e tiques que o individuo possa ter, muitos homens sentem a sua masculinidade afetada pela homossexualidade alheia, sendo que é muito comum ouvirmos “desde que não se chegue para o meu lado”, como se no caso da heterossexualidade as mulheres sentissem atração por todos os homens e os homens por todas as mulheres, pelo simples facto de serem do sexo oposto, ora isto não acontece com a heterossexualidade, porque haveria de acontecer com a homossexualidade? A parte desta conclusão, a verdade é que ao associar o homem homossexual à mulher e ao seu lado frágil e emocional torna-se ainda mais fácil monopolizá-los e rebaixá-los perante a sociedade, mantendo o lugar do homem hétero, branco e ocidental intacto na economia.

8.1.5. Tu e eu

Na quinta atividade, com base em metodologias intervencionistas e de *Focus Group*, a estagiária realizou uma sessão de teatro com o apoio de dois elementos de Zambra, Amelia e Letícia, que ficaram responsáveis pelas instruções de palco. Dividiu-se a turma em dois grupos. Enquanto um grupo encenava o outro grupo ficava a observar. O primeiro grupo Encenou comportamentos masculinos (independentemente do seu sexo e género) e o segundo, comportamentos femininos. No fim, abriu-se uma roda de discussão e compararam-se as visões femininas e masculinas que temos incutidas no nosso comportamento corporal e psicológico de forma inconsciente. Segue-se o planeamento da sessão.

Sessão de teatro: Eu e Tu

Aquecimento

1. Andamos pela sala dando indicações (Mely)

Mais rápido, ainda mais rápido, fixar um ponto no outro lado da sala e caminhar até ele com segurança e determinação.

2. Trabalhar as trocas de olhares (Mely):

Ao bater das palmas:

- Procuramos quem está longe e nos cumprimentamos de longe.
- Procuramos alguém por perto e olhamos fixamente.
- Cumprimentamos alguém como se não nos víssemos há muito tempo.
- Encontramos alguém com quem estamos muito zangados.
- Ficamos com alguém e dançamos juntos.

3. Trabalhar o corpo (Leti) Animais:

- Agora somos um elefante. Como andam? Como se movem?
- Uma pantera,
- Um pavão,
- Um gorila.
- Uma serpente.

Comportamento do corpo:

- Agora caminharemos como se o motor do nosso corpo fosse:
 - O nariz.
 - O peito.
 - A bacia.

Sessão

Dividimo-nos em dois grupos mistos. No primeiro grupo todos vão interpretar o sexo masculino enquanto o segundo grupo interpreta o feminino.

(Mely y Leti)

Grupo 1 - Homens:

- Como caminho sendo eu um homem?
- Como olho ao longe para outros homens?
- Como se cumprimentam dois homens?

Grupo 2 - Mulheres:

- Como caminho sendo eu uma mulher?
- Como olho ao longe para outras mulheres?
- Como se cumprimentam duas mulheres?

Exercício comum aos dois grupos:

- Alguém está a passar e atrai-te muito, muito! Como tentas seduzir essa pessoa?
- Agora aparece alguém que tenta seduzir a pessoa que te chamou a atenção (homem se for no grupo homem, mulher se for no grupo 2), que faço?
- Agora alguém do mesmo sexo vem seduzir-te. Como te sentes?

Reflexão

O intuito máximo desta atividade residia em tentar compreender quais são as impressões que guardamos no inconsciente coletivo quando associamos determinados comportamentos ao gênero da pessoa. Por esse mesmo motivo, tanto o Grupo 1, como o Grupo 2 eram compostos de forma mista, ou seja, por rapazes e raparigas, para uma melhor compreensão do estado de consolidação das mensagens que ficam registadas no nosso inconsciente.

Na primeira fase da atividade o objetivo era relaxar o corpo e a mente, para evitar que as pessoas agissem com demasiada racionalidade durante a segunda parte, e a mais importante, da sessão. Quando o primeiro grupo, que se pretendia que incorporasse o comportamento associado ao gênero masculino, começou a realizar os exercícios, a linguagem corporal foi automaticamente significativa, os alunos caminhavam com pernas abertas, ombros descontraídos com as mãos a acompanhar o movimento dos pés; o contacto visual de homem para homem ao longe é mantido durante alguns segundos quase como afirmação e demonstração de segurança e a saudação física é realizada com o conforto de manter as partes íntimas a uma certa distância, sendo que as partes do corpo que se tocam são principalmente as mãos, ombros, e braços. Quando avançamos para as questões relacionadas à sedução, os alunos do Grupo 1 lançam um olhar sedutor seguido de uma frase que permita o desenrolar de uma primeira interação, ou seja, criam uma ação. Quando é dada a indicação de que há uma terceira pessoa que demonstra interesse na mesma pessoa que o primeiro grupo estava a tentar seduzir, a primeira reação é cerrar o pulso e encher os pulmões, demonstrando uma certa impulsividade e agressividade relacionada com sentimento de perda ou de fracasso. Mas quando alguém do mesmo sexo demonstra interesse no sexo masculino (Grupo 1), as reações são de rejeição e desconforto com o próprio corpo sendo que não sabem muito bem como reagir, chegando até a gaguejar.

Por outro lado, o Grupo 2 (“as mulheres”) numa primeira instância demonstrou um comportamento mais contido, caminhar com pernas fechadas acompanhado de um andar cuidado e elegante; quando confrontados com o observar outra mulher ao longe existe uma análise de alto abaixo, quase como uma comparação ou necessidade de validar ou ser validada e a saudação era calorosa, maioritariamente com beijinhos, abraços apertados ou palavras carinhosas e de grande reconhecimento afetivo. Quando avançamos para as questões relacionadas à sedução, os alunos do Grupo 2 adotaram uma linguagem corporal subtil protagonizada por colocar o cabelo levemente atrás da orelha, lançar um olhar intenso e pouco demorado, acompanhado por um movimento rotacional de mudança de direção, oposta à da pessoa que se pretende seduzir. Ao ser dada a indicação de que há uma terceira pessoa que demonstra interesse na mesma pessoa que o segundo grupo estava a tentar seduzir, “as mulheres” agem com indiferença, mas mudam de espaço físico. Ao ser interpeladas por alguém do

mesmo sexo que demonstra interesse nelas, esclarecem de imediato que não estão interessadas, mas não deixam de interagir com essa pessoa.

Analisando os alunos em si na hora de interpretar os papéis a que foram propostos, pode observar-se que havia uma certa vergonha por parte dos homens em incorporar as mulheres, dizendo os mesmos que se sentiam inseguros e desconfortáveis, principalmente por terem que caminhar e gesticular de uma forma considerada feminina. Quando foi pedido que seduzissem alguém, tendo que se colocar no papel de mulher, as representações fugiram um pouco da realidade sendo que alguns homens fingiram apalpar os próprios seio e empinaram o rabo de imediato; tal como quando abordados por alguém do mesmo sexo, demonstraram interesse imediato começando a dar beijos imaginários ao ar.

Podemos concluir que os dois géneros são influenciados pela carga do pensamento alheio, uma vez que ambos os grupos pretendem transmitir mensagens na hora de confronto com pessoas do mesmo sexo, quer seja por motivos de comparação quer seja para demarcar território. A linguagem corporal do homem é mais descontraída, sendo que isso transmite uma imagem de segurança, enquanto a da mulher é mais fechada e simultaneamente mais elegante o que gera uma sensação de curiosidade e desejo. Também se pode perceber uma agilidade e inteligência não evidente na forma como as mulheres seduzem comparativamente aos homens, bem como na maturidade emocional na hora de lidar com o confronto de serem seduzidas por alguém do mesmo sexo, demonstrando que estão seguras da sua sexualidade, ao contrário dos homens que demonstram desconforto até na forma como cumprimentam um amigo do mesmo sexo.

8.1.6. Campanha de Sensibilidade

A última sessão foi baseada na metodologia de *Focus Group* e Mista e consistiu em dividir a turma em quatro grupos. A cada grupo era atribuída uma faixa etária, sobre a qual tinham de tratar um determinado tema (anteriormente abordado). Assim as categorias e temas estavam agrupados da seguinte forma: Infância – Valores e género; Juventude – Violência no namoro; Idade Adulta –

Sociedade Machista e a 3ª Idade – Cuidados. Cada grupo tinha uma ficha com os passos necessários para realizar uma campanha de sensibilidade de forma criativa. O intuito seria tratar as questões de género com diversos grupos etários através de estratégias criativas de intervenção segundo a futura profissão dos alunos bem como, para fazer uma compilação dos assuntos tratados nas sessões anteriores. Segue-se a recolha de dados e a respetiva reflexão.

Categorias e temas

- Infância- valores e género
- Juventude- violência de casal
- Idade Adulta- sociedade machista (heteronormatividade nos homens e nas mulheres, que comportamentos necessitam mudar sobre este estado de heteronormatividade que existe tanto nos homens como nas mulheres?)
- 3º Idade - Cuidados. Quem é cuidado e quem cuida? (A idade da independência, como confrontar isto, ter em conta que quando somos maiores de idade necessitamos de ajuda).

Infância – Valores e Género

- Qual a importância dos valores?

Os valores morais podem ser percebidos como o conjunto de normas e hábitos que são transmitidos pela sociedade ao indivíduo e que representam a forma correta de atuar em sociedade. Permitindo diferenciar o bem do mal, o correto do incorreto, o justo do injusto.

Valores morais:

Liberdade – Honestidade – Valentia – Sinceridade – Humildade – Amor – Paz –
Respeito - Responsabilidade - Tolerância social

1. Como podemos relacionar valores e género quando falamos com as crianças? Escolhe três valores (como exemplo) para a execução da tua campanha.

R: Podemos relacionar através da realização de um jogo didático no qual se explique que os valores são para todas as pessoas de forma geral e que não se aplicam mais a um género ou a outro. Os valores que escolhemos foram: liberdade, valentia, amor, respeito e tolerância social.

2. Tema

Público-alvo (idade): crianças dos 6 aos 11 anos

Objetivo Principal (Propósito a comunicar): conseguir uma cidadania participativa baseada em valores morais.

Objetivos secundários (objetivos que ajudam a construir a campanha):

Aprenderem a respeitar-se e a importância da tolerância social, saberem que todos temos direito a ser livres, serem fortes para aprenderem a defender-se e a lutar por aquilo em que acreditam e que o amor esteja na base de tudo aquilo que fazem e em que participam.

Mensagem a transmitir (pode ser um texto, um slogan, frases, etc.): Valente ou Cobarde?

Como irei passar a mensagem? (pode ser a través de vídeo, imagens, atividades, jogos, etc.)

R: Através de imagens, atividades e jogos. Recursos

Recursos

Recursos materiais (podem ser reutilizáveis):

R: Jogos feitos à base de cartolina, fantoches feitos com roupa reciclada, etc.

Recursos humanos: 6 Integradores Sociais, professores e alunos.

Recursos económicos: Sem resposta.

Como posso diferenciar esta campanha de outras campanhas de conscientização? Qual é o elemento inovador?

Aprendizagem através de jogo didático que fomente o cooperativismo e a interação.

Como posso publicitar esta campanha? Indo a escolas.

Juventude – Violência no Namoro

1. Vão retratar um ou mais tipos de violência? Em que se vão focar concretamente?

R: Violência Psicológica.

2. Tema: Campanha Contra a Violência Psicológica dentro do Instituto Público-alvo (idade): 12-16 anos

Objetivo Principal (Propósito a comunicar): Sensibilizar os alunos para a violência que pode ser exercida consciente ou inconscientemente dentro do instituto.

Objetivos secundários (objetivos que ajudam a construir a campanha):

- Conseguir igualdade entre os alunos,
- Enraizar boas maneiras no instituto.

Mensagem a transmitir (pode ser um texto, um slogan, frases, etc.):

- Aprende a respeitar-me. Põe-te no meu lugar.
- Respeita-me, põe-te no meu lugar.

Como irei passar a mensagem? (pode ser a través de vídeo, imagens, atividades, jogos, etc.)

- Folheto informativo para explicar porque as mulheres sofrem de violência psicológica.
- Campanha publicitária realizada através de vídeos curtos sobre violência psicológica.

Recursos

Que recursos irei necessitar?

Recursos materiais (Podem ser reutilizáveis?): Instituto, sala de aula, projetor, computador, mesa e cadeiras.

Recursos humanos: dois técnicos de integração social, Professores, alunos e profissionais que tratem a violência psicológica

Recursos económicos: Sem resposta.

Como posso diferenciar esta campanha de outras campanhas de conscientização? Qual é o elemento inovador?

R: Esta campanha pode ser diferenciada das demais porque foi pensada especificamente para os alunos do instituto. O elemento inovador é que os alunos são os protagonistas da campanha.

Como posso publicitar esta campanha: Redes sociais: Instagram, Twitter, Facebook e cartazes no Instituto.

Idade Adulta – Sociedade Machista (Heteronormatividade)

1. Como são os homens heteronormativos?

R.: Fortes, corpulentos, orgulhosos e dominadores. Como são as mulheres heteronormativas?

R.: Submissas, sensíveis, compreensivas.

Quais são os comportamentos que consideram importantes para a transformação social, tanto no homem como na mulher?

R.: Empoderar a mulher e transformar os estereótipos sociais.

2. Tema: Violência de género

Público-alvo (idade): 30-40 anos

Objetivo Principal (Propósito a comunicar): sensibilizar sobre a violência de género e como se pode ajudar alguém que esteja a passar por essa situação.

Objetivos secundários (objetivos que ajudam a construir a campanha):

-Prevenção de maus-tratos

-Defesa entre mulheres

-Guias para ajudar as vítimas.

Mensagem a transmitir (pode ser um texto, um slogan, frases, etc.): Não quero sentir-me valente quando saio à rua, quero sentir-me livre.

Como irei passar a mensagem? (pode ser a través de vídeo, imagens, atividades, jogos, etc.)

R.: Através de atividades dinâmicas.

Recursos

Recursos materiais (Podem ser reutilizáveis?): computador e projetor

Recursos humanos: professores de igualdade, vítimas de violência e dois técnicos de integração social

Recursos económicos: Sem resposta.

Como posso diferenciar esta campanha de outras campanhas de conscientização? Qual é o elemento inovador?

R.: Através de uma atividade dinâmica estilo Rol play.

Como posso publicitar esta campanha?

R.: Através das redes sociais

Terceira idade – Cuidados. Quem é cuidado e quem cuida?

As pessoas de idade viveram grande parte da sua vida influenciadas por um sistema machista, o que faz com que a forma como observam o mundo seja machista sem que se apercebam ou que necessitem de repensar que existem outras perspetivas mais igualitárias. Consultem os anexos (Anexo I, II, III e IV).

1. Depois da leitura dos dados, quais são as conclusões que podem retirar?

R.: As mulheres são as pessoas que passam maior número de horas a cuidar de outras mulheres e homens em comparação aos homens que desempenham este papel de cuidadores.

Como podemos tratar este tema com a população idosa?

R.: Dividir o trabalho dos cuidados de forma igualitária entre o homem e a mulher.

2.Tema

Público-alvo (idade): 65+

Objetivo Principal (Propósito a comunicar): Conscientizar sobre as mudanças na 3ª idade

Objetivos secundários (objetivos que ajudam a construir a campanha):

-Conscientizar sobre a alzheimer,

-Trabalhar a memória,

Mensagem a transmitir (pode ser um texto, um slogan, frases, etc.): Enquanto uns tentam esquecer, outros lutam para recordar.

Como irei passar a mensagem? (pode ser a través de vídeo, imagens, atividades, jogos, etc.)

R.: Documentário.

Recursos

Recursos materiais (Podem ser reutilizáveis?): câmara, computador, pen

Recursos humanos: idosos e associações de alzheimer.

Recursos económicos: Sem resposta.

Como posso diferenciar esta campanha de outras campanhas de conscientização? Qual é o elemento inovador?

R.: Transmitindo a realidade do alzheimer.

Como posso publicitar esta campanha?

R.: Através das redes sociais, televisão, etc.

Reflexão

Esta atividade surgiu com o intuito de tentar perceber se algumas noções tratadas nas atividades anteriores teriam aguçado a curiosidade dos alunos para realizarem uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema para além de ser uma oportunidade para os mesmo espelharem o conhecimento até então adquirido. Claro que como objetivo secundário estaria a perceção de como seria aplicada a sua criatividade numa campanha de sensibilização. Apesar do pouco empenho nesta última atividade e da quantidade de coisas sem sentido que foram proferidas nas distintas campanhas, pois na maioria das vezes não responderam ao que estava a ser pedido, na reflexão final os alunos perceberam que esta atividade tinha mais sumo para ser espremido do que aqueles que eles julgavam que tinha a laranja.

Por exemplo, na infância – valores e género, a estagiária de a ideia de apresentarem os valores às crianças, dividindo-as em dois grupos, masculino e feminino, e vendo quais dos géneros se aproximavam mais de determinados valores, sendo que depois iriam explicar que os valores são independentes do género. Quando estas noções estivessem consolidadas, podiam aproveitar para desconstruir algumas características atribuídas aos homens e às mulheres ou relacionada a brinquedos, profissões, etc. Sendo uma oportunidade de educar as novas gerações, mas também avaliar os novos conteúdos que as mesmas já carregam.

Na categoria da Juventude – Violência no namoro, os alunos enfocaram-se em tratar a violência psicológica no Instituto, como forma de sensibilização, através de seminários, com panfletos, vídeos, e tudo aquilo que já se faz neste tipo de campanhas de sensibilização. A estagiária deu a ideia de reunir vários profissionais da área do género e da psicologia e levar ex. vítimas que pudessem explicar a sua história brevemente e contar como foi o processo de pedir ajuda e como se pode fazê-lo, tal como se arranja ferramentas emocionais para conseguir encarar este tipo de situação.

A categorias que se seguem foram trágicas na sua elaboração, na Idade Adulta – Sociedade Machista, o tema a ser tratado seria o papel do homem o poder que o mesmo possui, a forma como o retira aos outros e o que esses “outros” homens que não correspondem ao padrão são tratados, como isso mexe com as suas emoções, o seu comportamento e a sua saúde mental e, conseqüentemente, o que pode provocar a nível social e familiar – em vez do tema da violência de género. Para finalizar, a última categoria, respetivamente a terceira idade – cuidados, pretendia retratar qual o género que despende mais tempo com ou sem rendimentos a cuidar dos idosos ou de pessoas da família incapacitadas, sendo que esse trabalho é particularmente protagonizado por mulheres na sua maioria e,

por esse mesmo motivo, a estagiária disponibilizou dados estatísticos que tratavam sobre o tema, se o objetivo fosse falar sobre Alzheimer os dados estatísticos com certeza seriam diferentes.

8.1.7. Considerações Finais Do Projeto

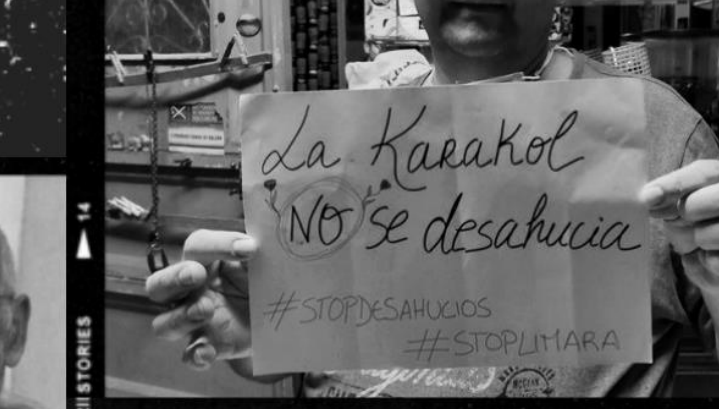
Respondendo às necessidades acordadas com o professor Alejandro Villodres do Instituto Sierra Bermeja, que englobavam abordar os temas de gênero e cidadania. Tendo em conta que a turma pertence ao curso de integração social e que esta profissão requer bases assentes em valores e princípios de cidadania, bem como um acompanhamento individual no qual os alunos criem um espaço no qual possam lidar com as suas emoções e desenvolver a sua personalidade, construindo alicerces que potenciem o alcance e controlo da sua própria inteligência emocional, os mesmos parecem estar mais familiarizados com as noções de gênero do que com o confronto consigo mesmos.

De forma geral os objetivos principais deste projeto foram apurados com sucesso, sendo que existiu um espaço para debater o papel do género no passado e como isso repercute na atualidade, foi possível realizar simultaneamente uma análise ao comportamento e pensamentos conscientes e inconscientes dos alunos, tanto através das atividades como da linguagem corporal e verbal, sem esquecer que forma subliminar se pode apurar o papel do Design em atividade de caráter social, uma vez que a utilização de recursos artísticos e gráficos proporciona:

- Despertar de atenção
- Aumento do foco
- Cria um ambiente descontraído onde os pensamentos fluem com mais liberdade
- Aumenta a criatividade
- Torna a interação mais leve e acessível.

Sempre que eram apresentados elementos visuais os alunos ficavam automaticamente empolgados e mais interativos do que quando isso não acontecia, o Design foi útil não só para ajudar a passar mensagens subliminares que vão diretas ao inconsciente, como no caso da terceira e quarta atividade em que os elementos visuais emanavam mensagens subliminares não só do conteúdo que se pretendia abordar como também da forma como acabariam por interpretar os temas aparte da informação textual que receberam.

Posto isto, dentro das seis atividades que foram realizadas a única que não cumpriu os objetivos propostos por várias razões que já foram referidas anteriormente, foi a última e, ainda assim, no debate final os temas acabaram por se debater para que houvesse uma melhor compreensão dos mesmos e, por este motivo, a estagiária sente-se satisfeita com o resultado final atribuído a este projeto.



La Casa Karakol

8.2 Projeto II: Campanha “La Casa Karakol” Ocupação em Espanha

A habitação é um dos direitos sociais incluídos na constituição espanhola (artigo 47), em direitos humanos (artigo 25) e por diferentes organizações internacionais, União Europeia, O.N.U, ... Despejos nas suas várias formas (despejos, lançamentos ...) e por diferentes causas (Hipotecas, por aumentos abusivos de aluguer, etc.) se tornaram um dos mais graves problemas sociais na sociedade espanhola. Não sendo um problema de necessidade de construção de novas casas desde 1997 e 2007, mais casas foram construídas do que em 4 países da União Europeia, Itália, Reino Unido, França e Alemanha, juntos. Esta situação de emergência social piorou com um resgate multimilionário com dinheiro público para bancos. No último ano, a medida de despejos em Málaga é de 8 por dia.

8.2.1. História Karakol

A casa *Karakol* insere-se num projeto de força maior que consiste no esforço de Zambra para criar laços com os vizinhos de um dos bairros mais afetados de Málaga. Na história da Zambra, há mais de 24 anos que se vive no distrito de Palma-Palmilla. No mesmo quarteirão em que está localizada a *Karakol*, desde há 20 anos que existe uma outra casa do coletivo Zambra - Iniciativas de Ação Social, ao qual, carinhosamente, as pessoas do grupo chamam de "andar A". O bloco é composto principalmente de freiras ou pessoas em processos de dependência de substâncias nocivas ao corpo. No momento, há uma boa atmosfera com os vizinhos do quarteirão.

Palma-Palmilla carrega um estigma duro sobre sua criminalidade e suas condições de vida. Estigma esse que, por um lado, se baseia em preconceitos misturados com alguns problemas estruturais reais, os quais: falta de serviços básicos, casas em más condições ou moradias precárias, construção de "favela vertical", falta de limpeza e saneamento, tráfico de drogas, etc. Portanto, entende-se que o simples facto de viver, estar e ter livre-arbítrio em Palma-Palmilla é um ato político de compromisso, que acarreta uma vontade de desobediência. Aqui entendemos a política como a administração dos elementos vitais de sobrevivência e de vivência.

Em 2011, houve um surto social no estado espanhol, conhecido como “15M” no qual ocorreu, simultaneamente, o movimento de transformação radical “las indignadas”, que estava intimamente ligado à história da Plataforma de Afetados pela Hipoteca e *Stop Desahúcio* (um movimento pelo direito à moradia que ganhou reconhecimento internacional e que em Málaga teve uma força notável em termos de tecido e capacidade de ação). Estes paralisaram centenas de despejos, muitos deles graças à ação direta e à desobediência. Por serem tão fortes, o seu movimento foi um passo além, não apenas evitando despejos, mas também conseguindo realojar famílias que não tinham acesso à moradia ou que estavam em uma situação de emergência. Na Andaluzia, isso era conhecido como “*movimiento corralero*”, baseado na tradição de edifícios comunitários que eram as “*corralas*” ou “*corralones*” em Málaga, a terceira cidade com os aluguéis mais caros

e com uma renda per capita mais baixa do que toda a cidade, sendo um dos lugares mais afetados pela especulação imobiliária e turística - dois processos que andam de mãos dadas. Chegou a haver 7 *corralas* coordenadas na sua luta pelo direito a vivenda. Os ativistas e colegas da Zambra fizeram parte dessas lutas e seguiram-nas de perto.

Em 2015, uma colega de Zambra que mora no andar A, descobre que a casa em frente será despejada. É habitada por pessoas de origem subsaariana que pagam renda a um senhorio que mora na Inglaterra e que, por sua vez, este não paga a hipoteca contratada com o Banco Popular. Zambra pede apoio a *Stop Desahucios*, que iniciam um plano para recuperar a casa. No código de boas práticas das ocupações, quase sempre é priorizado que o proprietário seja um banco. Neste caso, a casa corresponde ao Banco Popular, que mais tarde seria absorvido em 1 euro pelo Banco Santander e as pessoas que moravam na *Karakol* preferem deixar o apartamento em questão. Posteriormente, entram para viver nessa casa duas pessoas ligadas ao *Stop Desahucio*, que sofrem de exclusão social e com problemas de adição e também com determinados transtornos de saúde mental. No entanto, uma delas permaneceu de forma provisória enquanto uma companheira de Zambra se incorporava.

8.2.2. Campanha Karakol

Durante todo esse tempo, *Zambra* tem acompanhado de perto muitos grupos e redes, possuindo alianças importantes com a coordenação de *Baladre*, a Plataforma Afetada pelas Hipotecas, APDHA, CGT, entre outras que vão surgindo conforme a relevância.

Apostar num território que se encontra num mundo líquido e garantir a vida num local onde as condições não são as mais desejáveis é uma prática de cuidado. É por isso que a Zambra, como grupo, entende que é hora de comprar, com microcréditos solidários de pessoas amigas, um lar para continuar a sustentar a vida de pessoas comprometidas com a transformação social.

No final de 2019, os habitantes do curral "La Guevara" saem de casa e uma das companheiras de Zambra que morava lá, vem morar no bairro. A configuração da rede de colegas da Zambra que estão no bairro é:

- a) Piso A: que foi cedido ao coletivo por um elemento da coordenação de *Baladre*, no qual vivem duas pessoas de Zambra;
- b) Vivenda "La Pau": que foi comprada e gerida pelo coletivo e na qual vive uma companheira de Zambra;
- c) Casa *Karakol*: que é uma casa que está a ser ocupada por um companheiro de Zambra e por duas pessoas relacionadas.

Com o aviso de julgamento pelo leito de ocupar, inicia-se uma campanha contra o poder dos bancos e a favor do direito à vivenda. Assim surge a marca gráfica “CASA KARAKOL”, que pode ser assumido em diferentes cores: verde, roxo e vermelho (Fig. 10). As cores estão associadas da seguinte forma: verde – Stop *Desahucios*, Roxo – Feminismo e Vermelho – Luta.



Figura 10 Logótipo verde, roxo e vermelho

Adjacente, à Manifestação do 8 de março, incorporam-se algumas técnicas de visibilidade da luta da Casa Karakol, as quais: criação de panfletos (Fig. 11 e 12) e cartazes sobre o tema (Fig.13).



Figura 11 Verso do Panfleto - Karakol



Figura 12 Frente do panfleto - Karakol



Figura 13 Cartaz Karakol Feminista

Antes de aparecer esta grande praga, mundialmente conhecida como Covid-19, estava planeado pelo coletivo que o companheiro de Zambra que está em risco de ficar sem um local de residência, iria “acampar” durante uma semana em frente ao Banco Santander (Sede Central) das 08:00 horas da manhã até às 20:00 horas da noite, como forma de protesto. Para divulgar essa informação foi igualmente realizado um cartaz que logo tomou uma outra forma (Fig.14 e Fig.15), uma vez que se adiou o tal “Acampamento”. Por este mesmo motivo a campanha encontra-se suspensa até novo aviso.



Figura 15 Cartaz de protesto



Figura 14 Cartaz Adiamento do Protesto

8.2.3. Considerações Finais do Projeto: La Casa Karakol

A realidade da quantidade de pessoas que necessitam de um teto e não têm como pagá-lo é cada vez maior. Viver sem saber onde podemos dormir no dia seguinte não deveria ser um problema para ninguém, mas infelizmente é para muita gente.

Poder acompanhar de perto esta luta, trouxe muitas horas de sono por dormir, muitas ideias por discutir e todo um planeamento de campanha que não nasce da noite para o dia. Assim sendo, várias foram as manifestações, os comunicados nos média e os cartazes e panfletos distribuídos pelas ruas e as pessoas, por forma a dar visibilidade, voz e um rosto ao grande problema que estava a acontecer com o nosso colega Say.

Assim, surge a *Karakol*, uma representação ávida da luta que estávamos a atravessar, demonstrando uma postura de resistência às adversidades que pudessem vir, aos bancos e ao poder económico que em tudo parece ser soberano.

No final da história o Say consegui fazer um acordo com a imobiliária responsável pelo apartamento onde estava a habitar, começando a pagar 100€, um valor adaptado aos rendimentos dele. Este acordo é possível principalmente porque está localizado num bairro marginal no qual pessoas de classe média-rica ou turistas nunca estariam interessadas, por todo um conjunto de motivos (saneamento, atividades obscuras, criminalidade, etc.).

Sem dúvida que foi dos projetos mais gratificantes no qual a estagiária teve o prazer de estar envolvida uma vez que todo o trabalho foi mais que recompensado.

8.3. Projetos Adjacentes

Desde o começo do estágio, a 7 de outubro de 2019 que a estagiária desenvolveu o seu projeto de estágio na associação de Zambra – Iniciativas para a Ação Social. Legalmente categorizada como ONG e que se encontra inscrita no registro de Associações do Ministério, no entanto apresenta-se como um Coletivo Social de âmbito estatal, auto-gestionado por indivíduos academicamente formados e não formados, que através de uma visão pessoal e/ou profissional contribuem para o desenvolvimento de Iniciativas Sociais e Comunitárias e que geram redes de Apoio Mutuo para os mesmos e para a comunidade de forma geral. Zambra nasce em 1995 através da necessidade de criar espaços de formação participativos e horizontais nos quais possam ser representadas todas as pessoas que se sentem reprimidas pelo sistema Capitalista e Heteropatriarcal e posiciona-se desde o sentido pela Luta Social e Comunitária, através do respeito por visões e vivências individuais, que procuram gerar ferramentas que contribuam para uma transformação positiva da sociedade atual.

A associação faz reuniões semanais nas quais foram delimitadas as tarefas da estagiária nos primeiros três meses, à parte dos dois projetos principais, referidos anteriormente. As quais consistiam em gerir as redes sociais Instagram e Twitter, elaborar cartearia necessária e criar t-shirts (Fig.18 e 19) com base nas frases indicadas. Os cartazes realizados foram, respetivamente, um cartaz de apoio ao 25 de novembro (Fig.16) e um afeto ao cine fórum “La Huella de La Desbandá” (Fig.17), que retrata os acontecimentos do massacre que ocorreu há 82 anos na rodovia que une Málaga a Almeria.



Figura 16 Cartaz contra a Violência



Figura 17 Cartaz Cineforum



Figura 18 T-shirt Desobedecer para ser Pessoa



Figura 19 T-shirt União

8.3.1. Huerta Dignidad

Iniciado em 2014, a *Huerta Dignidad* surge como um projeto de cariz comunitário que implementado na zona de *La Virreina*, em Málaga. A horta encontra-se localizada perto de um parque de convívio e surge com o intuito de criar uma relação de rede entre a comunidade do bairro, no qual qualquer pessoa pode contribuir no processo de aprendizagem/ensinamento que proporciona este espaço em todos os aspetos da agricultura. Uma horta com aproximadamente seis anos, mas com um número elevado de batalhas conseguidas, entre as quais a marginalização consecutiva das pessoas que vivem perto – tendo que ser reconstituída pelas pessoas que gerem a horta. Atualmente, enfrentou uma luta durante aproximadamente três meses uma vez que a junta lhes retirou a água por questões de suspeita de contaminação da fonte de proveniência (poços), bem como a necessidade de apoio em equipamento.

Em meados de janeiro retoma um velho hábito de convivência, designado “Rimas & Ramas” que consiste num dia em que se convida um/a poeta/poetisa e se convida a comunidade de forma geral, bem como se reparte o cartaz (Fig.20, disponível em apêndice) com o respetivo evento, que também foi elaborado pela estagiária.



Figura 20 Cartaz Rimas & Ramas

Capítulo IV

9. Experiência de Estágio

Zambra é um coletivo onde os corações são puros e a vontade de lutar contra todo o tipo de repressão social é muito evidente. Apesar de ser composta por um grupo de pessoas que têm que lidar com os seus próprios problemas individuais, a preocupação com o bem-estar e a transformação social está sempre presente. Durante os 9 meses de estágio que me permiti vivenciar em Málaga nunca vi o grupo dizer que não a alguém que lhes viesse apresentar um problema, mesmo que este não estivesse dentro dos temas de debate do coletivo.

Ainda que, como já referi, este ano o coletivo estivesse mais focado no apoio mútuo e nos problemas individuais de cariz alargado (possibilidade de dois dos membros ficarem sem casa, necessidade de terapia por esgotamento psicológico, entre outros problemas de cariz menos urgente que iam surgindo pelo meio) nunca estivemos parados. Pude protagonizar o projeto no I.E.S. *Sierra Bermeja*, participei ativamente me movimentos contra o despejo habitacional, convivi de perto com o processo da *Karakol*, participei no 8 de março e pude ver e experienciar de perto o que é viver em condições de precariedade que ainda se tornaram mais evidentes com o aparecimento do Covid-19, mas já iremos a esse tema. O bairro de Palma-Palmilla é sujo, as ruas estão sujas, o lixo vive nos passeios e a maioria das pessoas que habitam aquele bairro vivem de prestações sociais, tem problemas afetos a dependências alcoólicas (entre outras), escolaridade baixa ou nenhuma e os que pertencem à etnia cigana ou muçulmana estão ligados a trabalhos não categorizados e considerados ilegais.

9.1. 8 de Março

O coletivo de Zambra participou na manifestação do feriado de 8 de março em parceria direta com o sindicato anarco-sindicalista CGT (Confederação Geral do Trabalho) de Espanha, que reuniu outras entidades e associações que exploram e lutam pelo feminismo. Este movimento apresenta uma rede demasiado ampla e que não poderia ser referida com toda a sua precisão, devido à vasta gama de grupos, associações e coletivos que estão ao serviço desta causa, contudo podem ser evidenciados aqueles que têm uma presença forte, os quais: *“La invisible”* – uma organização que apoia e gera diversos projetos e lutas feministas de natureza artística e recreativa, Café Feminista, AMZC - *Asociación de Mujeres en Zona de Conflicto*, entre inúmeras outras.

Claro que esta manifestação não é exclusiva destas associações, mas pertence a todas as mulheres e, portanto, acaba por ser um momento de união de todas as que vêm à rua para lutar pelas causas que lhes invadem a alma. Podemos ler tantas placas quantas cabeças presentes e ainda assim as mensagens vão espalhadas em muitos mais sítios, - nas roupas, no corpo, em mochilas, acessórios, e principalmente na voz. Cada grupo de mulheres que vai pode ir com um tema em concreto, mas quando as vozes se juntam, todos os temas são retratados e a imensa multidão acaba por se tornar uma só. Zambra foi com dois temas, Direito pela Habitação – Promoção à Campanha *“La Casa Karakol”* e Renta Básica das Iguais, sendo o primeiro o foco principal. Foi elaborada uma pancarta para cada tema (Fig.21). De forma individual, o grupo de mulheres de Zambra levou um avental com frases de lutas feministas escolhidas de forma individual (Fig.22 e 23).



Figura 21 Pancarta Renta Básica



Figura 22 Foto de Zambra na Marcha



Figura 23 Marcha 8M

As vozes de milhares de mulheres que preencheram as ruas de Málaga no dia 8 de Março de 2020 juntaram-se para cantar algumas canções e frases de luta feminista, fazendo com que toda a cidade sentisse o calor, a força e o sentido de cada palavra. Deixo aqui exemplos escritos, que bebem da energia desse dia.

Curiosidade: El Coño Insumiso de Málaga é uma forma de expressão artística que contém em si várias interpretações, no entanto consiste na representação da Virgem Maria através de uma Vagina e por esse motivo os Advogados Cristãos têm levado a tribunal várias feministas que levam o Coño Insumiso às costas em manifestações, acusando-as de denegrir a imagem da Igreja e dos seus crentes.

Bella Ciao

Esta mañana Me he dado cuenta Que hay que luchar,

Que luchar, que luchaaar.

Esta mañana, He decidido, Derrocar al capital.

No somos veinte Somos legiones Seremos más

Miles más, miles más

Más, más Hombro con hombro Unas con otras

Nos vamos a libertar

Oh compañera Me voy contigo

Al patriarcado haremos Caeer

Oh compañera, Me voy contigo Feminista quiero ser

¡La revolución será feminista o no

será!

9.2. Mudança de Realidade: Covid-19

A brutalidade do aparecimento do Covid-19 tal e qual o experienciámos obrigou a estagiária a prolongar o seu período de estágio para mais três meses. No início era o pânico, ninguém saía de casa, todas as pessoas estavam a ser controladas em bairros, a polícia passava de 5 em 5 minutos pela rua, controlando o cumprimento do isolamento social, não se podia sair de um bairro para o outro a não ser que fosse para ir ao hipermercado e as pessoas estavam a ser vigiadas por drones e controle de cartão SIM do telemóvel.

Foi um momento de recolha geral em que o mundo se permitiu respirar fundo e sentar no sofá por um momento, diminui a poluição atmosférica, os animais saíam mais nas zonas urbanas e não se ouvia barulho praticamente nenhum nas ruas de Málaga que costumavam ser mais barulhentas que um festival de Heavy Metal, mas mais importante que isso: os despejos habitacionais foram suspensos durante o primeiro confinamento o que permitiu ao Say, inclino da *Karakol*, repensar o seu plano de defesa habitacional. Málaga uniu-se e aplaudia diariamente os profissionais de saúde, em quase todas as varandas podíamos encontrar a bandeira de Espanha e nas janelas o típico arco-íris de vai ficar tudo bem (fig.24 e fig.25). Paralelamente a este “paraíso” que o vírus veio trazer, consequências negativas também se fizeram notar, ao que parece existiram despejos ilegais, principalmente dentro do bairro, entre as próprias pessoas (nada a ver com o Estado), muita gente ficou sem casa, muita gente foi despedida e diariamente nos batiam à porta para pedir ou abrigo ou comida (fig.26), pessoas com situações de vida precárias e até mesmo pessoas que se tinham mudado para a cidade à pouco tempo e não traziam consigo qualquer tipo de documentação que lhes permitisse aceder aos direitos básicos de alimentação. Por esse mesmo motivo, e sendo que o grupo continuava a realizar reuniões online através do jitsi meet, Zambra decidiu fazer um Guia de Recursos para o bairro de Palma-Palmilla que reunisse os serviços aos quais as pessoas se podiam dirigir em caso de carência alimentária, higiénica ou habitacional, entre outras (disponível em apêndice XXXII).

De não ter como se sustentar abriram-se bares de *take.away* ilegais, começaram a existir mais e mais ocorrências de abuso policial, as ruas estavam sujas, entregues ao abandono, muitos animais foram expulsos de casa. Quando saíamos para ir ao hipermercado não havia ninguém sem luvas e sem máscara e caso alguém passasse 1cm mais perto de outra pessoa do que o que era determinado era recriminado com olhares de desaprovação. No primeiro mês acabou-se o stock do papel higiénico, no segundo mês o stock de cerveja e no terceiro mês o stock de vinho. O mundo estava a acabar e ninguém sabia explicar nem o porquê nem quando iria acalmar. O que é certo é que se realizaram obras públicas sem o consentimento nem conhecimento da população e, como esta,

outras ilegalidades ocultas que foram escondidas pelas cortinas das nossas salas que serviam de filtro contra o Covid-19 e as suas mil estirpes.

Foi lançado, pouco antes do primeiro desconfinamento o IMV - Ingresso Mínimo Vital que consiste num subsídio, originalmente pensado para apoiar as mães solteiras, mas que devido ao sucedido se estendeu ao resto da sociedade, criando assim 14 tipos de família nos quais o indivíduo que recorresse poderia estar inserido, no entanto se a pessoa tiver entre 18 e 21 anos não pode aceder a ele (para evitar a emancipação dos jovens, e se tiver +65 também não, deixando idosos à margem. Outro se não, é que dentro de um tempo determinada a pessoa que recorreu a este subsídio é obrigada a encontrar emprego, ou caso contrário terá que devolver esse dinheiro ao Estado.

Seguem-se algumas imagens da altura pandémica para que se possa sentir através dos registos gráficos, como era estar em Málaga durante o primeiro confinamento.



Figura 24 Janela "Tudo vai ficar bem"



Figura 25 Bandeira Espanhola



Figura 26 Pessoas na fila para o Banco Alimentar

10. Conclusões Gerais

Relativamente ao objetivo principal, definido no início deste projeto, que pretendia observar de que forma os elementos gráficos poderiam contribuir para a consciencialização da temática “Masculinidades Tóxicas”, podemos concluir de forma clara que a utilização dos mesmos potencializa uma aprendizagem mais rápida e uma maior capacidade de foco para um período de tempo mais alargado, uma vez que as atividades realizadas no Instituto *Sierra Bermeja*, alcançaram durações entre os 45 minutos e uma hora e meia e, ainda assim, os alunos mantinham o foco derivado às dinâmicas de grupo e à inserção de elementos visuais estimulantes, como o caso dos cartazes e dos cartões de representação e da atividade “Eu, Tu e os Valores Morais” identificadas acima.

Já quanto a objetivos específicos, podemos verificar que foi possível gerar e produzir conhecimento fiável e acessível a todos os indivíduos independentemente de questões raciais, de género, educação e faixa etária sobre os conceitos afetos à masculinidade tóxica, feminismo e igualdade de género, sendo que a turma de alunos do Instituto *Sierra Bermeja* era composta por um leque variado de alunos, entre os quais indivíduos de étnia, indivíduos com carências económicas e ainda pertencentes à comunidade LGBTQIA+.

Outra percepção importante revelada ao longo do tempo de estágio, encontra-se diretamente relacionada com a identificação de contributos do/e para o Design – mais especificamente sobre a eficácia dos elementos visuais perante a temática e respetiva compreensão e repercussão na área social e na área do design, os quais: maior duração no tempo de concentração dos envolvidos, maior facilidade em interpretar o contexto dos temas que estão a ser abordados, maior empenho e desempenho na realização das atividades, efeito estimulante (uma vez que se notava no início de cada atividade a excitação por parte dos alunos por saber que iríamos iniciar uma nova atividade), naturalidade na transmissão e partilha de conhecimento (pois em todas as atividades os alunos interagem diretamente uns com os outros e com a estagiária e a própria utilização dos elementos visuais potenciava uma sensação de maior naturalidade, como se estivessemos a aprender entre amigos, ainda que com uma certa formalidade) e maior facilidade na desconstrução de ideias pré-concebidas, como por exemplo quando os alunos identificam que os comportamentos machistas não afetam apenas as mulheres, mas também o próprio grupo masculino, mesmo que formem parte da maioria “homem branco ocidental”.

Apoiando-me no que acabo de referir acima, é ainda possível confirmar a eficácia das metodologias escolhidas para a composição deste documento quando aplicadas na vida real. Ainda que a maioria tenha sido conduzida por uma metodologia primária, a intervencionista, todas as outras se revelaram extremamente ricas, começando por mencionar a metodologia mista que permitiu avaliar cada aluno de forma individual e, simultaneamente a turma enquanto

grupo, posteriormente o inquérito por questionário que ajudou a perceber qual o nível de conhecimento dos alunos dos temas que iriam ser abordados e terminando no *focus group*, que se revelou uma metodologia extremamente útil para trocar informação, ideias, conceitos, debater e elaborar pensamentos de uma forma natural, original e flexível.

Através das atividades realizadas no Instituto *Sierra Bermeja*, foi possível responder a problemas reais existentes e contribuir para a resolução dos mesmos através da utilização de elementos visuais representativos do homem e da mulher que se entrecruzam com construtos sociais. Um exemplo perfeito, é a atividade “Cara ou Coroa” na qual é desmistificado a existência de apenas duas vertentes da violência (a física e a psicológica) e percebendo que para além dessas duas existem mais quatro que podem ser consideradas pilares do tema, como a violência sexual, verbal, emocional e económica e que a violência é exercida em todos os géneros e também para além dos relacionamentos amorosos, utilizando cartões que continham mini-guiões para que os alunos pudessem representar e tentar colocar-se no cerne da questão. Outro exemplo é também a atividade dos “Três Homens” na qual imagem de fundo de cada cartaz foi colocada propositadamente em maior destaque que o texto para que haja uma primeira história a ser contada de forma imediata, antes de serem lidas as palavras, desta forma foi mais fácil interpretar e debater os tópicos, pois uma primeira informação já tinha sido assimilada de forma inconsciente. No caso do cartaz 1 a simples mensagem do homem “comum” e em como é tão fácil normalizar comportamentos apenas por isso, no cartaz 2 a representação da violência através de uma imagem de militares que já transmite inconscientemente a mensagem da forma como a violência é passada de geração em geração, desmedidamente e sem necessidade e como é tão facilmente aceite e justificada e o cartaz 3 no qual a imagem principal cria um choque de realidade, demonstrando o conforto e poder que um homem pode ter quando se permite ser quem é e, como isso pode ameaçar as masculinidades comuns. Esta atividade permitiu ainda, explorar o modo como foram interpretados os elementos visuais e a eficácia na transmissão imediata de informação sem o uso de vocabulário num primeiro e rápido contacto, bem como ofereceu a possibilidade de a estagiária poder retirar conclusões da exposição e utilização desses mesmos elementos visuais.

No que diz respeito à forma como a sociedade está mais ou menos preparada para este tipo de intervenção, através da realização de um *focus group*, como já acabei por referir acima depois da experiência no Instituto *Sierra Bermeja*, não só se encontra preparada e apta a desenvolver de forma exponencial os conceitos abordados como foi possível observar que já estamos perante uma geração que possui conhecimentos assentes numa mentalidade aberta ao e às decisões do

próximo, ainda que o comportamento e os valores individuais possam não corresponder à teoria.

O horizonte amplo resultante tanto da experiência terrena de estágio, quanto da experiência pessoal originou um claro interesse pelas questões de desenvolvimento pessoal e, por consequência, pelo desenvolvimento da comunidade. Quero com isto dizer que, o facto de ter explorado elementos gráficos, como os cartazes, com os alunos do Instituto Sierra Bermeja, proporcionou a aquisição e transmissão de conhecimento que está no coletivo pessoal, ativando pré-conceitos outrora enraizados nos alunos de forma individual e grupal, o que acabou por ficar nítido no debate do fim da sessão.

A atividade dos valores morais permitiu trabalhar uma vertente de desenvolvimento pessoal de uma forma mais direta e envolvendo todos os alunos da turma em simultâneo. O cariz descontraído com que atividade foi realizada, bem como o facto de cada um ter que partilhar questões profundas e ligeiramente mais íntimas das suas próprias personalidades e condutas de ética, permitiu uma dedicação afincada das partes e um interesse sincero no desenrolar e debate final da atividade.

Não seria possível realizar atividades e elaborar elementos visuais que provoquem um efeito imediato tão eficiente se não fosse o conhecimento fornecido pela fundamentação teórica, acabando por reduzir a margem de erro e aumentar a eficácia no projeto de design através de fundamentação teórica.

Se compararmos as conclusões anteriormente observadas com a fundamentação teórica, a masculinidade tóxica que acaba também por abraçar o tema do feminismo e da homossexualidade, ressalta, na ótica da estagiária o confronto que existe entre a educação, a consciência e a realidade, pois a teoria está na ponta da língua no entanto a empatia de reconhecer um outro corpo, um outro ser como tal independentemente das suas características físicas e psicológicas ainda não é uma prática comum, o que faz com que o desenvolvimento de empatia pelas necessidades do próximo também seja uma prática difícil. De uma forma mais explícita, se ainda temos confrontos com primeiras impressões e dificuldade em aceitar os outros tal e qual como são, isso dificulta a empatia e tentativa de entendimento ou interesse pelas necessidades do próximo seja em que âmbito for.

A par, o processo de evolução pessoal bebeu de várias fontes de conhecimento e de experiências que foram possíveis de vivenciar pela estagiária durante o período em que esteve em Málaga. O facto de ter estado em contacto direto com carências sociais, uma vez que vivia num dos bairros sociais mais marginalizados de Málaga, no qual convergem diversas etnias e distintos graus de criminalidade, potenciou a participação do Design enquanto ferramenta de comunicação e auxílio na altura da pandemia, uma vez que se elaborou um diagrama com diversos contactos de associações e grupos de apoio à alimentação e habitação,

disponibilizando o acesso para aqueles que o necessitavam, - pois o estado tornou-se tão caótico que alguns senhorios do bairro chegaram ao ponto de expulsar inquilinos, para alugar a pessoas com mais capacidades económicas e sendo que o Banco Alimentar (principal fonte de alimento da maioria das pessoas do bairro) estava a ficar sem recursos para a quantidade de pessoas que chegavam naquela altura de aflição. Quanto ao lado pessoal, viver num apartamento inserido nesse ambiente, foi uma das coisas que tornou a experiência riquíssima. Viver com pouco mas viver feliz, um lema, diria. Neste tipo de atmosfera, sente-se a bruta necessidade de sermos em equipa. A individualidade desmorona-se e a força da união faz-se ouvir, em todos os sentidos: económico, emocional, psicológico, ambiental, habitacional, alimentar, etc. Recordo-me de vários episódios que posso partilhar, como por exemplo:

- reaproveitar sofás encontrados no desperdício, levá-los em conjunto para o piso e limpá-lo e desinfetá-lo;
- haver semanalmente almoços comunitários, no qual cada elemento de zambra partilhava comida e assuntos individuais e/ou sobre o coletivo;
- a união do grupo com outros coletivos na defesa da habitação;
- o esforço de todas as partes do coletivo (e coletivos vizinhos) no momento de defender a Karakol, no qual foram feitas inúmeras reuniões para criar redes de apoio e definir estratégias, cujas inúmeras horas de sono foram sucumbidas pelo medo de que o colega perdesse o único teto que lhe dava abrigo;
- os incontáveis convívios com diversos coletivos de várias partes de Espanha, nos encontros de Baladre, nos quais eram comuns as partilhas de várias entidades de apoios e defesas sociais.

No entanto, apesar da união proporcionada as carências são marcantes, o bairro não dispunha de muitos recursos e todos (como mercearias, restaurantes, etc.) não dispunham de produtos de qualidade, o que afeta diretamente a saúde da população que habita no bairro.

Pode também evidenciar-se o contributo do Design Gráfico para o coletivo de Zambra, na medida em que permitiu uma aproximação do coletivo e do Instituto Sierra Bermeja, tal como fortalecer a relação que já existia, resultado do trabalho desenvolvido pela estagiária e da interação da mesma e do Design com os alunos do Instituto. A não esquecer, da disponibilidade das ferramentas gráficas que poderão ser utilizadas pelo coletivo doravante, tanto neste Instituto como em qualquer momento que o coletivo interprete ser pertinente (sendo que só fará sentido em discussões sobre géneros, feminismo e masculinidades), no entanto poderá ser adaptado a outros temas se assim for necessário. A ressaltar que os elementos elaborados pela estagiária para a realização deste projeto, não se

aplicam a todas as culturas, tendo sido especialmente pensado para a comunidade de Espanha e podendo ser alargada a outras comunidades europeias cujo público-alvo apresente características semelhantes. Para além deste projeto, onde o Design Gráfico pôde prestar ainda mais o seu contributo foi, sem dúvida, no Projeto “La Casa Karakol”, no qual foram desenvolvidas marcas gráficas, panfletos, cartazes, artes gráficas para o instagram, tal como ferramentas elaboradas manualmente, mas baseadas na arte gráfica, dando exposição ao tema de forma apelativa e, permitindo chegar a mais gente, dando uma cor diferente à Voz da Karakol.

Para concluir, todas a experiência de Málaga proporcionou uma profunda reflexão sobre o que é ser individual e o que é ser uno com o mundo. Não me parece possível refletir em conjunto sem primeiro refletir em privado, sem primeiro nos conhecermos a nós próprios, sem primeiro conhecermos os nossos medos, falhas e pré-conceitos, pois tudo o que for trabalhado a partir da ignorância acabará por ser respondido na mesma moeda: com ignorância. Nenhum mundo, nem nenhuma realidade poderão ser corretamente servidas desta forma. Só regando a nossa planta em primeiro, poderemos ajudar a regar a planta do outro e aí, sim, alcançar o jardim de sonho. Para mim, o primeiro passo de resolução de qualquer problema, é olhar para dentro, perceber que que fibras é feita a nossa carne, que estruturas estão em falha e como nos podemos fortalecer de tal forma a que a nossa estratégia tenha uma base tão forte que possa ser passada aos demais. Só somos Uno se formos completos enquanto individuais primeiro.

11. Bibliografia

- Alves, B., M., & Pintanguy, J. (1981). O que é feminismo. (1ª ed.). Primeiros Passos, pp.9-10.
- Bacete, R. (2017). Nuevos Hombres Buenos. La masculinidad en la era del feminismo (1ª ed.). Barcelona: Península
- Berruto, G. 1974. La sociolinguística. Bolonha,Zanicchelli.
- Cassandre, M., Querol, M. & Bulgacov, Y. (2012). Metodologias Intervencionistas: Contribuição Teórico-metodológica dos Princípios Vigotskyanos para Pesquisa em Aprendizagem Organizacional. XXXVI Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro: setembro 2012.
- Campenhoudt, R. (2008). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Trajetos. Gradiva. Lisboa:2008.
- Faxtos, Representações e Desafios. Direção Geral de Saúde. Lisboa: 2008. P. 26.
- Ferreira, C., & Ribeiro, F. (2019). Masculinidades: uma análise sob a perspetiva interacionista-discursiva. Pp-1-15.
- Fidalgo, M., Meriono, A., A., Lizcano, R.,Z. & Herrero, Y. (2014). Renta Básica de las Iguales Y Feminismos. De la centralidad del empleo a la centralidad de la vida. Málaga, 2014.
- Findeli, A., Brouillet, D., Martin, S., Moineau, C. & Tarrago,R., (2008, Maio 30-31). Research Through Design and Transdisciplinarity: A Tentative Contribution to the Methodology of Design Research. Current Design Research Projects and Methods, pp.76-78.
- Fraser, C. 1978. Communication in Interaction, in H. Tajfel e C. Fraser (comp.), Introducing Social Psychology, Harmondsworth, Penguin.
- Garcí, A., A., Nieto, P., A., Díaz, J., P., Fariñas, D., R., García, A., A., & Rodríguez, R., P. (2019). Informes. Envejecimiento en red. Pp.32-35.
- Herrera, C. (2019). Hombres que ya no se hacen sufrir por amor. Transformando las masculinidades. Madrid:Catarata.
- Huyghe, R. (1998). O Poder da Imagem. Arte & Comunicação. Edições 70. Lisboa: 1998.
- KIMMEL, M.S (1994). Homofobia, Temor, Vergüenza y Silencio en la Identidad Masculina. In: VALDÉS, T. & OLAVARRIA, J. (orgs). Masculinidades: poder y crisis. Chile, ed. Isis International e Flacso, nº24, 1997. (ediciones de las mujeres)

- Januário, S., B. (2016). Masculinidades em (re)construção: Gênero, Corpo e Publicidade. Universidade da Beira Interior, Covilhã. Pp. 23-271.
- Kaufman, M. (1999). The Seven P's of Men's Violence. Pp.1-5.
- Keating, J. & Veloso, I. (2014). Focus Group: Considerações teóricas e metodológicas.
- Revista Lusófona de Educação. Lisboa: 2014.
- Lacerda, A. (2009). Estrutura de Investigação. Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa:2009.
- Larajeira, A., Marques, A., Soares, C. & Prazeres, V. (2008). SAUDE, SEXO E GENERO.
- Martins, F., Pereira, S., C., São João, P. & Monteiro, E., C. (2015). Manual de Formação "É de Género?" - Igualdade de Género, Diversidade e Cidadania Global. Santa Maria da Feira: Rosto Solidário.
- Nunes, A., B., & Branco, A., U. (2007, dezembro). DESENVOLVIMENTO MORAL: NOVAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE. Curitiba, p.415.
- Oliveira, A. (1969). Feminismo. Lisboa: Verbo.
- Rodgers, P. (2015, July). Designing with people living with dementia. In K. Christer (Ed.) Proceedings of the 3rd European Conference on Design4Health, Sheffield. Sheffield Hallam University: Sheffield.
- Saffioti, H., Bongiovani, I. (2007). Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Salazar, O. (2018). El Hombre que no deberíamos ser. La revolución masculina que tantas mujeres llevan siglos esperando (3ªed.).Barcelona: Planeta.
- Sanders, B. N., & Stappers, P. J. (2008). Co-creation and the new landscapes of design. Co-design, 4(1), 5-18.
- SCAVONE, L. (2011) Masculinidade no limiar de uma nova era. In História Ciências Saúde-Manguinhos. Universidade Estadual Paulista/Campus Araraquara. P. 269-272.
- Souleles, N. (2017, April 12-14). Design for social change and design education: Social challenges versus teacher centred pedagogies. Design for Next, pp.3-8.

Webgrafia

- APAV. (2020). Apoio a crianças e jovens vítimas de violência sexual. Consultado em janeiro 5, 2020 em: https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_CARE_2016_2019.pdf

12. Anexos

Anexo I

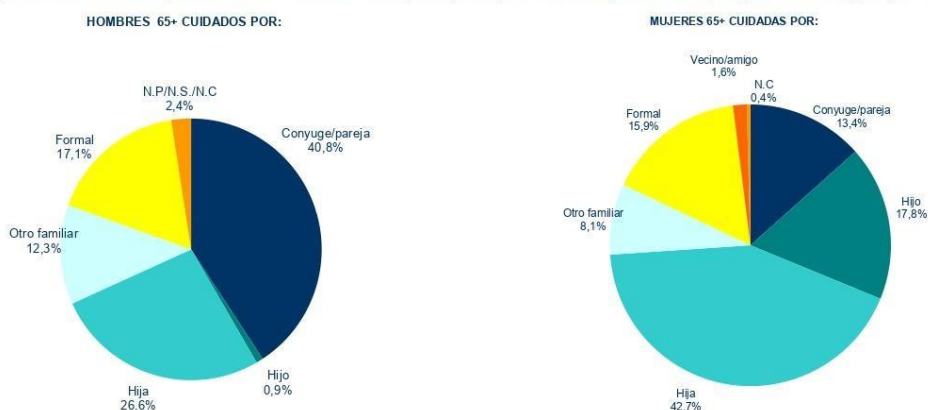
EnR?

Envejecimiento en red

Un perfil de las personas mayores en España, 2019

La persona que cuida de los hombres mayores que necesitan ayuda es fundamentalmente su cónyuge, seguida de su hija. En el caso de las mujeres mayores que necesitan ayuda se invierte el orden, son las hijas las que se hacen cargo de los cuidados más frecuentemente, seguidas de otros familiares y amigos (Figura 4.5). Por tanto, la hija de edad intermedia suele ser el pilar del cuidado en España.

Figura 4.5 Distribución porcentual de los cuidadores principales por sexo de la persona mayor que necesita ayuda, 2004

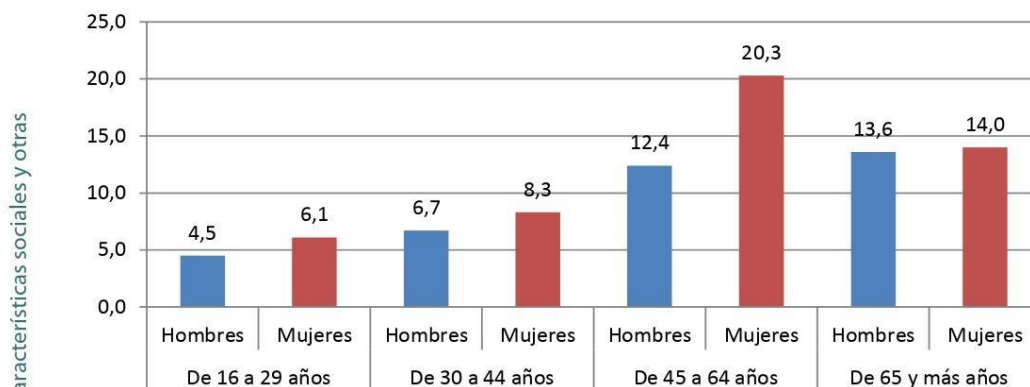


Fuente: Encuesta 3009, CIS, 2014

Sin embargo, en la Encuesta de condiciones de vida (ECV) ya aparece una nueva tendencia: los hombres mayores cuidan en proporciones crecientes. Según el módulo de 2016 sobre cuidado, el 13,6% de los hombres mayores cuidan de personas dependientes; también lo hace el 14,0% de las

mujeres (Figura 4.6), que en cifras absolutas suponen mayoría en el total de cuidadores de estas edades. Y las personas mayores, hombres y mujeres, cuando cuidan lo hacen con alta dedicación horaria; más de dos tercios de ellos dedican más de 20 horas a la semana al cuidado (Figura 4.7).

Figura 4.6 Proporción de cuidadores de personas dependientes según sexo y edad, 2016



Fuente: INE: Encuesta de condiciones de vida, módulo 2016, acceso a los servicios.

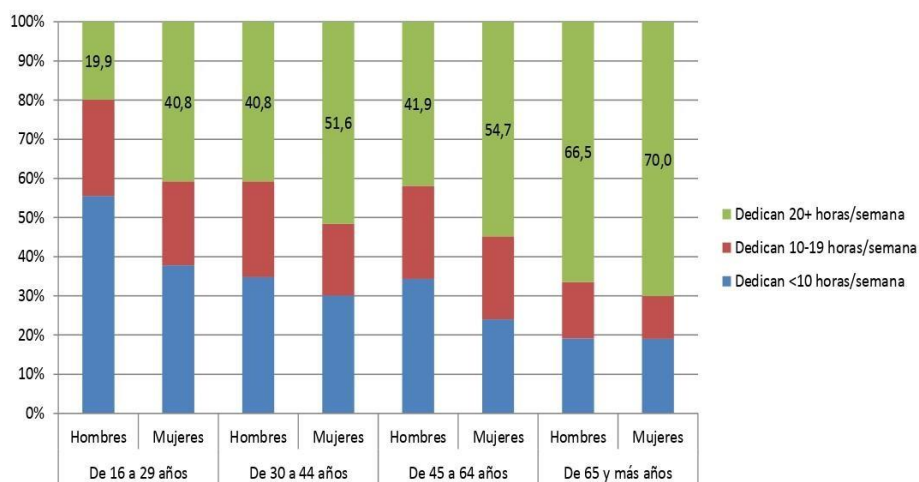
Anexo II

Un perfil de las personas mayores en España, 2019

EnR?
Envejecimiento en red



Figura 4.7 Intensidad del cuidado en horas de dedicación a la semana, por sexo y edad, 2016



Fuente: INE: Encuesta de condiciones de vida, módulo 2016, acceso a los servicios.

Residencias. En España hay 4,2 plazas de residencia por cada 100 personas mayores; en total, 366.633 plazas (2017), según la base de datos de residencias de Envejecimiento en Red, datos obtenidos por encuesta y vaciado de guías y registros autonómicos. Existe una gran dispersión en los valores de esta ratio: más alta en provincias

con mayor proporción de personas mayores (Figura 4.8). Se desconoce el nivel de ocupación, pero puede situarse entre el 75-80%, utilizando datos de población que vive en alojamientos colectivos/residencias (Censo de población, 2011), y de la citada base de residencias.

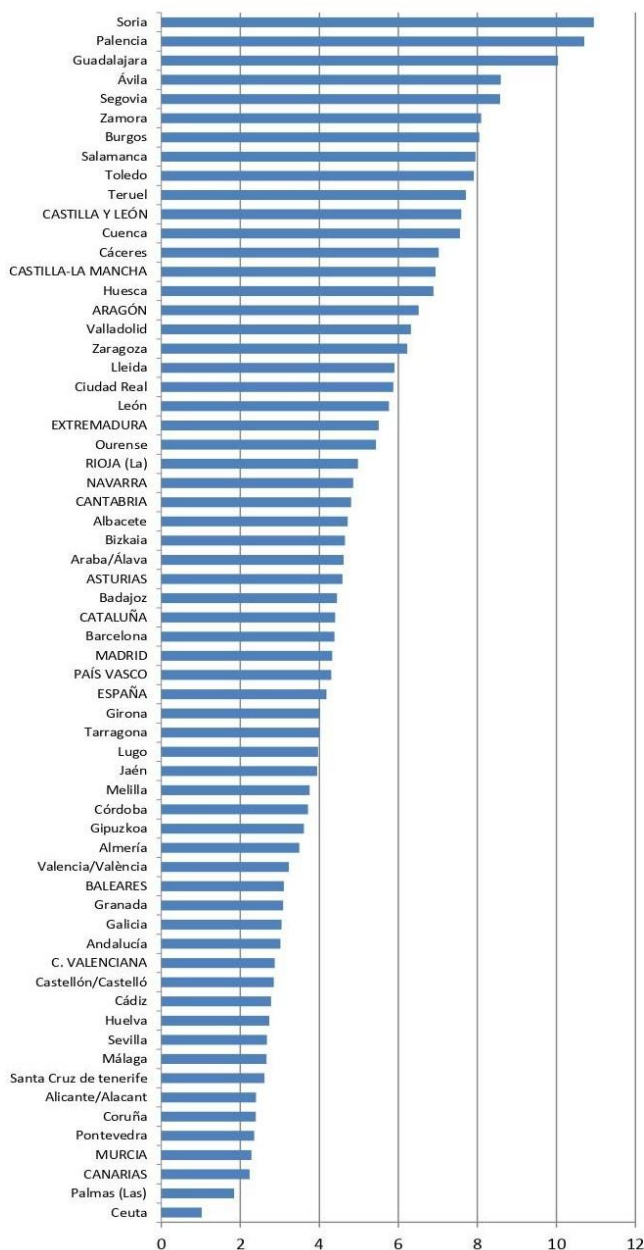
Anexo III

EnR?

Envejecimiento en red

Un perfil de las personas mayores en España, 2019

Figura 4.8 Ratio de plazas de residencias de la población de 65 y más años, por Comunidad autónoma y provincias, 2017



Fuente: Envejecimiento en Red, base de datos de residencias, 2017.
 Ratio: plazas por 100 habitantes de 65 y más años.

Anexo IV

Un perfil de las personas mayores en España, 2019

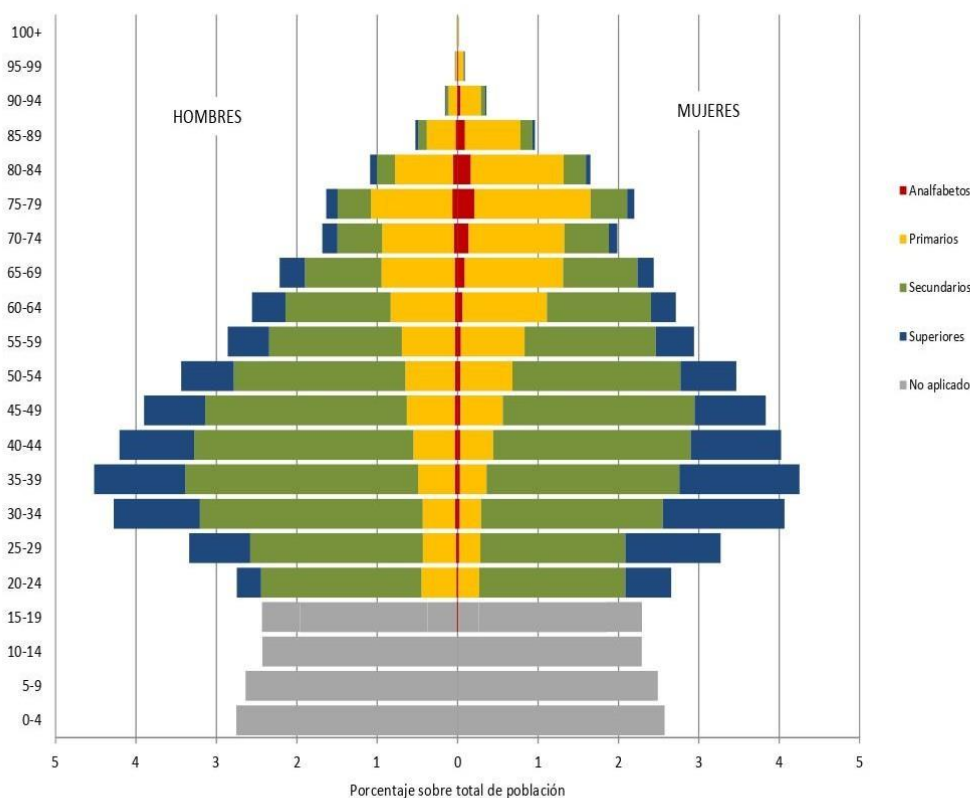
EnR?

Envejecimiento en red

El nivel de instrucción es más bajo cuanto más avanzada es la edad. Entre los mayores aún quedan importantes bolsas de analfabetismo y población sin estudios, que reflejan situaciones de escasez dotacional (escuelas, maestros) y condiciones de vida y desarrollo que no les permitieron entrar o seguir en el sistema educativo (Figura 4.9). No obstante, en los últimos 40 años ha habido un cambio notable en el nivel educativo de las personas

mayores, con reducción del analfabetismo (mejora de las políticas educativas, y por extinción biológica de las generaciones más antiguas con peor nivel de instrucción), y han aumentado los niveles de estudios secundarios y superiores (Figura 4.10). Las generaciones de jóvenes actuales son las más instruidas de la historia por lo que se asegura una vejez futura con mayor nivel educativo, con más recursos para afrontar situaciones problemáticas.

Figura 4.9 Pirámide de población por nivel de estudios, 2011



Fuente: INE: Censo de población 2011.

Nota: Estudios primarios incluye personas sin estudios; se representan aparte los analfabetos.

13. Apêndices

Apêndice I



CUESTIONARIO

Este cuestionario forma parte del 2º año de la Maestría en Diseño Gráfico en la Escuela de Artes Aplicadas del Instituto Politécnico de Castelo Branco que se desarrollará en el colectivo de Zimbra, para determinar las nociones básicas del término Masculinidades Tóxicas. Es anónimo y confidencial, y los datos se utilizarán únicamente con fines estadísticos.

Elementos de identificación

Género: Feminino Masculino Otro

Edad: 25 – II; 19 – IIIIII; 47 – I; 21 – III; 20 – IIIIII; 22 – II; 44 – I; 29 – I; 54 – I; 38 – I;

Barrio: _____

Curso: _____

1. Masculinidades Tóxicas

1.1. ¿Sabes lo qué son las Masculinidades Tóxicas?

Sí No

1.2. ¿Ya conocías este término de Masculinidad Tóxica?

Sí No

1.3. ¿Cuál de las siguientes oraciones podría explicar el término?

Que los hombres son tóxicos.

Son las características que se transmiten culturalmente a los hombres en función de su género.

Que los hombres tienen comportamientos tóxicos.

Que hay comportamientos sexistas arraigados en la sociedad.

1.4. Selecciona tres características que un hombre debe tener:

Humorístico Atractivo Fuerte Emotivo Vallente Responsable
Atento Trabajador Empático

1.5. Los comportamientos sexistas afectan:

Hombres() Mujeres() Los dos() La sociedade en general

¡Gracias por participar!

Apêndice II

OBJETIVO:

Conocerme mejor a mí mismo y a los que me rodean, tratando de identificar a la persona y al profesional en el que quiero convertirme, con absoluta sinceridad.

REGLAS

- 1** Los siguientes valores deben estar presentes en todo el juego: sinceridad, espíritu de participación activa, disposición a la evolución personal y social.
- 2** Todos los participantes se sentarán en el piso en círculo.
- 3** En el centro de la rueda habrá una baraja de cartas.
- 4** La persona que comienza el juego es elegida por el facilitador al azar.
- 5** El participante que comienza el juego elegirá a otro participante con el que tenga poca afinidad. Él va al centro y pregunta a la persona elegida de acuerdo con lo que está escrito en la carta que tomó.
- 6** El encuestado que responde es el siguiente en robar una carta. No se pueden hacer preguntas a las mismas personas a menos que todos hayan respondido una pregunta.
- 7** Cada uno tiene una hoja con los números de las preguntas que saldrán durante el juego y todos individualmente tendrán que responderlas.
- 8** Todos pueden dar su opinión de manera pertinente y respetando el turno del otro.

Apêndice III

QUESTIONES

- 1**
- 2**
- 3**
- 4**
- 5**
- 6**
- 7**
- 8**
- 9**
- 10**
- 11**
- 12**
- 13**
- 14**
- 15**
- 16**
- 17**

Apêndice IV

- 18**
- 19**
- 20**
- 21**
- 22**
- 23**
- 24**
- 25**
- 26**

conclusiones

Apêndice V

PERGUNTAS DE CONCLUSIÓN:

- Que cosas nuevas crees que has aprendido en esta dinamica sobre ti?
Y sobre los demas?
- Como crees que puedes ser más honesta contigo misma a partir de hoy?
- Que cosas de ti crees que aportas a los demás?
- Que necesitas que te aporten los demas?

Apêndice VI

CONSEJOS PARA CUIDARTE

Por una semana:

-Despierta y di "Buenos días" en voz alta.

-Mírate en el espejo mientras te preparas y dices cosas hermosas (por ejemplo, me amo a mí mismo, soy fuerte, obtengo todo lo que quiero lograr, no soy perfecto y lo acepto, etc.).

-Siempre que vayas a algún lugar, saluda a las personas con una amplia sonrisa, ya sean de tu familia, tu maestro, tus colegas o un funcionario público.

-Cuida tu apariencia física durante la semana (por ejemplo, cuida la piel, la comida, elige la ropa que usaré el día anterior, mira una película y relajate, etc.)

-Si hay alguien a tu alrededor que se siente mal, incluso si no te es próximo, trata de ayudar lo mejor que puedas, incluso si eso solo significa escuchar. Ponte en el lugar de otro (ser empático) sin imponer tus valores.

-Intenta reflexionar sobre tus actitudes siempre que tengas un problema con alguien o con una situación en concreto.

EMPATÍA

nombre femenino

Participación afectiva de una persona en una realidad ajena a ella, generalmente en los sentimientos de otra persona.

Apêndice VII



Apêndice VIII

**¿ESTOY ACOSTUMBRADO A
HABLAR SOBRE MIS
INSEGURIDADES
Y DUDAS CON MIS
PADRES O AMIGOS?**

**¿PUEDO HABLAR SOBRE
MIS MIEDOS
CON FRECUENCIA?
(SI NO, ¿POR QUÉ NO?)**

**¿CUÁLES SON MIS
DEFECTOS Y MIS
VIRTUDES?**

**¿ME SINTO A GUSTO
CONMIGO
MISMO?**

**¿CÓMO CREO QUE DEBE
SER UN SER HUMANO?
(CARACTERÍSTICAS,
VALORES MORALES)**

**¿EN QUÉ SOCIEDAD
TE GUSTARÍA VIVIR?**

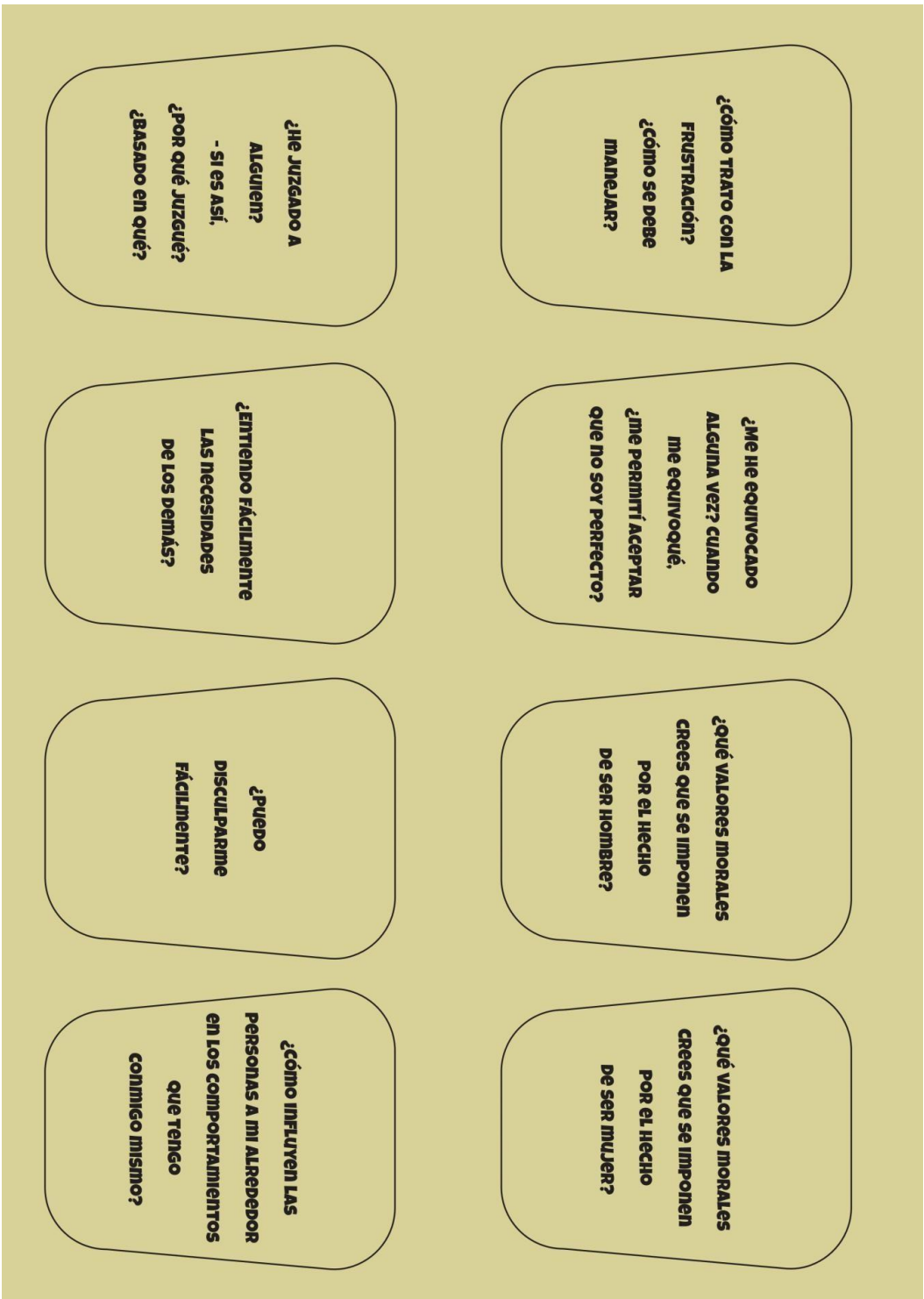
**¿CUÁL ES MI OPINIÓN SOBRE
LA SOCIEDAD ACTUAL?
¿CÓMO LA VEO Y CÓMO
ME SIENTO ACERCA DE ELLA?**

**¿PUEDO SER YO MISMO CON TODOS
O NECESITO TENER UN FILTRO
DEPENDIENDO DE LAS PERSONAS
CON LAS QUE TRATO A DIARIO?
SI TENGO UN FILTRO,
¿POR QUÉ LO TENGO?**

Apêndice IX



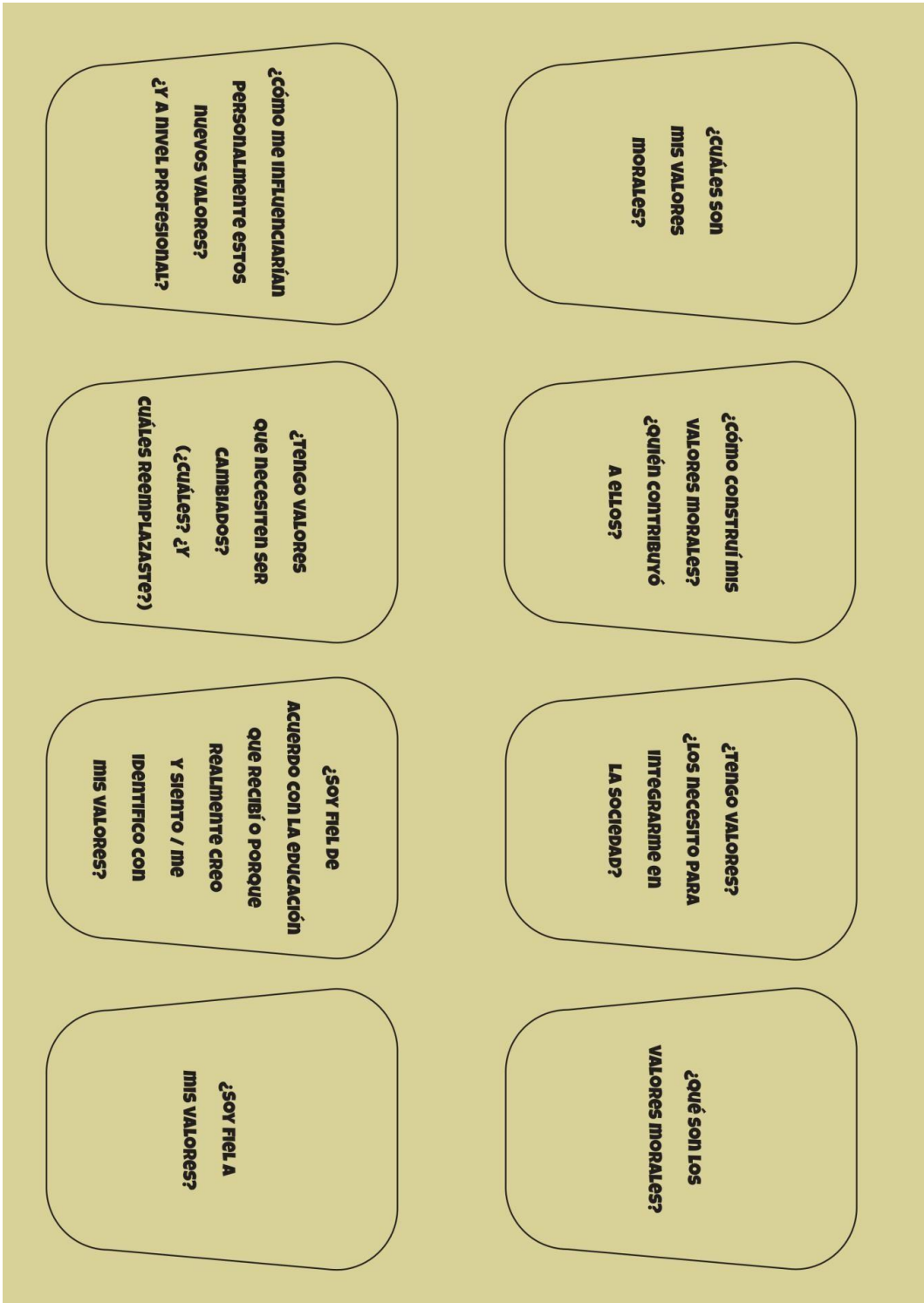
Apêndice X



Apêndice XI



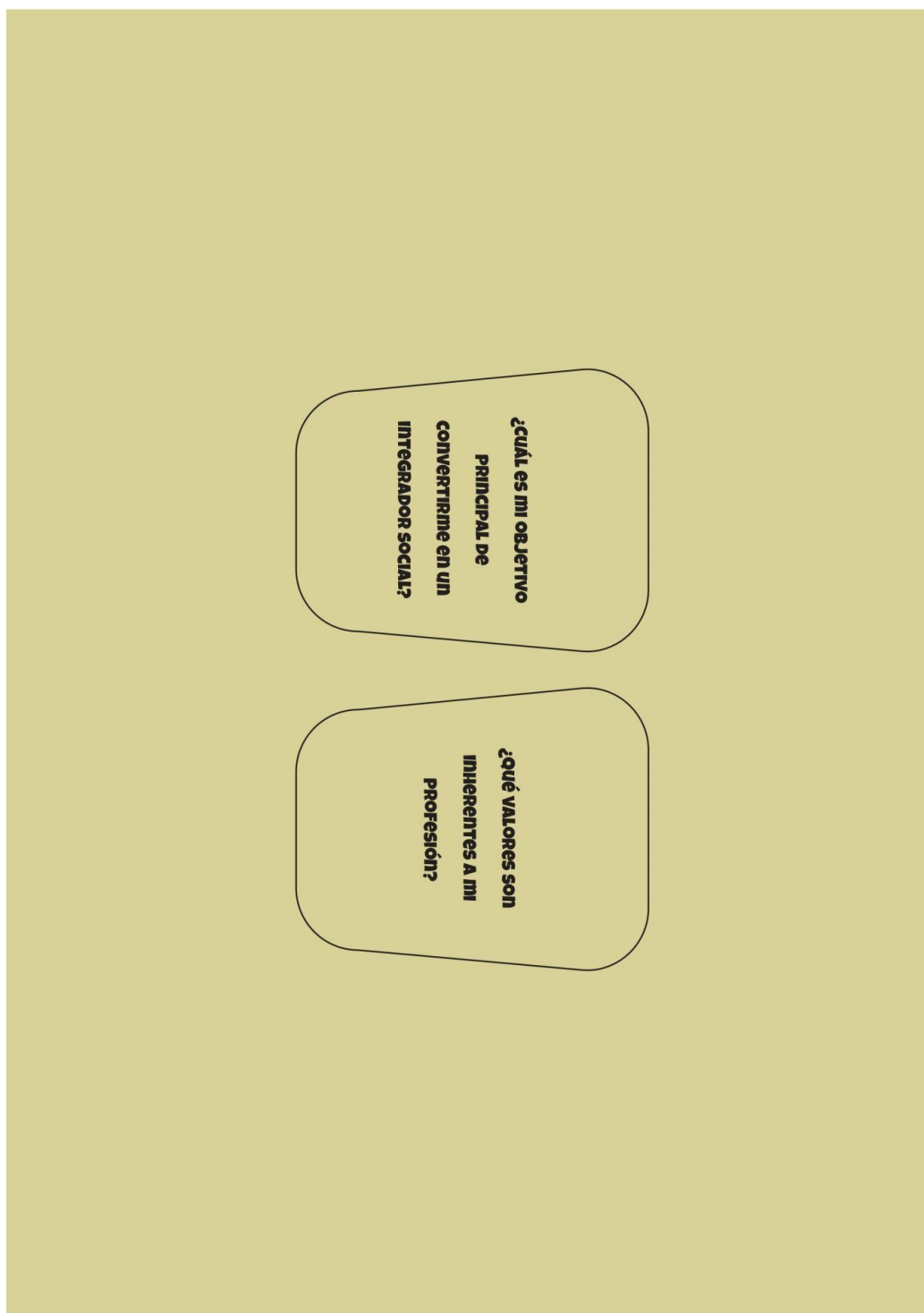
Apêndice XII



Apêndice XIII



Apêndice XIV

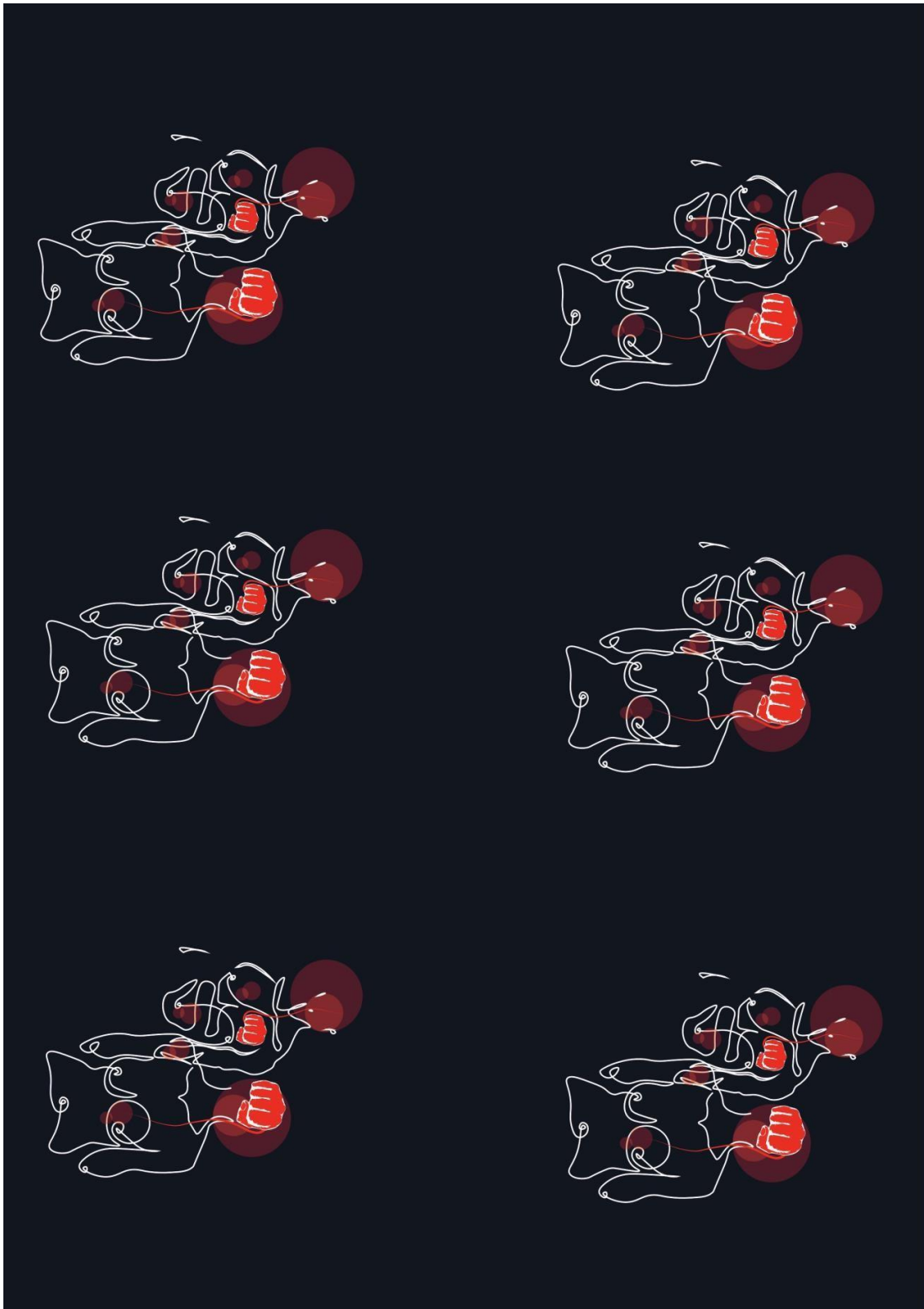


Apêndice XV

Tipos de Violencia

- > *Violencia Física:* es aquella en la que el hombre o la mujer sufren abuso físico, como puñetazos, quemaduras, mordeduras, agresiones con armas / objetos, patadas, escupir, etc.
- > *Violencia Psicológica:* Este tipo de violencia afecta la autoestima de la víctima, causando vergüenza a través de insultos, chantaje y amenazas.
- > *Violencia Sexual:* en este tipo de violencia, se requiere que la víctima participe en actos sexuales contra su voluntad, la llame prostituta, toques no deseados, se obligue a tener relaciones sexuales con otras personas, exija relaciones sexuales cuando la víctima está cansada, enferma o después de golpearlo, entre otros.
- > *Violencia Verbal:* generalmente se usa para molestar a otras personas, como insultar, decir nombres, hacer comentarios crueles, gritar, etc.
- > *Violencia Emocional:* generalmente se usa a través de la crítica de los sentimientos, derribar debido a defectos físicos, interrumpir al hablar, controlar y prohibir el uso del teléfono móvil, no prestar atención a las opiniones de la pareja, etc.
- > *Violencia Económica:* se usa al tomar dinero de una pareja, lo que obliga a la víctima a pedirle dinero al agresor e informarle, controlar los gastos, entre otros.

Apêndice XVI



Apêndice XVII



Apêndice XVIII

Cuestiones de Conclusion

¿En qué papel te sentiste mejor?

¿Observasteis rasgos comunes en el lenguaje verbal y no verbal de los perpetradores?

¿Observasteis rasgos comunes en el lenguaje verbal y no verbal de las víctimas?

¿Notaste alguna diferencia cuando los perpetradores eran hombres y las mujeres eran las víctimas? ¿Y viceversa?

*¿Qué representación llamó tu atención? Por qué
¿Cómo podríamos convertir esta situación en una situación no agresiva?*

Apêndice XIX



EL HOMBRE BLANCO OCCIDENTAL

“En la cultura de Tahití, los varones no temen actuar de un modo que los occidentales consideran afeminado. Por ejemplo, durante las danzas, los hombres adultos bailan juntos en estrecho contacto corporal, y la mayoría de los varones visitan a menudo al homosexual del poblado (el *mahu*). [...] Al *mahu* se le tiene un gran respeto; vive como las mujeres, baila y canta con ellas, tiene voz afeminada y entretiene a los hombres y a los muchachos ofreciéndoles sodomía y felaciones. La mayoría de los hombres tahitianos se relaciona abiertamente con el *mahu* sin que eso les cause ningún problema, y, además, suelen asumir el papel pasivo en las relaciones con el *mahu*. [...] El idioma tahitiano no expresa gramaticalmente el género. Los pronombres no indican el sexo del sujeto ni del objeto, y el género no desempeña ningún otro papel en la gramática. Casi todos los nombres propios tradicionales se dan tanto a las mujeres como a los varones. Tradicionalmente no cazan, ni tienen ocupaciones excesivamente peligrosas o agotadoras que se consideren masculinas. [...] La economía más que competitiva es cooperativa, pues las familias se ayudan entre sí. [...] Semai en Malasia, son una etnia pacífica. [...] uno de los aspectos más interesantes de la población semai es que la división sexual de las labores no se hace en virtud de preferencias y no de obligaciones o de prohibiciones. [...] Es decir, no hay reglas rígidas. Todos y todas pueden elegir hacer aquello que se sienten mejor dotados sin recibir crítica alguna.”

- Coral Herrera,
Hombres que ya no hacen sufrir por amor, 2019.

Foto de muratkaleroglu por Pixabay

Apêndice XX



EL HOMBRE HETERO- NORMATIVO

“La homofobia representa un problema que reencarna y ejemplifica el predominio del poder masculino así como los arraigados valores heterosexistas en nuestra sociedad, representa la transgresión de la visión binaria masculino-femenino y da cuenta del lugar que ocupa y el papel que juega la homosexualidad y los homosexuales en la producción y reproducción de una masculinidad dominante que ejerce un mayor poder con relación al resto de la población. La homofobia, vista a través de los crímenes a homosexuales, da cuenta de las consecuencias del androcentrismo y de los valores altamente masculinistas. Asimismo, visibiliza las relaciones de poder, no únicamente de los hombres hacia las mujeres, sino dentro de las diversas masculinidades.”

-Salvador Cruz Sierra, 2002

Foto de Matheus Suliman | @mthsuliman

Apêndice XXI



EL HOMBRE VIOLENTO

“Esa construcción «heroica» de la masculinidad, y que la cultura ha reproducido y reproduce constantemente, nos muestra cómo el varón necesita en ocasiones recurrir a la violencia para alcanzar o mantenerse en el poder, para restaurar el orden por él diseñado o, simplemente, para sancionar la sumisión de quienes deben admirarlo y obedecerlo. [...] Esto no quiere decir, lógicamente, que los varones seamos guerreros por naturaleza y las mujeres, naturalmente pacíficas. Lo que trato de explicar es que esa violencia, o su posible uso, está vinculada a una determinada construcción social y cultural de lo que implica ser hombre.”

-Octavio Salazar,
“El Hombre que no deberíamos ser”, 2018

Foto de Skeeze por Pixabay

Apêndice XXII



Apêndice XXIII

CASA KARAKOL, ESPACIO DE CUIDADOS

Desde lo más simple y cotidiano que es una casa, aunque ésta no siempre sea un hogar. En Palma Palmilla a paso lento, creamos comunidad, Casa Karakol forma parte del tejido vecinal del barrio, ¡Y QUEREMOS QUEDARNOS!

Banco Santander quiere desahuciarlos!
Acompáñanos a las calles para hacerle cambiar de opinión

CONVOCATORIAS

- Desde el 16 de marzo Escrache Diario en la Sede Central De 8 a 20h
- 18 de marzo 11h Concentración y Cacerolada
📍 (C/Armengual de la Mota 3) hasta el Alquiler Social.
- 14 de abril Juicio contra Casa Karakol 8.30h.
📍 Ciudad de la In-Justicia (Teatinos)

**NO SIN NUESTRO HOGAR,
CASA KARAKOL
SE QUEDA!**

"Porque seguimos sembrando el caos soñando con un mundo anárquico todo parece desértico"
GATA CATTANA

SIGUENOS EN NUESTRAS REDES

ZAMBRA

- 📧 @zambra_malaga
- 🌐 <https://www.facebook.com/zambradistribuidora/>
- 📱 @Zambraccion
- ✉ zambraainiciativas@gmail.com





"Porque seguimos sembrando el caos soñando con un mundo anárquico todo parece desértico"
GATA CATTANA

SIGUENOS EN NUESTRAS REDES

ZAMBRA

- 📧 zambraainiciativas@gmail.com
- 📱 @Zambraccion
- 🌐 <https://www.facebook.com/zambradistribuidora/>
- 📧 @zambra_malaga

**NO SIN NUESTRO HOGAR,
CASA KARAKOL
SE QUEDA!**

"Porque seguimos sembrando el caos soñando con un mundo anárquico todo parece desértico"
GATA CATTANA

SIGUENOS EN NUESTRAS REDES

ZAMBRA

- 📧 @zambra_malaga
- 🌐 <https://www.facebook.com/zambradistribuidora/>
- 📱 @Zambraccion
- ✉ zambraainiciativas@gmail.com





"Porque seguimos sembrando el caos soñando con un mundo anárquico todo parece desértico"
GATA CATTANA

SIGUENOS EN NUESTRAS REDES

ZAMBRA

- 📧 zambraainiciativas@gmail.com
- 📱 @Zambraccion
- 🌐 <https://www.facebook.com/zambradistribuidora/>
- 📧 @zambra_malaga

**NO SIN NUESTRO HOGAR,
CASA KARAKOL
SE QUEDA!**

"Porque seguimos sembrando el caos soñando con un mundo anárquico todo parece desértico"
GATA CATTANA

SIGUENOS EN NUESTRAS REDES

ZAMBRA

- 📧 @zambra_malaga
- 🌐 <https://www.facebook.com/zambradistribuidora/>
- 📱 @Zambraccion
- ✉ zambraainiciativas@gmail.com



CASA KARAKOL, ESPACIO DE CUIDADOS

Desde lo más simple y cotidiano que es una casa, aunque ésta no siempre sea un hogar. En Palma Palmilla a paso lento, creamos comunidad, Casa Karakol forma parte del tejido vecinal del barrio, ¡Y QUEREMOS QUEDARNOS!

Banco Santander quiere desahuciarlos!
Acompáñanos a las calles para hacerle cambiar de opinión

CONVOCATORIAS

- Desde el 16 de marzo Escrache Diario en la Sede Central De 8 a 20h
- 18 de marzo 11h Concentración y Cacerolada
📍 (C/Armengual de la Mota 3) hasta el Alquiler Social.
- 14 de abril Juicio contra Casa Karakol 8.30h.
📍 Ciudad de la In-Justicia (Teatinos)

**NO SIN NUESTRO HOGAR,
CASA KARAKOL
SE QUEDA!**

"Porque seguimos sembrando el caos soñando con un mundo anárquico todo parece desértico"
GATA CATTANA

SIGUENOS EN NUESTRAS REDES

ZAMBRA

- 📧 @zambra_malaga
- 🌐 <https://www.facebook.com/zambradistribuidora/>
- 📱 @Zambraccion
- ✉ zambraainiciativas@gmail.com





"Porque seguimos sembrando el caos soñando con un mundo anárquico todo parece desértico"
GATA CATTANA

SIGUENOS EN NUESTRAS REDES

ZAMBRA

- 📧 zambraainiciativas@gmail.com
- 📱 @Zambraccion
- 🌐 <https://www.facebook.com/zambradistribuidora/>
- 📧 @zambra_malaga

**NO SIN NUESTRO HOGAR,
CASA KARAKOL
SE QUEDA!**

"Porque seguimos sembrando el caos soñando con un mundo anárquico todo parece desértico"
GATA CATTANA

SIGUENOS EN NUESTRAS REDES

ZAMBRA

- 📧 @zambra_malaga
- 🌐 <https://www.facebook.com/zambradistribuidora/>
- 📱 @Zambraccion
- ✉ zambraainiciativas@gmail.com



Apêndice XXIV



Apêndice XXV

LA CASA KARAKOL

Estamos caminando lentamente para crear un espacio para la vida en la Palma Palmilla. Desde que fue recuperada de las garras de la Banca hace 4 años, en Casa Karakol han encontrado cuidados y cobijo cerca de 30 compañeras en emergencia habitacional.

Si nos tocan a una nos tocan a todas. El 14 de abril Juzgan a Say, activista de Zambra y secretario de Acción Social de CGT Andalucía, Ceuta y Melilla por ejercer su derecho a la vivienda mientras el Banco Santander se niega a negociar un alquiler social o cualquier tipo de solución.

Porque la banca casi siempre gana y no nos da la gana. No nos vamos a ir y menos en silencio.

Desde el día de 8h a 20h en la Sede Central Banco Santander Málaga, C/ Armengual de la Mota (Frente a El Corte Inglés)

11h: CONCENTRACION -CACEROLADA

SIGUENOS EN NUESTRAS REDES

ZAMBRA

@zambra_malaga

<https://www.facebook.com/zambramalaga/>

@Casakarakol

649 658 956 / 605 822 544



LA CASA KARAKOL

Estamos caminando lentamente para crear un espacio para la vida en la Palma Palmilla. Desde que fue recuperada de las garras de la Banca hace 4 años, en Casa Karakol han encontrado cuidados y cobijo cerca de 30 compañeras en emergencia habitacional.

Si nos tocan a una nos tocan a todas. El 14 de abril Juzgan a Say, activista de Zambra y secretario de Acción Social de CGT Andalucía, Ceuta y Melilla por ejercer su derecho a la vivienda mientras el Banco Santander se niega a negociar un alquiler social o cualquier tipo de solución.

Porque la banca casi siempre gana y no nos da la gana. No nos vamos a ir y menos en silencio.

Desde el día de 8h a 20h en la Sede Central Banco Santander Málaga, C/ Armengual de la Mota (Frente a El Corte Inglés)

11h: CONCENTRACION -CACEROLADA

SIGUENOS EN NUESTRAS REDES

ZAMBRA

@zambra_malaga

<https://www.facebook.com/zambramalaga/>

@Casakarakol

649 658 956 / 605 822 544



Apêndice XXVI

<p>3, 2, 1... SANTANDER ES PEOR QUE UN VIRUS</p> <p>Sus beneficios han subido más de un 13% en estos periodos de crisis. Con salarios superiores al millón de euros sus directivos son una casta de privilegiados. Quintuplica el salario mínimo de sus empleadxs bases o dicho de otra forma los altos directivos cobran 370 veces el salario mínimo. Directivos que hace 2 años aplicaron un ERE que afecto a 3.000 personas que quedaron en la calle.</p> <p>Santander Desahucia Entre 2007 y 2019 se estima que se han ejecutado en el estado español más de 800.000 desahucios en el de ellos más del 60%, son responsabilidad del Santander, BBVA y La Caixa.</p> <p>Santander te deja sin opciones... Participa de un fondo social de vivienda, donde prefiere la especulación a negociar con 2000 familias malagueñas que ya habitan esas viviendas y tienen concedida la extinta y fraudolenta ayuda FRES.</p> <p>Santander es corrupto Posee sociedades off shore en paraísos fiscales y fue públicamente denunciado por la ocultación de 2.000 millones de euros de la familia Botín en el HSBC de Ginebra (Suiza) a la hacienda pública.</p> <p>Santander mata Con una inversión de 2.190 millones de euros, ostenta el 2º puesto en inversión en el comercio mundial de armas. No solo invierte en tanques, metralletas, fusiles... incluso en armas nucleares.</p> <p>Es un banco antisocial, insolidario y sin un mínimo de ética. No confíes en Banco Santander.</p> <p>Cierra tu cuenta. Desconectate del Banco Santander.</p>	
	<p>3, 2, 1... SANTANDER ES PEOR QUE UN VIRUS</p> <p>Sus beneficios han subido más de un 13% en estos periodos de crisis. Con salarios superiores al millón de euros sus directivos son una casta de privilegiados. Quintuplica el salario mínimo de sus empleadxs bases o dicho de otra forma los altos directivos cobran 370 veces el salario mínimo. Directivos que hace 2 años aplicaron un ERE que afecto a 3.000 personas que quedaron en la calle.</p> <p>Santander Desahucia Entre 2007 y 2019 se estima que se han ejecutado en el estado español más de 800.000 desahucios en el de ellos más del 60%, son responsabilidad del Santander, BBVA y La Caixa.</p> <p>Santander te deja sin opciones... Participa de un fondo social de vivienda, donde prefiere la especulación a negociar con 2000 familias malagueñas que ya habitan esas viviendas y tienen concedida la extinta y fraudolenta ayuda FRES.</p> <p>Santander es corrupto Posee sociedades off shore en paraísos fiscales y fue públicamente denunciado por la ocultación de 2.000 millones de euros de la familia Botín en el HSBC de Ginebra (Suiza) a la hacienda pública.</p> <p>Santander mata Con una inversión de 2.190 millones de euros, ostenta el 2º puesto en inversión en el comercio mundial de armas. No solo invierte en tanques, metralletas, fusiles... incluso en armas nucleares.</p> <p>Es un banco antisocial, insolidario y sin un mínimo de ética. No confíes en Banco Santander.</p> <p>Cierra tu cuenta. Desconectate del Banco Santander.</p>

Apêndice XXVII

ESCRACHE/PERMANENCIA EN BANCO SANTANDER

**¡LA CASA KARAKOL
NO SE DESAHUCIA!
¡ALQUILER SOCIAL YA!**

Santander **VS** **CASAKARAKOL**

**COMIENZO
LUNES 16 DE MARZO**

**HORARIO:
TODOS LOS DIAS
DE 08:00 A 20:00**

**SITIO:
BANCO SANTANDER (SEDE CENTRAL).
CALLE ARMENGUAL DE LA MOTA, 3**

CONCENTRACIÓN - CACEROLADA 18 DE MARZO A LAS 11:00

**STOP
DESAHUCIOS**

Apêndice XXVIII

ESCRACHE/PERMANENCIA EN BANCO SANTANDER

¡LA CASA KARAKOL
NO SE DESAHUCIA!
¡ALQUILER SOCIAL!

Santander

COMIENZO
LUNES 16 DE MARZO

HORA
TODO
DE C

SITIO:
BANCO SANTANDER (SEDE CENTRAL).
CALLE ARMENGUAL DE LA MOTA, 3

STOP
DESAHUCIOS

MIÉRCOLES 18 DE MARZO A LAS 11:00

Apêndice XXIX



Apêndice XXX

CINEFORUM

LA HUELLA DE "LA DESBANDÁ"
*"Los pueblos que olvidan su historia,
están condenados a repetirla."*

**30 ENERO
20:00H**

Peñas Blancas s/n local 3
(Enfrente de la rotonda de los delfines)
Rincón de la Victoria

Con la participación de
Rafael Morales (Presidente del club
asociación sociocultural
"La Desbandá")

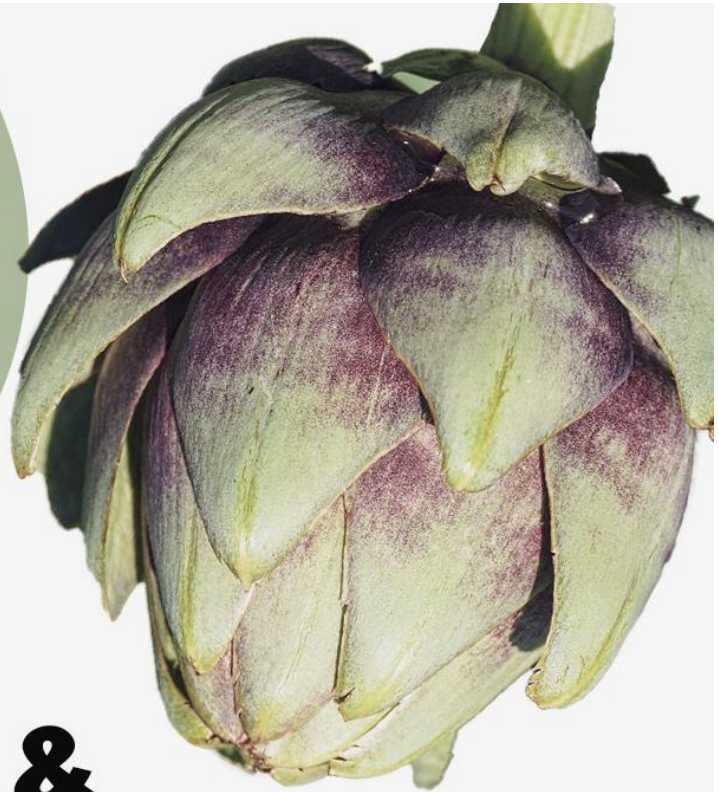
PARA MÁS INFO:
649 65 89 56
social@cgtandalucia.org
<https://www.cgtandalucia.org/>

Organiza:

Colabora:


Apêndice XXXI

26
ENERO
A LAS
12H



RIMAS & RAMAS

Con la poeta feminista andaluza

MARINA GIL

COMIDA DE TRAJE + REFRESCOS EN SOLIDARIDAD



Huerta la Dignidad, Parque Periurbano "La Virrena".

Parada Jane Bowles (Borodin) de las líneas 15 y 17
<https://www.facebook.com/rimasyramaspoesia/>

Apêndice XXXII

GUIA DE RECURSOS – PALMA PALMILLA

ALIMENTOS

Asociación de Amasadoras Malacitas
 Económico 25 mujeres. Productos básicos al 75% de descuento
 Inscripción en Servicios Sociales
 Apertura próximamente
 ☎ Avda. de Jane Bowles, 2, C
 ☎ 629 812 260

Clamas Palma Palmilla
 ⚠ SUSPENDIDO POR FALTA DE ALIMENTOS!
 ☎ Antonio Pérez: 657 08 82 80

IMPAYI
 Reparto de alimentos de primera necesidad.
 El reparto se lleva a cabo en el barrio de La Carta
 ☎ Camino de la Carta s/n, 25010 Málaga
 ☎ 952 61 85 62

Comedor de Santa Teresa
 ☎ Calaña 7
 Reparto a domicilio de comida cocinada de lunes a viernes.
 El viernes reparten un kit para el fin de semana.
 Acceso a través de Servicios Sociales

CSA Cruz Roja
 Reparto bioceutic, posibilidad de ducha por número.
 ☎ Camino de la Virreina 7, 1º dcha, Málaga
 Horario de 8 a 14h

Asociación en Entrepisos en la Comunidad Entera Palma Palmilla
 ☐ De lunes a Viernes (en la sede de la antigua AA.VV.)
 ☐ C/ Francisco Cánfer

Reparto de alimentos no perecederos
 Abierto desde 8:30h. Se guarda cola desde las 7h aprox.
 Presentar DNI
 ⚠ CANCELADO hasta que lleguen alimentos de Cruz Roja y Banco 501
Zuevas tarde 17h (hay que estar antes) reparto de fruta y verduras

BANCO CIENO
 Lunes a sábado
 13h reparto de comida cocinada.
 Llévate el talpón.
 ☐ C/ Francisco Cánfer

Servicios sociales Palma Palmilla
 Cestas de alimentos no perecederos y productos de higiene
Tarjetas Cruz Roja aportación económica para compra en supermercados.
Cuanta económica
 ☎ 951 92 60 75

MIXTAS

Red de apoyo vecinal MALAGA
 Apoyo a personas que no pueden bajar a la calle, reparto de alimentos (sujeto a que haya fondo en la caja de resistencia), pasaje animales, etc...
 ☎ 640 917 844

Red Malacita de Apoyo Vecino
 Grupo de Facebook donde ofrecer y pedir ayuda

VIVIENDA

Info sobre ayudas al alquiler, moratorias hipotecarias, apoyo ante situaciones de acoso o desahucio irregular

PAH MALAGA
 ☎ 699 752 914
 ☐ PAH MALAGA

Instituto Municipal de La Vivienda
 ☎ 951 92 61 53
 ☎ 951 92 61 64

Sindicato De Inquilinas e Inquilinos De Malaga
 Contacto a través de Facebook con el mismo nombre

Asociación Lasata
 Despidos, eras, eras, medidas de seguridad en el lugar de empleo, etc...
 ✉ socia@qjardaluca.org
 ☎ 649 659 956 - Se reciben las consultas que sean de viviendas.
 ✉ info@qjardaluca.org
 https://www.facebook.com/qjardaluca/
CMT
 ✉ cmnalaga@gmail.com

¿HAS QUEDADO FUERA DE LOS RECURSOS Y QUIERES ORGANIZARTY DENUNCIAR? ¿HAS SUFRIDO SANCIONES, O ABUSO POLICIAL Y QUIERES ACOMPAÑARTE?

➤ [@Zambración](https://www.facebook.com/zambra_malaga/) [@zambra_malaga](https://www.facebook.com/zambra_malaga/)
 ➤ https://www.facebook.com/zambra_malaga/